

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Dissertação



**“É o chão que continua”:
A arquitetura em taipa de mão do sertão de Quixadá - Ceará**

Stephane de Sousa e Silva Maia

Pelotas, 2022

Stephane de Sousa e Silva Maia

“É o chão que continua”:

A arquitetura em taipa de mão do sertão de Quixadá - Ceará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Daniele Baltz da Fonseca

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M217e Maia, Stephane de Sousa e Silva

É o chão que continua : a arquitetura em taipa de mão do
Sertão de Quixadá - CE / Stephane de Sousa e Silva Maia ;
Daniele Baltz da Fonseca, orientadora. — Pelotas, 2022.

194 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de
Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Arquitetura popular. 2. Taipa de mão. 3. Sertão Central
Cearense. 4. Saber fazer. 5. Inventário. I. Fonseca, Daniele

Stephane de Sousa e Silva Maia

“É o chão que continua”: A arquitetura em taipa de mão do sertão de Quixadá - Ceará

Dissertação aprovada, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 30 de março de 2022

Banca examinadora:

.....
Prof. Dra. Daniele Baltz da Fonseca (Orientador)
Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

.....
Prof. Dr. Daniel Ribeiro Cardoso
Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP.

.....
Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para que ele se concretizasse.

Agradecimentos

Meu profundo agradecimento a minha mãe, Ana Siléa, que sempre fez questão de zelar pela minha educação e de meu irmão Edson Filho. Por tudo que vivemos e sonhamos juntas, e pelo apoio incondicional, que me inspira todos os dias.

Ao Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e a todas as pessoas que fazem parte dele, professores e demais funcionários. Que desde o primeiro momento foram apoio para mim, que chegava de tão longe. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil, CAPES, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

A minha orientadora, querida Daniele Baltz da Fonseca, por toda a dedicação e prontidão em compartilhar comigo sempre seus conhecimentos. Minha eterna gratidão por toda a paciência e companheirismo, mesmo em tempos difíceis.

Ao Alan Ribeiro, companheiro de vida que sempre esteve ao meu lado, me fazendo lembrar todos os dias que estou no caminho certo e que sou capaz de tudo.

A todas as pessoas que contribuíram para esta pesquisa, em especial os moradores e mestres construtores das casas de taipa de mão de Quixadá, que compartilharam comigo seus saberes e vivências.

Aos grandes amigos que tenho, e que com certeza sabem sem eu precisar citá-los um a um, vocês são meu porto seguro.

“Não há como consertar as casas de barro, então o jeito é construir uma nova, em outra parte do terreiro. Era assim com todos que moravam na fazenda: enquanto fazíamos a nova, deixávamos a antiga tombar ali mesmo. Zezé ajudou a carregar o barro do rio, cortar estacas para a forquilha e parede. Via com um encanto uma casa nascer da própria terra, do mesmo barro em que, se lançássemos sementes, veríamos brotar o alimento. Quantas vezes havia visto aquele ritual de construir e desmanchar casas e ainda me maravilhava ao ver se levantar as paredes que seriam nosso abrigo”.

Torto Arado - Itamar Vieira Junior

Resumo

MAIA, Stephane de Sousa e Silva. “É chão que continua”: A arquitetura em taipa de mão do sertão de Quixadá – Ceará. Orientador(a): Daniele Baltz da Fonseca. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

A presente pesquisa tem como tema a arquitetura popular, entendida como aquela produzida pelo próprio povo, dentro de diferentes escalas e contextos socioespaciais. Mesmo sendo um tema há muito tempo pesquisado e debatido, ainda são incipientes as tentativas de sua documentação, sistematização e disseminação. Tida como uma arquitetura de menor valor e rotulada muitas vezes como “não arquitetura” é relegada, não fazendo parte da formação dos arquitetos e urbanistas, sendo geralmente associada à pobreza, contribuindo para a marginalização dessas manifestações arquitetônicas. As casas de taipa de mão construídas no contexto do interior do estado do Ceará, passa há anos, por um processo de desvalorização, preconceito, marginalização e conseqüentemente o desaparecimento, tanto de seus aspectos materiais, através da gradativa substituição técnica da taipa por outras técnicas e materiais construtivos; como imateriais, pela perda dos saberes e fazeres atrelados a elas. Assim a presente pesquisa, de caráter qualitativo, teve como o objetivo de elaborar um inventário que localize, apresente e documente a situação das casas de taipa de mão de áreas rurais do município de Quixadá, no interior do estado do Ceará. Para isso foi necessário identificar e mapear as casas de taipa de mão de áreas rurais do município, descrever suas características morfológicas e registrar e analisar o saber fazer dessa arquitetura através das narrativas dos mestres construtores e moradores. O percurso metodológico se baseou na pesquisa bibliográfica e documental sobre a temática da arquitetura popular e outros temas transversais a ela, como história de formação da cidade de Quixadá e sua divisão espacial, além da apropriação de instrumentos de inventário já consagrados, produzidos pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), porém adaptados às necessidade e realidade local. Para documentar os aspectos materiais, tipológicos e de conservação das casas de taipa de mão, foi utilizado como referência o Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) e para a documentação dos saberes e fazeres construtivos repassados entre as gerações pelos mestres construtores, foi utilizado a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Após a realização da pesquisa de campo e aplicação dos instrumentos de inventário foi possível traçar um panorama atual das casas de taipa de mão de quatro localidades do município de Quixadá/CE, Pote Seco, Vila Nova, Poço Verde e Engano, identificando, mapeando e catalogando aspectos arquitetônicos como implantação, tipologia, conservação, e os saberes e fazeres relacionados à construção das casas de taipa, através de entrevistas semiestruturada com os mestres construtores locais. É possível perceber que o estereótipo de pobreza e insalubridade ainda está fortemente atrelado às construções em taipa de mão, embora não possamos negar que pessoas em posição de vulnerabilidade recorrem à esses métodos construtivos. No entanto é possível perceber nos discursos de moradores e mestres construtores, uma relação com a taipa e ao seu processo construtivo, que mesmo com todas as investidas de projetos de substituição e até mesmo erradicação, ainda carrega saberes e fazeres repassados de geração em geração.

Palavras-chave: Arquitetura popular. Taipa de mão. Sertão Central Cearense. Saber fazer. Inventário.

Abstract

MAIA, Stephane de Sousa e Silva. "It's ground that continues": The architecture in mud of hand of the sertão of Quixadá - Ceará. Advisor: Daniele Baltz da Fonseca. 2021. 201 f. Dissertation (Master's in Social Memory and Cultural Heritage) – Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The present research has as its theme popular architecture, understood as that produced by the people themselves, within different scales and socio-spatial contexts. Even though being a topic that has been researched and debated for a long time the attempts to document, systematize and disseminate it are still incipient. Considered as an architecture of lesser value and often labeled as “non-architecture” it is relegated not being part of the education of architects and urban planners, being generally associated with poverty contributing to the marginalization of these architectural manifestations. The houses made of mud by hand built in the context of the countryside of the state of Ceará have been going through a process of devaluation, prejudice, marginalization and consequently the disappearance, both of their material aspects through the gradual technical replacement of mud by other techniques and building materials; as immaterial, due to the loss of knowledge and actions linked to them. Thus, this qualitative research has as its theme popular architecture, with the objective of elaborating an inventory that locates, presents and documents the situation of mud houses in rural areas of the municipality of Quixadá in the countryside of the state of Ceará. For this, it was necessary to identify and map the mud houses in rural areas of the municipality, describe their morphological characteristics and record and analyze the know-how of this architecture through the narratives of the master builders and residents. The methodological approach was based on bibliographic and documental research on the popular architecture and other themes that are transversal to it such as the history of the formation of Quixadá and its spatial division, in addition to the appropriation of already established inventory instruments produced by the Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) but adapted to the local needs and context. To document the material, typological and conservation aspects of the mud houses the Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) was used as a reference and for the documentation of constructive knowledge and practices passed on between generations by the master builders it was used the methodology of the Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). After carrying out the field research and application of the inventory instruments it was possible to draw a current overview of the mud houses of four locations in the municipality of Quixadá/CE which are Pote Seco, Vila Nova, Poço Verde and Engano by identifying, mapping and cataloging architectural aspects such as implantation, typology, conservation and the knowledge and practices related to the construction of mud houses, through semi-structured interviews with local master builders. It is possible to perceive that the stereotype of poverty and insalubrity is still strongly linked to the constructions made of mud although we cannot deny that people in vulnerable positions resort to these constructive methods. However, it is possible to find in the speeches of residents and master builders a relationship with the rammed earth and its construction process which even with all the effort of replacement and even eradication projects, still carries the knowledge and practices passed on from generation to generation.

Keywords: Popular architecture. Hand mud. Sertão Central Cearense. Know-how. Inventory.

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1: Tapial da Muralha da China | 29 |
| Figura 2: Pirâmide do Sol, em Teotihuacan, Cidade do México | 29 |
| Figura 3: Cubata – casa – Angolana | 30 |
| Figura 4: Mesquita de Djenné, Mali | 30 |
| Figura 5: Diagrama CRATerre | 32 |
| Figura 6: Adaptação do diagrama original de CRATerre | 33 |
| Figura 7: Esquema resumo dos módulos do SICG | 45 |
| Figura 8: Mapa região Nordeste. 53 | |
| Figura 9: Sobreposição da Região Semiárida e Polígono das Secas no Nordeste brasileiro | 54 |
| Figura 10: Fotografia da mesma residência e da vegetação do entorno, nos meses de Abril e Outubro de 2016, respectivamente | 55 |
| Figura 11: Recorte do Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (Adaptado do mapa de Curt Nimuendaju, 1944) | 58 |
| Figura 12: Municípios com terras quilombolas no Ceará e seus estados | 60 |
| Figura 13: As incursões no Nordeste | 62 |
| Figura 14: Primeiras vilas do Ceará, 1699-1823 | 63 |
| Figura 15: Complexo de fazenda de gado do nordeste, localizada na zona rural do Icó, Ceará, Fazenda Loreto | 64 |
| Figura 16: Diagrama de implantação de uma fazenda de gado (Fazenda Loreto) do nordeste no município de Icó, Ceará, com a presença de elementos principais | 64 |
| Figura 17: Carta corographica da Província do Ceará, ao centro Quixadá, e representação de cadeia montanhosa onde povos indígenas foram aldeados | 66 |
| Figura 18: Recorte do Mapa municipal de Quixadá, Projeto atlas de divisas municipais georreferenciados do estado do Ceará | 67 |
| Figura 19: Círculo rural de Quixadá-CE | 69 |
| Figura 20: Praça José de Barros, e ao fundo a Pedra do Cruzeiro | 70 |
| Figura 21: Capela do Sagrado Coração de Jesus, à esquerda fotografia datada de 1920, à direita, mesma capela, com anexo do atual Colégio Sagrado Coração de Jesus, fotografia datada de 2019 | 70 |

| | |
|--|-----|
| Figura 22: Esquema de representação sobre a localização da fazenda de Quixadá em 1910 e atualmente | 71 |
| Figura 23: Fotografia de 1935 mostra sacas de algodão e de outros produtos aguardando ser transportados, a rua não se sabe ao certo qual seria | 72 |
| Figura 24: Alguns dos galpões utilizados para o beneficiamento do algodão em Quixadá, localizado na Rua Clarindo de Queiroz, Centro | 73 |
| Figura 25: Vista da barragem principal do Açude Cedro em 1912 e 2019 respectivamente | 74 |
| Figura 26: Regiões de planejamento do Ceará, ao centro em amarelo, a região do Sertão Central | 76 |
| Figura 27: Paus de arara que trazem os moradores dos distritos para o centro de Quixadá | 80 |
| Figura 28: Processo de moldagem de tijolos de adobe | 84 |
| Figura 29: Apiloamento do barro na técnica da taipa de pilão | 84 |
| Figura 30: Parede de taipa de mão sendo alisada com as mãos pelo construtor | 85 |
| Figura 31: Pinturas acerca do Brasil colonial. Casa de Fazenda, 1651, e Assentamento no Brasil, 1654 respectivamente, as duas de Frans Post | 86 |
| Figura 32: Recortes de notícias sobre casas de taipa no Nordeste entre os anos de 2005 e 2021 | 89 |
| Figura 33: Comparação entre os anos de 1991 e 2010, Material das paredes externas dos domicílios | 92 |
| Figura 34: Planejamento de desenvolvimento estadual com relação à habitação em áreas rurais | 93 |
| Figura 35: Regiões de planejamento do estado do Ceará | 95 |
| Figura 36: Áreas rurais e urbanas de Quixadá | 96 |
| Figura 37: Mapa das localidades investigadas | 98 |
| Figura 38: Conjunto de casa pertencentes ao mesmo núcleo familiar na localidade de Pote Seco, Quixadá/CE | 99 |
| Figura 39: Mapa das casas investigadas – Pote Seco | 101 |
| Figura 40: Mapa das casas investigadas – Vila Nova | 102 |
| Figura 41: Mapa das casas investigadas – Poço Verde | 103 |
| Figura 42: Mapa das casas investigadas – Engano | 104 |

| | |
|--|-----|
| Figura 43: Exemplos com fachada frontal voltado para a CE-265 e fachadas laterais paralelas à CE-265 | 105 |
| Figura 44: Exemplos em taipa de mão revestida e não revestida | 109 |
| Figura 45: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Pote Seco | 110 |
| Figura 46: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Vila Nova | 111 |
| Figura 47: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Poço Verde | 112 |
| Figura 48: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Engano | 113 |
| Figura 49: Exemplo de casa de taipa com alpendre frontal em cobertura independente e com estrutura em tijolos cerâmicos e cobertura como prolongamento da cobertura principal com estrutura em madeira | 115 |
| Figura 50: Mapeamento de tipologia de alpendre – Pote Seco | 116 |
| Figura 51: Mapeamento de tipologia de alpendre – Vila Nova | 117 |
| Figura 52: Mapeamento de tipologia de alpendre – Poço Verde | 118 |
| Figura 53: Mapeamento de tipologia de alpendre – Engano | 119 |
| Figura 54: Fotografias de detalhes do madeiramento das coberturas e troncos e galhos utilizados | 120 |
| Figura 55: Mapeamento de tipologia de cobertura – Pote Seco | 122 |
| Figura 56: Mapeamento de tipologia de cobertura – Vila Nova | 123 |
| Figura 57: Mapeamento de tipologia de cobertura – Poço Verde | 124 |
| Figura 58: Mapeamento de tipologia de cobertura – Engano | 125 |
| Figura 59: Fotografias de detalhes de portas e janelas de fachadas | 126 |
| Figura 60: Tipos de danos para determinação de estado de conservação de edificações | 128 |
| Figura 61: Quadro de estado de conservação de fichas de campo elaboradas | 129 |
| Figura 62: Casas em ótimo estado de conservação, VN015 e EN052 respectivamente | 130 |
| Figura 63: Casas em bom estado de conservação PS06 e EN047 respectivamente | 130 |
| Figura 64: Casas em estado precário de conservação, PS013 e EN042 respectivamente | 131 |
| Figura 65: Casas em arruinamento, PS010 e VN023 respectivamente | 131 |
| Figura 66: Casa arruinada, PS07 | 132 |
| Figura 67: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Pote Seco | 133 |

| | |
|--|-----|
| Figura 68: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Vila Nova | 134 |
| Figura 69: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Poço Verde | 135 |
| Figura 70: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Engano | 136 |
| Figura 71: Detalhe das forquilhas | 143 |
| Figura 72: Algumas das ferramentas de trabalho | 146 |

Lista de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Quantitativo de casas de taipa revestida e não revestida no Brasil e Ceará | 88 |
| Tabela 2: Quantitativo de casas de taipa revestida e não revestida no Brasil, regiões, Ceará e Quixadá, tabulação por família | 90 |
| Tabela 3: Comparativo de dados quantitativos referentes às casas de taipa por regiões, estado do Ceará e município de Quixadá | 91 |

Lista de Quadros

| | |
|---|-----|
| Quadro 1: Quadro resumo de critério utilizados para contextualização da pesquisa | 46 |
| Quadro 2: Quadro resumo de critério utilizados para diagnóstico da taipa | 46 |
| Quadro 3: Quadro resumo de critérios constantes às fichas do Módulo 3 do SICG | 47 |
| Quadro 4: Quadro resumo de critérios elencados nas fichas do Módulo 3 do SICG | 47 |
| Quadro 5: Quadro resumo dos critérios utilizados para estruturação do roteiro de entrevista semiestruturada | 49 |
| Quadro 6: Resumo de informações sobre distritos do município de Quixadá | 78 |
| Quadro 7: Etapas para a construção de uma casa de taipa de mão | 141 |
| Quadro 8: Resumo de características de espécies utilizadas na construção de casas de taipa | 144 |

Lista de siglas e abreviaturas

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas
Arqpop: Arquitetura Popular: Espaços e Saberes
ASA: Articulação do Semiárido
BTC: Bloco de Terra Comprimida
CECAD: Consulta, Seleção e Extração de Informações do CadÚnico
CIAV: Comitê Internacional de Arquitetura Vernacular
CRATerre: Centro Internacional para Construção com Terra
DNOCS: Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNASA: Fundação Nacional de Saúde
ICOMOS: Comitê Internacional de Monumentos e Sítios
IEPHA: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INRC: Inventário Nacional de Referências Culturais
IPECE: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISCEAH: Comitê Científico Internacional do Patrimônio Arquitetônico Terrestre
ISPN: Instituto Sociedade, População e Natureza
ONG's: Organizações Não Governamentais
ONU: Organização das Nações Unidas
PMCMV: Programa Minha Casa Minha Vida
PNHR: Programa Nacional de Habitação Rural
PROTERRA: Rede Ibero-americana de Arquitetura e Construção com Terra
SEPLAG: Secretaria do Planejamento e Gestão
SICG: Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão
SUDENE: Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFBA: Universidade Federal da Bahia
UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 19 |
| 2. A arquitetura popular no mundo e no Brasil | 24 |
| 2.1 Conceituando a arquitetura vernacular ou popular | 24 |
| 2.2 A arquitetura em terra e as diferentes técnicas | 28 |
| 2.3 A importância da documentação dessa arquitetura popular | 36 |
| 3 Percurso Metodológico | 40 |
| 3.1 Trajetória de pesquisa e seus atravessamentos | 40 |
| 3.2 Procedimentos e instrumentos | 41 |
| 3.2.1 O Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG | 43 |
| 3.2.2 O Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC | 48 |
| 4. Contextualizando o campo de estudo | 51 |
| 4.1 A geografia da região nordeste | 51 |
| 4.2 A formação histórica do Ceará e sua conformação espacial atual | 57 |
| 4.3 A formação do município de Quixadá | 65 |
| 4.4 Conhecendo Quixadá e o Sertão Central | 75 |
| 5. As construções em terra no Brasil: O panorama Nordeste – Ceará – Quixadá | 83 |
| 5.1 As técnicas presentes no Brasil | 83 |
| 5.2 A situação atual das construções em taipa | 87 |
| 6. O Inventário da arquitetura popular de Quixadá/CE | 95 |
| 6.1 Contextualizações gerais sobre o campo de estudo | 95 |
| 6.2 Ambiência das casas de taipa de mão do município de Quixadá | 99 |
| 6.3 A documentação das casas de taipa de mão e seus saberes | 100 |
| 6.3.1 A implantação no terreno | 100 |
| 6.3.2 A tipologia através das fachadas | 109 |
| 6.3.2.1 Taipa revestida e não revestida | 109 |
| 6.3.2.2 O alpendre | 114 |
| 6.3.2.3 A cobertura | 120 |
| 6.3.2.4 Porta e Janela | 126 |
| 6.4 Estados de conservação | 127 |
| 6.5 A documentação dos aspectos imateriais das casas de taipa de mão | 137 |

| | |
|--|------------|
| 6.5.1 A oralidade na transmissão de saberes | 137 |
| 6.6 Materiais e técnicas construtivas locais | 139 |
| 7. Considerações finais | 151 |
| 8. Referências | 156 |
| Apêndice | 166 |

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema principal a arquitetura popular, partindo da problemática em torno das casas de taipa de mão do município de Quixadá, no estado do Ceará. A arquitetura vernácula ou popular pode ser compreendida como moradias ou demais tipologias construídas por determinada comunidade, através de tecnologias tradicionais, para atender suas necessidades, estando relacionado com seu contexto ambiental e recursos disponíveis (BRONER, 2006, p. 24 apud OLIVER, 1997b, xxiii). O termo vernáculo, de origem do latim *vernaculus*, se refere a algo próprio de determinado país ou região (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021, s/d), identificando construções como representações sociais vinculados a sistemas culturais de valores e crenças (BRONNER, 2006, p. 24). Alguns autores, preferem se referir a essa arquitetura como popular, aquela produzida pelo próprio povo, e que por ele é realizada (WEIMER, 2012, p. XLI), geralmente de forma manual, que envolve um saber e um fazer repassado entre gerações, manifestando-se no mundo todo.

No Brasil, esta arquitetura se manifesta em todas as regiões do país, apresentando peculiaridades e variações conforme o contexto inserido e recursos disponíveis. No entanto, essa diversidade ou quantidade nem sempre representa valorização. O que se percebe é uma desvalorização que se reflete na não inclusão da temática na grade curricular dos cursos de arquitetura e urbanismo, no menosprezo das técnicas construtivas populares, no desaparecimento dessas manifestações arquitetônicas e conseqüentemente, na perda dos saberes e fazeres relacionados a essa arquitetura. A arquitetura vernácula ou popular é ainda rotulada como “não arquitetura”, a falta de informações, pouco aproveitamento das técnicas construtivas, aumento do preconceito em relação à durabilidade, segurança e a marginalização dessa arquitetura amplia ainda mais o desinteresse de seu aprendizado (SANT’ANNA, 2013, p. 41).

Trazendo o debate da arquitetura popular para o contexto da região Nordeste é possível se deparar com a arquitetura de taipa de mão, comum em vários estados. O termo taipa, genericamente empregado, significa a utilização de solo, argila ou terra como matéria-prima básica de construção (PISANI, 2004, p. 09). É comum encontrar termos como taipa de mão, de sebe, de pilão e de sopapo, que se refere a formas de execução da construção com a terra. Também costuma-se chamar por pau a pique,

já que a terra, se apoia em uma estrutura de madeira, assim chamada. A taipa de mão, técnica a ser aprofundada na presente pesquisa, consiste na confecção de uma trama de madeira e posterior recebimento de uma massa de terra consistente, com o auxílio das mãos (LOPES et al, 2013, p. 72). A terra é utilizada como vedação da estrutura armada em madeira, molhada e amassada com os pés e mãos até adquirir uma boa consistência para ser posteriormente pressionada com as mãos, entre as frestas de madeira (WEIMER, 2012, p. 262).

Construída em diferentes épocas e ainda hoje, mesmo com frequentes campanhas de substituição, a taipa, utilizada principalmente em áreas predominantemente rurais, é uma técnica presente, e compõe elemento importante para a conformação da paisagem rural de vários municípios brasileiros. No Ceará, o município de Quixadá, local onde se desenrola a presente pesquisa, formado por uma sede e mais 12 distritos com grandes áreas de predominância de características rurais, as casas de taipa de mão se fazem presentes, em números significativos. No entanto, essas construções estão em gradual desaparecimento, seja materialmente, pelo estímulo ao uso de construções convencionais de tijolos cerâmicos, e imaterial, pela perda dos saberes e fazeres construtivos que envolvem essa arquitetura, à medida que não são mais construídas.

As pesquisas sobre arquitetura popular ou vernacular já se firmam há bastante tempo e trazer cada vez mais o debate para o meio acadêmico é uma forma de contribuir para a construção do conhecimento sobre a temática, proporcionando novos olhares e análises, principalmente no contexto do interior do estado do Ceará, no Nordeste brasileiro. Além disso, incentivar estudos sobre a temática é contribuir para a visibilidade das comunidades produtoras, e ressaltar a importância que elas têm para a conformação de determinadas cidades, afinal a arquitetura popular também é uma forma de resistência.

Esta pesquisa também tem relevância pessoal, pois, ter se graduado em arquitetura e urbanismo no contexto do sertão cearense, e perceber a carência de abordar uma arquitetura mais próxima da realidade de cidades do interior do Estado e de áreas rurais, é motivo de inquietação. É ver se confirmar a afirmativa do autor Gunter Weimer, “a arquitetura popular, de forma genérica, não faz parte do imaginário dos arquitetos” (WEIMER, 2012, p. XXXVI). As construções em que nasci, cresci ou que sempre vi nas passagens pelas vilas, e outras pequenas cidades do interior do

Ceará, nem sempre estão nos livros, nas falas dos professores, nas técnicas estudadas e sequer são tidas, às vezes, como arquitetura por muitos, mesmo depois dos longos anos de formação.

Ainda referente a essa constante desvalorização, a arquitetura popular, principalmente no que diz respeito a áreas do interior de estados, sofre com a carência de informações, levantamentos e dados geográficos, reduzidos a dados quantitativos a cada dez anos, quando o censo demográfico é realizado. No cenário incerto que vivenciamos em relação ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e suas pesquisas, o cenário se torna ainda mais grave.

Diante do cenário acima exposto, e da preocupação em relação ao desaparecimento dessa técnica construtiva popular, pergunta-se: qual é a atual situação dessa arquitetura nas áreas rurais do município de Quixadá/CE, em relação à conservação dos seus valores materiais e imateriais?

Visando responder este questionamento se faz necessário e pertinente, como objetivo central desta pesquisa, elaborar um inventário que localize, apresente e documente a situação das casas de taipa de mão de áreas rurais do município de Quixadá atualmente. Para isso, torna-se necessário: a) Identificar e mapear as casas de taipa de mão de áreas rurais do município de Quixadá/CE; b) descrever as características morfológicas das casas de taipa de mão presentes nas áreas estudadas; c) Registrar e analisar o saber fazer dessa arquitetura através das narrativas dos mestres construtores e moradores.

De acordo com a categoria de abordagem, a pesquisa se caracteriza como qualitativa. Quanto aos objetivos apresentados, se caracteriza como uma pesquisa exploratória, pois busca uma maior familiaridade, aproximação e conseqüentemente visibilidade à temática (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p.35).

Quanto aos procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, a mesma caracteriza-se por um estudo de caso, pois a pesquisa está delimitada numa determinada área do município de Quixadá e como já explicitado anteriormente é um objeto que se faz presente em outras regiões; conta com pesquisa de campo, do tipo exploratório-descritivo combinados, pois é a partir do campo que se colherá as informações necessárias para alcançar os objetivos (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p.37/39); e conta com pesquisa bibliográfica e documental, se baseando em referências teóricas já publicadas como artigos e livros e também dados oficiais de

censos demográficos e bases de dados de órgãos do governo federal e estadual, com o intuito de recolher informações sobre a temática da arquitetura popular, as técnicas construtivas e especificamente sobre dados referentes às casas de taipa de mão no Ceará e no município de Quixadá.

Ainda considerando o objetivo principal da pesquisa, elaborar um inventário que localize, apresente e documente a situação das casas de taipa de mão em áreas rurais do município de Quixadá atualmente, se faz necessário voltar os olhos às metodologias de inventário já produzidas como forma de contribuir para a construção de uma metodologia própria para abordagem do universo do objeto de estudo, considerando as suas particularidades. Assim a pesquisa se desenvolve a partir do uso metodologia de inventário proposta pelo SICG, Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão, desenvolvido pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para a coleta e organização de informações os objetos de estudo, aliado a metodologia do Inventário de Referências culturais (INRC), também desenvolvida pelo IPHAN, pois para além da materialidade arquitetônica das casas de taipa de mão, entende-se a importância do saber fazer atrelado, repassado entre gerações através da oralidade. Para isso, um roteiro de entrevista foi elaborado, para ser aplicado quando possível e necessário, considerando os pontos propostos pela metodologia do INRC.

Com isso, a estrutura do presente trabalho se apresenta da seguinte forma, o segundo capítulo, o seguinte, se propõe a apresentar os aspectos teóricos da arquitetura popular ou vernacular e suas características, a arquitetura em terra e as diferentes técnicas e a importância da documentação e valorização dessa arquitetura. O terceiro capítulo, apresenta todo o percurso metodológico, contemplando os instrumentos apropriados e como foram adaptados para atingir os objetivos da pesquisa. No quarto capítulo adentramos a área de pesquisa propriamente dita, apresentando o contexto do bioma da Caatinga na Região Nordeste, Ceará e Quixadá, que influencia diretamente no contexto de vida local; a história de formação da cidade de Quixadá, algumas características pertinentes à lógica de vida na cidade do interior. No capítulo cinco apresenta-se um panorama das casas de taipa no Brasil, Nordeste, Ceará e Quixadá, apontando para a posição em que essa arquitetura se encontra atualmente, as campanhas de combate e substituição das casas de taipa de mão e o conseqüente risco de desaparecimento. O sexto capítulo se dedica a

apresentação em formato textual do inventário elaborado, tanto dos aspectos materiais como imateriais atrelados às casas de taipa de mão em Quixadá. Neste tópico são apresentadas resumidamente as principais características elencadas no inventário, que constam nas fichas produzidas para a coleta de informações. Também se apresenta trechos das entrevistas tidas com os mestres construtores, buscando apresentar as experiências fundamentais para o entendimento do saber fazer atrelado a técnica construtiva. Por fim, o capítulo final, o sétimo, se propõe a fazer algumas reflexões sobre tudo que foi investigado referente as casas de taipa de mão de modo geral e em Quixadá.

2. A ARQUITETURA POPULAR NO MUNDO E NO BRASIL

O presente capítulo irá abordar alguns aspectos teóricos da arquitetura popular ou vernacular, elencando suas principais características. Trata de uma breve contextualização histórica sobre a arquitetura de terra em diferentes lugares do mundo e a catalogação das várias técnicas desenvolvidas. Apresenta, especialmente a taipa de mão, técnica importante para esta pesquisa e ainda aponta para a necessidade da valorização da arquitetura popular ou vernácula de modo geral e conseqüentemente a arquitetura em taipa de mão.

2.1 Conceituando a arquitetura vernacular ou popular

A arquitetura vernacular e popular são designações opostas à uma arquitetura àquela tida como erudita¹. Vernacular ou popular, esse tipo de arquitetura durante muito tempo foi e ainda é relegada a uma posição inferior dentro do campo.

Para entender onde esses termos nos levam, uma busca nos dicionários já nos ambienta. O significado da palavra vernacular, diz respeito a “um estilo local em que casas comuns são construídas” (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2020, tradução nossa)², ou “algo próprio de determinado país ou região” (MICHAELIS, 2020). A palavra popular, se refere aquilo pertencente ao povo, por ele produzido e geralmente de baixo custo (MICHAELIS, 2021).

O autor Amos Rapoport, no seu livro *House form and culture*, em 1969, define a arquitetura vernacular como a forma física, material, da cultura, necessidades e valores de uma povo (RAPOPORT 1969 apud VALÉRY, s/d, p. 31), destacando algumas características, como a ausência de pretensões teóricas ou estéticas, a relação com o lugar de implantação e com o microclima, e o respeito às demais pessoas e suas casas e conseqüentemente com o ambiente total, natural ou fabricado pelo homem (apud RAPOPORT, 1969, p.15, apud TEIXEIRA, 2008, p.35).

Rapoport acrescenta ainda que a arquitetura vernacular teria como característica a qualidade aditiva, ou seja, não está totalmente encerrada após a sua

¹ Essa diferenciação entre aquilo que pode ser dito como popular ou erudito, remontam construções conceituais históricas, sociais e políticas (CHARTIER, 1995, p.179). Essa dicotomia, no entanto, pode destacar ainda mais uma desvalorização de manifestações culturais – dos mais diversos tipos – que são postas em posição de subalternidade, expostas assim ao risco de desaparecimento

² “A local style in which ordinary houses are built”.

construção, podendo ser modificada de acordo com a necessidade de cada família ou condições geográficas. As técnicas construtivas, mesmo repassadas entre as gerações, se diferenciam ao longo do tempo, de acordo com as necessidades de seus construtores³ (RAPOPORT, 1969, p.5-6).

Paul Oliver, estudioso da história da arquitetura, editou em 1997 a obra "*Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*", composta em três volumes com contribuições de vários pesquisadores do mundo. A enciclopédia contempla desde as teorias e princípios que sustentam a arquitetura vernacular e seus contextos sociais e culturais. É considerada uma obra importante tanto de divulgação como aprofundamento da arquitetura vernacular no mundo. Oliver assim como Rapoport, também ressalta a relação entre arquitetura vernacular e cultura de um povo. Para Oliver, além de estudar os edifícios e suas estruturas é necessário também compreender a complexidade da cultura, as motivações e valores que as pessoas têm ao criá-los (PARISI E VILLAÇA, 2008, s/n)

O autor também já evidenciava o fato da arquitetura privilegiar edifícios monumentais, enquanto que a arquitetura vernacular continuava desvalorizada.

Aos tratados de história da arquitetura, raras vezes interessa algo além dos edifícios monumentais. Até pouco tempo atrás, o que aparecia na "história" nos textos escolares eram reis e rainhas, príncipes e imperadores, papas e bispos, a história das batalhas, conflitos e conquistas, manobras políticas e dominações dinásticas mais do que as pessoas que integravam a população. A história se libertou em grande parte desse espartilho e já se interessa muito mais pela natureza mutante e da evolução da sociedade como um todo. Enquanto a dita "história" agora presta atenção à vida das pessoas simples que tomaram parte nas batalhas e foram conduzidas pelos grandes senhores, a arquitetura continua substancialmente obscurecida com a contemplação de edifícios que alojaram os principais atores da velha "história" formal (WEIMER, 2012 apud OLIVER, 1997)

Os autores Ticle e Rezende (2018), apresentam uma interessante relação entre o Movimento da Nova História e da Arquitetura Vernacular, principalmente entre os

³ Another characteristic of vernacular is its additive quality, its unspecialized, open-ended nature, so different from the closed, final form typical of most high-style design. It is quality which enables vernacular buildings to accept changes and additions which would visually and conceptually destroy a high-style design. Vernacular is also characterized by the greater importance and significance of relationships between elements, and the manner in which these relationships are achieved, rather than by the nature of the elements themselves. This however, leads us into the realm of urban design, which is the topic for another book (OLIVER, 1969, p. 5-6).

anos de 1970 e 1980. Essa relação nos dá uma pista sobre os primeiros estudos sobre a arquitetura vernacular a partir dos anos 1970. De acordo com Peter Burke, o Movimento da Nova História nasce como uma reação à sensação de inadequação dos paradigmas tradicionais do fazer historiográfico, anteriormente com espaço privilegiado para nomes de grande políticos, militares e religiosos. Na Nova história, a atuação do homem no espaço e no tempo passa a ser valorizada, buscando compreender de maneira mais aproximada o cotidiano, a experiência comum, a cultura (TICLE E REZENDE, 2018, p. 116). Essa mudança de foco, se reflete também na arquitetura;

Na Arquitetura, para além de grandes nomes, monumentos, construções excepcionais e definições estilísticas, são incorporados o comum, as práticas construtivas e materiais do cotidiano, as edificações erigidas por anônimos e representativas de determinados grupos e práticas culturais, aquelas que traduzem tipologias características de certas comunidades, períodos, contextos, que são lidas enquanto representações (TICLE E REZENDE, 2018, p. 120).

Essa arquitetura, que incorpora aspectos do cotidiano de determinada localidade e que se torna permanente em um espaço de tempo, passa a ser considerada como uma forma de visualizar, de maneira material, práticas, costumes e rotinas de pessoas e grupos (TICLE E REZENDE, 2018, p. 119).

Também fazendo uma relação com a cultura local, Daniel Cardoso (2011), em sua tese *Desenho de uma poiesis*⁴, refere-se a arquitetura vernacular como aquela “que se forma a partir e dentro de uma cultura, num movimento de baixo para cima”. Com essas palavras, o autor se refere a uma arquitetura que emerge, quase que espontaneamente, onde se indicia uma atividade cultural, definida como atividades sociais realizadas em relação de cooperação com o outro (CARDOSO, 2008, p. 47).

O autor Gunter Weimer, responsável por um vasto apanhado sobre a arquitetura vernacular, prefere adotar a expressão arquitetura popular, para definir “aquela que é própria do povo e que por ele é realizada” (WEIMER, 2012, p. XLI). Assim como os outros autores citados anteriormente, Gunter Weimer (2012) também aponta para o fato de que essa arquitetura “não está presente no imaginário dos

⁴ A tese em questão se trata do estudo do processo de formação tipológica de casas construídas entre os anos de 1890 e 1980, na região de Cajuais e Mutamba, no litoral sul do Ceará. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica PUC/SP.

arquitetos, pois dentro de um campo tradicionalmente marcado pela monumentalidade, a mesma nunca teve um espaço de destaque”.

A essa arquitetura, o autor também apresenta de forma clara e sucinta, o que podemos chamar das cinco características fundamentais da arquitetura popular. Essas características se aproximam bastante de todas as características apresentadas por outros autores, tenha ela a denominação de vernácula ou popular.

A primeira característica, seria a simplicidade, por fazer uso de materiais fornecidos pelo meio ambiente, embora não se reduza apenas à realização da natureza. Vale ressaltar também que a arquitetura popular mantém essa relação com a natureza por causa das limitações econômicas às quais está submetida na maioria das vezes (WEIMER, 2012, p. XLI). A segunda característica, a adaptabilidade, muito relacionada com a primeira, diz respeito à capacidade de adaptação das técnicas e conhecimentos, às condições locais e materiais que estão disponíveis no ambiente (WEIMER, 2012, p. XLII).

A arquitetura popular também seria criativa, já que não tem compromisso com as formalidades construtivas comumente ensinadas. Ao contrário da arquitetura erudita, não é controlada pelas conquistas tecnológicas que acabam ditando o emprego de materiais sofisticados ou se submetendo aos modos de vida que lhe deram origem (WEIMER, 2012, p. XLII). A quarta característica, que também se opõe a arquitetura erudita, é sua não sujeição a intenção plástica, ou seja, a forma plástica da arquitetura popular é resultado das técnicas e dos materiais empregados, sendo assim uma consequência e não um meio (WEIMER, 2012, P. XLII).

A quinta, última e mais complexa característica, nos diz que a arquitetura popular é resultado de evolução e ao mesmo tempo respeito às tradições culturais de determinados grupos, isso porque ela tem a capacidade de se adaptar às necessidades em determinados momentos, e também de manter suas tradições em situações de estabilidade social (WEIMER, 2012, P. XLIII). Essas não são as únicas características que se enquadram na arquitetura popular, e provavelmente, com o avanço das discussões sobre o tema e sua consolidação, novas características surjam.

Há que se falar também que a arquitetura popular representa modos de vida e integração de contextos, socioeconômico, cultural e técnico (CASTRIOTA; SOUZA, 2015, p. 3), e por isso se apresenta de diferentes formas de acordo com a realidade

em que se insere, variando materiais, técnicas e trajetórias evolutivas. De acordo com cada região do país, ou do mundo, e evolução histórica, pode-se encontrar um tipo de arquitetura popular diferente, ou similares que sofreram transformações.

Quanto a denominação dessa arquitetura, ora vernacular ou vernácula, ora popular, muitos pesquisadores ainda divergem quanto ao uso de uma expressão ou outra, porém nesta pesquisa optou-se por adotar o uso da expressão arquitetura popular, por entende-la assim como Weimer (2012), anteriormente descrita, arquitetura popular “aquela que é própria do povo e que por ele é realizada”.

2.2 A arquitetura em terra e as diferentes técnicas

A partir da conceituação e das características apresentadas anteriormente sobre o que seria essa arquitetura popular, vale destacar que a presente pesquisa se concentrará na arquitetura popular ou vernacular em terra, e mais especificamente da técnica da taipa de mão. A arquitetura em terra, faz parte da história da humanidade. Nos tempos mais remotos, a necessidade humana de se abrigar das intempéries, fez com que os materiais disponíveis na natureza e de fácil acesso como a terra, a madeira, a pedra e folhagens, fossem apropriados e utilizados na construção de abrigo.

Há algumas divergências sobre uma datação específica acerca do início do uso da terra nas construções, acredita-se que as populações constroem suas cidades e habitações há quase 10.000 anos (HOUBEN E GUILLAUD, 1989, p. 100). Aponta-se também, para o uso do material desde o surgimento das primeiras sociedades agrícolas, aproximadamente entre 12.000 e 7.000 a.C (TORRALBA, EIRENS E JALALI, 2009, p. 10).

Autores que versam sobre arquitetura popular ou vernácula, e que estudam especificamente sobre a arquitetura em terra, afirmam que a terra foi um dos materiais mais importante para a consolidação das primeiras civilizações (TORRALBA; EIRENS; JALALI, 2009; WEIMER, 2012; FRANKE, 2017; HOUBEN E GUILLAUD, 1989; BASILE, 2018). Vários povos de diferentes culturas, têm a tradição de construir com terra, seja em áreas urbanas ou rurais, e ainda hoje preservam esse costume construtivo (BASILE, 2018, p. 16).

De acordo com as estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 40% da população mundial vive em edificações construídas com terra

(BASILE, 2018, p. 16). Dessa parcela, grande parte dessas construções estão localizadas em áreas rurais, e quando presente em áreas urbanas, situam-se geralmente em áreas periféricas (HOUBEN E GUILLAUD, 1989, p. 100).

A exemplo do acima exposto, e diferente do imaginário popular, que atribui o material terra às construções simples, pequenas ou de comunidades pobres, do contrário, ela se fez presente também em construções monumentais, como é o caso da Muralha da China (Figura 1), e de uma das maiores pirâmides do mundo, a Pirâmide do Sol, em Teotihuacan (Figura 2) (WEIMER, 2012, p. 250). No continente Africano, a terra se fez presente em construções de diversos tipos, desde *cubatas*⁵ em comunidades (Figura 3) até templos (Figura 04) (FRANKE, 2017, p. 53-55).

Figura 1: Tapial da Muralha da China



Fonte: ArcaTerra Blog. Disponível em: <<https://arcaterablog.wordpress.com/arquitetura-de-terra/25-tapial-muralha-da-china/>>. Adaptado pela autora 2020.

Figura 2: Pirâmide do Sol, em *Teotihuacan*, Cidade do México.



Fonte: Os mistérios da Pirâmide do Sol e da Lua em Teotihuacan, no México – Patrimônio Mundial da Unesco. Disponível em: <<http://inexperencia.com.br/2017/02/06/os-misterios-da-piramide-do->

⁵ O termo *cubatas* se refere às casas, típicas de várias culturas africanas (WEIMER, 2012, p. 120-124).

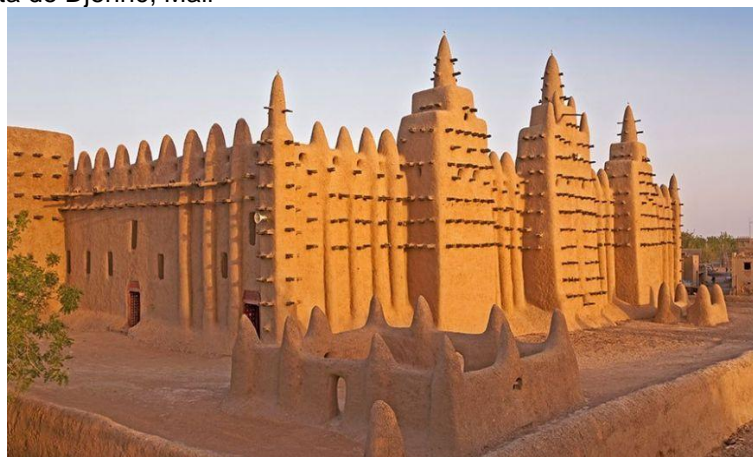
sol-e-da-lua-em-teotiguacan-no-mexico-patrimonio-mundial-da-unesco/>. Adaptado pela autora, 2020.

Figura 3: Cubata – casa – Angolana



Fonte: Cubatas de Angola, Slideshare. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/guida04/cubatas-de-angola>>. Adaptado pela autora, 2020.

Figura 4: Mesquita de Djenné, Mali



Fonte: Blog Quatro Cantos do Mundo. Disponível em: <<https://quatrocantosdomundo.wordpress.com/2015/06/21/grande-mesquita-de-djenne-mali-arquitetura-espetacular/>>. Adaptado pela autora, 2020.

No continente europeu, as técnicas que utilizam a terra, se desenvolveram e também receberam influência dos demais povos de outros continentes. É possível encontrar construções em terra em áreas urbanas e rurais na Europa, embora esse tipo de arquitetura tenham passado por um período de desvalorização e desuso⁶. As

⁶ Dois fatores podem ser destacados como justificativa desse desuso: primeiramente pela região apresentar uma abundância maior de outros materiais, como pedra e madeira, e a influência dos ideais classicistas, que via a terra como material inferior. Dois momentos são considerados importantes para a retomada da valorização da arquitetura em terra na Europa; o primeiro, após as duas primeiras Guerras Mundiais, que solicitou esforços em prol da reconstrução de cidades e da resolução de problemas relacionados a moradia; e o segundo, já no final século XX, quando questões como a crise econômica e energética, críticas ao modelo de consumo capitalista e ascensão de movimentos

Américas também são ricas em construções em terra, das mais variadas técnicas, tanto povos que aqui viviam como dos que aqui chegaram, como colonizadores e como mão de obra escravizada (FRANKE, 2017, p. 63-64)

Especialmente no Brasil, durante quatro quintos da história do país, a terra foi o material de construção mais importante (WEIMER, 2012, p. 250). A chegada dos portugueses foi um grande impulsionador das construções com terra, assim como a contribuição dos povos trazidos forçadamente da África, que sempre tiveram a terra como material de construção presente em várias regiões (FRANKE, 2017, p. 64).

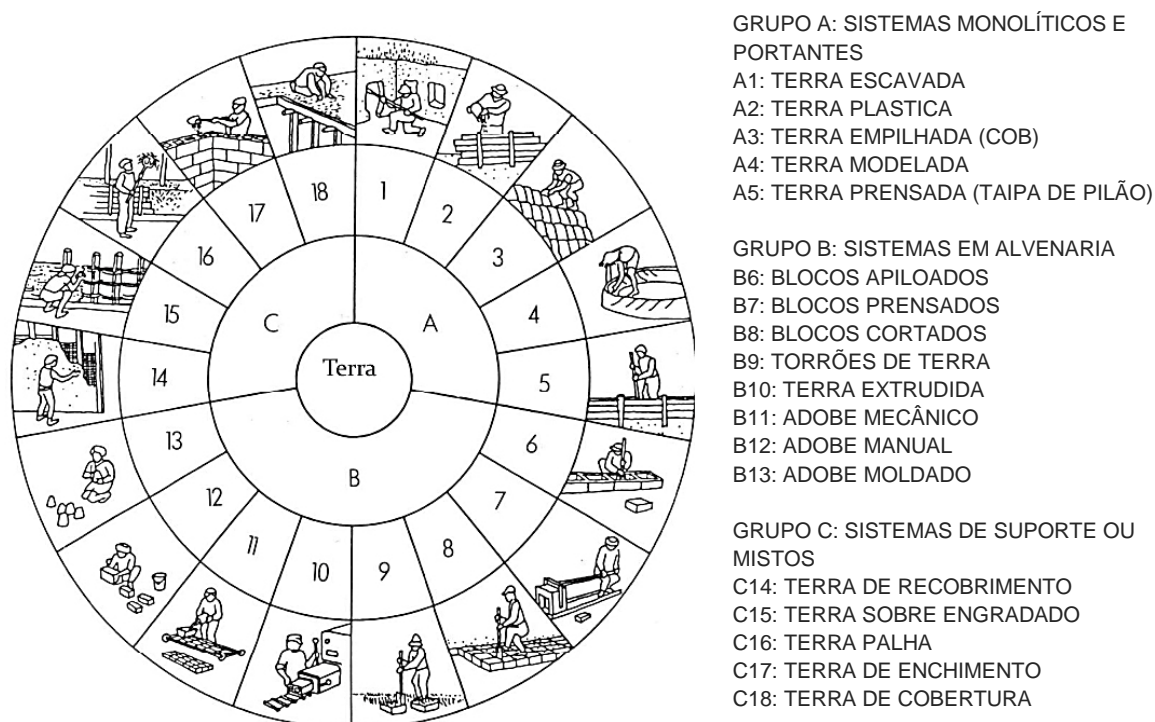
Nos diferentes contextos em que a terra foi utilizada, as técnicas construtivas tiveram que passar por adaptações. De acordo com as necessidades, conhecimentos e condições ambientais, cada grupo ou população desenvolveu uma habilidade ou adaptou conhecimentos para construir suas habitações, templos e fortificações. Regiões secas e quentes ou chuvosas, nevadas ou semidesérticas, apresentam construções em terra, adaptadas ao clima, aos aspectos culturais e às funções que devem exercer (FRANKE, 2017, p. 51). Não se pode dizer que a utilização da terra se deu de forma aleatória, cada técnica, que se tem conhecimento hoje, surgiu em algum momento e tem sua própria história e razão de ser (FRANKE, 2017, p.24).

Um dos estudos mais importantes de documentação dos variados tipos de arquitetura em terra, foi realizado pelo Centro Internacional para Construção com Terra (CRATerre) que produziu um diagrama apresentando os diferentes sistemas de construção, antigos e mais recentes, que utilizam a terra como matéria-prima (Figura 5). O diagrama apresenta doze categorias, que descrevem o tipo de processo pelo qual a terra passa ou para que finalidade é utilizada⁷. Nessas doze categorias acomodam dezoito formas de construir utilizando a terra como principal material: (1) terra escavada, (2) terra de cobertura, (3) terra de enchimento, (4 - a) torrões de terra, (4 - b) blocos de terra, (5 - a) blocos comprimidos, (5 - b) blocos de terra apilados, (5 - c) terra comprimida, (6) terra formada, (7) terra empilhada, (8 - a) adobe moldado, (8 - b) adobe manual, (8 - c) adobe mecânico, (9) terra extrudida, (10) terra prensada,

ambientalistas, começa a despertar um novo interesse pela arquitetura em terra (FRANKE, 2017, p. 55-62).

⁷ De acordo com a tradução, as categorias são: escavada (*creuser*), coberta (*couvrir*), preenchida (*remplir*), cortada (*couper*), comprimida (*comprimer*), esculpida (*façonner*), empilhada (*empiler*), moldada (*mouler*), extrudada (*extruder*), compactada (*couler*), vertida (*former*) e guarnecida (*garnir*) (HOUBEN E GUILLAUD - CRATERRE, s.d).

Figura 6: Adaptação do diagrama original de CRATerre



Fonte: NITO E AMORIM, 2015, p. 12. Adaptado pela autora, 2020.

Os Sistemas Monolíticos e Portantes (A) compreende sistemas de elevação *in situ*, ou seja, não existe separação entre o material e o componente construtivo, o próprio solo se transforma na edificação em um mesmo processo (NITO E AMORIM, 2015, p. 12). Os processos realizados em cada técnica se assemelham pela facilidade de moldagem e desmoldagem da terra.

Uma técnica que merece destaque é a terra prensada, que também pode ser reconhecida como a taipa de pilão. A técnica consiste na compactação da terra entre formas, chamadas taipais, feita tradicionalmente com pilão. Atualmente as construções em terra compactada ganharam novos suportes tecnológicos, como equipamentos pneumáticos para compactação da terra (CORDEIRO et al., 2019, s.n), e é possível ver grandes projetos contemporâneos que utilizam a técnica.

Os Sistemas em Alvenaria (B) dizem respeito às paredes de alvenaria em terra crua que não são necessariamente portantes e os blocos que são utilizados como vedação. Esses sistemas se assemelham pela possibilidade de produção, seja manual ou não, de unidades de elementos construtivos (NITO E AMORIM, 2015, p. 12). Nas técnicas de blocos – apiloados, prensados e cortados – e em torrões a terra pode ser moldada a mão ou com auxílio de formas de madeira. Atualmente esses

blocos são fabricados com o auxílio de máquinas, que constituem o BTC – bloco de terra comprimida – utilizado em construções mais modernas (CORDEIRO ET AL, 2019, s.n). O adobe, talvez a técnica mais conhecida, consiste basicamente, na modelagem de blocos de terra, em geral, bastante argilosa, que posteriormente passam por um processo de secagem ao sol, no próprio local da construção (CORDEIRO ET AL, 2019, s.n).

Já os Sistemas de Suporte ou Mistos (C), se caracterizam pela associação da terra à uma estrutura de suporte, que pode ser de madeira ou outros materiais vegetais, como bambu e canas. A terra, é utilizada aqui, como enchimento, revestimentos e vedação da estrutura de suporte (NITO E AMORIM, 2015, p. 12; CORDEIRO ET AL, 2019, s.n). Há, no entanto, que se diferenciar a técnica da terra de recobrimento da técnica de terra sobre engradado. A primeira consiste no revestimento de estruturas em grade, feitas de madeira ou outro tipo de material vegetal, com a terra, e refere-se ao que chamamos no Brasil de pau a pique; já a segunda, embora muito parecida, a terra funciona como revestimento e enchimento, e no Brasil é conhecida como taipa de mão (FERNANDES, 2013, p. 23).

Ao longo dos anos, as transformações ocorridas principalmente na forma de produzir habitações e morar acompanharam as mudanças sociais, políticas e culturais da sociedade. A Revolução Industrial é um exemplo de um marco dessas transformações, já que a própria industrialização e as consequências dela passaram a fazer parte da vida das pessoas. No que diz respeito aos materiais construtivos, o monopólio industrial passou a controlar o mercado de materiais de construção convencionais, como aço e concreto, incentivando o declínio de técnicas tradicionais. O não incentivo ao uso desses materiais pode ser relacionado com a alta densidade do ambiente construído urbano – ocasionado pela migração das zonas rurais para urbanas – que acarretaria a escassez de materiais tradicionais em algum momento (CORDEIRO ET AL., 2019, s.n apud SAMEH, 2014). Aliado a isso, atualmente se encontra uma carência de normatização e falta de investimento em pesquisas na área (GARCIA, 2002, s.n).

Outros fatores, que acabam sendo consequência dos apresentados anteriormente, dizem respeito às alegações negativas e discriminação dos materiais tradicionais em prol dos materiais ditos modernos. Adjetivações como, baixa qualidade, baixa durabilidade e insegurança passam a ser comuns ao se falar sobre

esses materiais, que passaram a ser associados à pobreza e às classes sociais menos favorecidas, ao atraso, relacionado a uma realidade e cultura de “terceiro mundo” (CORDEIRO ET AL., 2019, s.n apud SAMEH, 2014; FRANKE, 2017, p. 54).

Também podem ser associados ao desuso e desvalorização das técnicas e materiais populares na atualidade, a falta de capacitação de pessoas para o desenvolvimento de trabalhos com esses materiais (FRANKE, 2017, p. 54), e a tendência globalizante de unificação e massificação cultural, principalmente na arquitetura (GARCIA, 2002, s.n), levando à reprodução de modelos construtivos sem qualquer preocupação com o impacto disso. Dada significativa desvalorização da arquitetura de terra, e também das demais arquiteturas populares, algumas instituições e associações importante surgiram com o intuito de pesquisar, incentivar e difundir a arquitetura em terra e as técnicas vernaculares pelo mundo, tanto em nível internacional como nacional⁸.

A nível internacional a associação francesa CRATerre, que, como já mencionada anteriormente, desenvolve um trabalho muito importante desde 1979, quando foi fundada. A associação reúne pesquisadores, profissionais e professores em pesquisas e ações voltadas para o treinamento e disseminação de conhecimentos sobre habitar a terra. A associação atua em três eixos, patrimônio, materiais e habitat, todos voltados para a valorização da diversidade cultural, melhoria das condições de moradia, vida e uso dos recursos locais, humanos e naturais, associados à construção com terra (CRATerre).

O Comitê Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS –, que desenvolve trabalhos importantes na área da arquitetura popular ou vernácula, a exemplo da elaboração da Carta do o Patrimônio Construído Vernáculo, em 1999, atualmente conta com um comitê específico para a arquitetura em terra, o *Internacional Scientific on Earthen Architectural Heritage*; Comitê Científico Internacional do Patrimônio Arquitetônico Terrestre – ISCEAH – atuando de modo a incentivar trabalhos que tenham como objetivo a formação, manutenção e preservação dos conhecimento tradicionais, como é o caso das paisagens materiais em terra. Há que se mencionar também o Comitê Internacional de Arquitetura Vernacular (CIAV) uma plataforma que

⁸ As informações sobre o trabalho e apresentação das instituições aqui listadas foram coletadas nas próprias páginas das instituições elencadas. CRATerre: disponível em: <craterre.org>. Acessado em 24 de abril de 2020; ICOMOS: disponível em: <isceah.icomos.or> e <ciav.icomos.org/category/about-us/>. Acessado em 24 de abril de 2020; PROTERRA: disponível em: <redproterra.org/pt/>. Acessado em 24 de abril de 2020.

promove diálogos e debates em níveis regional, nacional e internacional com pessoas que atuam com o patrimônio vernáculos, de diferentes formas (ICOMOS, s/d).

Podemos citar também a Rede Ibero-americana de Arquitetura e Construção com Terra (PROTERRA), uma rede de cooperação técnica e científica, que busca reunir profissionais de diferentes especialidades e formações relacionadas à arquitetura com terra. Atualmente a rede conta com quatorze instituições parceiras e agrega pessoas de 130 países em prol da colaboração com conhecimentos sobre o tema (PROTERRA, s/d).

E a nível nacional a Rede Terra Brasil, criada a partir de uma recomendação da Rede PROTERRA para a criação de redes nacionais, congrega profissionais, entidades de classe e sociedade em prol da disseminação do tema e de conhecimentos relacionados ao seu desenvolvimento científico no país (CORDEIRO ET AL, 2019, s.n). Um dos avanços brasileiros mais atuais em relação a arquitetura em terra, foi a aprovação e publicação, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT –, da Norma 16814/2020, Adobe: Requisitos e Métodos de Ensaio, que tem como objetivo estabelecer requisitos para a produção de adobe e execução de alvenaria, além de ensaio para sua caracterização física e mecânica (ABNT, 2020).

Além disso, o universo da academia tem aberto mais os olhos para a temática, com o surgimento de pesquisas, eventos, grupos de trabalho em prol da valorização do tema e também da popularização do conhecimento sobre essa arquitetura que tem muita importância para algumas comunidades.

2.3 Importância da documentação dessa arquitetura popular

A arquitetura popular ainda não conhece uma tentativa de abarcar o tema de forma mais ampla, sendo a maioria dos estudos de outras áreas do conhecimento e de produções arquitetônicas bem específicas, como de determinadas correntes de imigração entre outros (WEIMER, 2012, p. XXXVI).

No entanto, o interesse pelo fazer popular, ou os estudos pioneiros sobre a temática, já estava presente em algumas pesquisas, artigos, livros e estudos de estudiosos como Lúcio Costa (Documentação Necessária, 1937), Gilberto Freyre (Mucambos do Nordeste, 1967), Mario de Andrade (O Turista Aprendiz, baseado em suas expedições pelo Norte e Nordeste brasileiro iniciadas em 1927), entre outros,

atrelados à preservação do patrimônio histórico (WEIMER, 2012, p. XXXVI; SANT'ANNA, 2013, p.45).

Assim, um dos temas que estruturam inicialmente a produção bibliográfica brasileira sobre arquitetura popular é o que a relaciona com o patrimônio cultural. A difusão mundial da Carta de Veneza, de 1964, e o reconhecimento que faz do valor patrimonial da criação popular ensejaram, no Brasil, a realização e a publicação de inventários arquitetônicos que incluíram ou se voltaram para uma produção dessa natureza (SANT'ANNA, 2013, p. 45).

Lucio Costa, em *Documentação Necessária* (1937), a primeira publicação da então Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, buscava expor a necessidade de um estudo sistemático da arquitetura brasileira, uma defesa a casa popular brasileira (RUBINO, 2002, p.9 - 13). Costa (1937) propôs o estudo da arquitetura das casas do século XVII e XII, as casas grandes de fazenda e os sobrados das cidades, pequenas casas térreas e o que ele chamava de casa mínima (RUBINO, 2002, p. 13), sobre o qual, Costa faz a seguinte caracterização:

É sair da cidade e logo surgem à beira da estrada [...] mesmo ao lado de vivendas de verão de aspecto cinematográfico [...]. Feitas de “pau” de mato próximo e da terra do chão, como casas de bicho, servem de abrigo para toda a família - crianças de colo, garotos, meninas maiores, os velhos - tudo de mistura e com aquele ar doentio e parado, esperando... [...] e ninguém liga de tão habituado que está, pois “aquilo” faz mesmo parte da terra como formigueiro, figueira brava e pé de milho – é o chão que continua... Mas justamente por isso, por ser coisa legítima da terra tem para nós, arquitetos, uma significação respeitável e digna; enquanto que o “pseudo-missões, normando ou colonial”, ao lado, não passa de um arremedo sem compostura. Aliás, o engenhoso processo que são feitas – barro armado com madeira – tem qualquer coisa do nosso concreto-armado e, com as demais cautelas, afastando-se o piso do terreno e caindo-se convenientemente as paredes, para evitar a humidade e o “barbeiro” deveria ser adotado para as casas de verão e construções econômicas de um modo geral (COSTA, 1937, p. 34).

O depoimento de Lucio Costa, sobre casas construídas com terra, denota uma situação que está muito relacionada à forma como esse tipo de arquitetura é rotulada, comumente associada à pobreza, fome e doenças. O cenário descrito por Lucio Costa como “casas de bichos”, “com ar doentio e parado” caracteriza um aglomerado de habitações em uma área afastada da cidade “surgem à beira da estrada”, como o próprio autor descreve, o que provavelmente se refere a uma área fora do perímetro urbano.

De acordo com Vieira (2017), ao tratar de construções com terra, especificamente a taipa de mão, retoma o pensamento de Bordieu (1997) afirmando que o espaço social é composto por sobreposições de distinções sociais e materializado conforme a capacidade de adquirir bens e serviços. Neste cenário, a casa de taipa em um contexto rural, ocupa uma posição considerada precária, devido ao agrupamento de indivíduos carentes e conseqüentemente com baixo poder aquisitivo. Estabelecida essa relação de hierarquização e naturalização de uma precariedade de tipologia construtiva, se estabelece o “morar em casa de taipa” como ruim e sem reconhecimento de valor cultural (Vieira, 2017, p. 252-253).

E isso não significa dizer a precariedade de construções com terra – ou com outros materiais naturais de fácil acesso – por população em vulnerabilidade, não exista, pelo contrário, a construção com matérias naturais ainda é a solução de moradia para muitas comunidades, porém há que se levar em consideração essas questões relacionadas ao forte estigma relacionado às formas construtivas populares.

Ainda se tratando de iniciativas de estudo, documentação e valorização da cultural popular voltada para à arquitetura popular, diz respeito ao estudo de técnicas construtivas. Como exemplo disso, o arquiteto Sylvio Vasconcelos apresenta o livro *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos* (1979) apresentando estudos sobre as técnicas desde a estrutura até acabamentos. Outro trabalho similar, também relacionado com a preservação do patrimônio, porém mais recente, é o *Inventário de Técnicas Tradicionais*, realizado pelo IPHAN e pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG –, através do projeto *Mestres Artífices*, entre os anos de 2010 e 2011. O inventário reflete sobre o processo de globalização e a busca de reconhecimento pelas comunidades tradicionais, de seus saberes e fazeres relacionados a arquitetura popular (CASTRIOTA E SOUZA, 2015, p. 2-3).

De forma institucional e acadêmica, o grupo intitulado Arqpop⁹ *Arquitetura Popular: Espaços e Saberes*, vinculado à Universidade Federal da Bahia – UFBA – tem como objetivo o desenvolvimento conceitual e metodológico para o campo da arquitetura popular, com vistas a ampliação do conhecimento sobre as raízes dessa arquitetura e técnicas no Brasil e agregar cada vez mais pesquisadores e estudantes para o tema (ARQPOP, s/d, s/n).

⁹ Disponível em: <http://www.arqpop.arq.ufba.br/apresentacao>.

A arquitetura tradicional – como também costuma ser referida – além do conhecimento do meio ao qual se insere, e relação com materiais é um testemunho de modos de vida e integração de contextos socioeconômicos, culturais e técnicos, e correm risco de desaparecer pela atual tendência de homogeneização cultural entre outros fatores (CASTRIOTA E SOUZA, 2015, p. 3).

A identificação, catalogação e valorização de técnicas construtivas populares é um trabalho árduo, que deve contar com pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, e não apenas arquitetos, mas fundamentalmente dos produtores dessa arquitetura e seus mestres.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta seção tem como objetivo apresentar todo o percurso metodológico constante a esta pesquisa, e ainda relatar os atravessamentos que a acompanharam.

3.1 Trajetória de pesquisa e seus atravessamentos

Para apresentar a metodologia desenvolvida e aplicada na presente pesquisa, optou-se por trazê-la em tópico à parte, já que a mesma recorre a metodologias consagradas, como o caso dos inventários, porém adaptadas a uma realidade de pesquisa, tanto em relação aos objetos envolvidos e contexto local como também ao período pandêmico que atravessa esta pesquisa desde o ano de 2020. Por isso entende-se como importante apresentar brevemente como a pandemia afetou diretamente a pesquisa.

Esta pesquisa necessita do campo de estudo e conseqüentemente da ferramenta da pesquisa de campo, sem ele não seria possível depreender a situação do objeto, as casas de taipa de mão, localizadas em áreas rurais da cidade de Quixadá. As pesquisas de campo iniciaram entre fevereiro e março de 2020, próximo à descoberta dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil. O que não se imaginava era que a situação da pandemia no país chegasse aos níveis que chegou.

Nos primeiros meses de isolamento social, mais especificamente entre março e junho de 2020, com as pesquisas de campo inevitavelmente paralisadas, nos detemos a buscar alternativas que permitissem o prosseguimento da pesquisa, sem que esta ser inteiramente modificada ou prejudicada à sua ideia cerne. Outro agravante para o prosseguimento das coletas de campo foi a percepção de que um número considerável de moradores das casas de taipa de mão (constatado nas primeiras visitas) são idosos, portanto grupos de risco, segundo as recomendações vigentes de órgãos de saúde. Portanto, ter contato com esses moradores, da forma que se almejava antes da pandemia, não seria possível naquele momento. Além disso, as localidades rurais foram atingidas pela Covid-19 depois da sede de Quixadá, e ir a campo, da zona urbana para zona rural, também poderia ser uma forma de disseminar o vírus nessas localidades.

Ao final do mês de junho optamos por tentar fazer algumas visitas de campo, porém sem contato com as casas e com os moradores, na tentativa de mais uma vez

colher informações necessárias para a pesquisa, mas que ainda não chegavam a um nível de detalhes que se almejava. Com o agravamento da pandemia no segundo semestre de 2020, as pesquisas foram interrompidas novamente. Durante esse período a pesquisa foi novamente estruturada, buscando adaptar-se ao período pandêmico, mesmo que essa adaptação ainda fosse incerta. Também neste período, as pesquisas bibliográficas e documentais foram aprofundadas para elaboração do referencial teórico e caracterização do objeto e contexto de pesquisa.

Com a pesquisa reorganizada, e a chegada das primeiras doses da vacina, a expectativa era iniciar o ano de 2021 com data para realizar as pesquisas de campo novamente. Para conseguir alcançar essa meta a pesquisa ainda passou por mais adaptações em relação à metodologia. Não podíamos aplicar uma metodologia engessada para atingir o objetivo de elaborar um inventário que localizasse, apresentasse e documentasse a situação das casas de taipa de mão dos distritos rurais do município de Quixadá atualmente. Portanto, os primeiros meses de 2021 se dedicaram às pesquisas e consequente adaptação de metodologias de inventário e documentação, estas voltadas também para a perspectiva do patrimônio cultural, por entender que as casas de taipa de mão, além da materialidade arquitetônica agrega saberes tradicionais que são repassados entre as gerações, logo potencialmente um bem cultural a ser preservado.

Apenas no segundo semestre de 2021 conseguiu-se esboçar uma abordagem de pesquisa de campo seguindo os protocolos de segurança (uso de máscara, proteção facial, álcool em gel ou líquido e o máximo possível de distanciamento social). A pesquisa que em 2020, nas primeiras visitas de campo, tinha um caráter de construção mais coletiva, de formação de laços com os moradores das localidades delimitadas para estudo, infelizmente não pode ser aplicada.

A metodologia reformulada, após todos os atravessamentos, foi aplicada na pesquisa de campo e buscou o distanciamento social dos envolvidos, seja pesquisador, moradores e mestres construtores das casas de taipa de mão.

3.2 Procedimentos e instrumentos

Quanto aos procedimentos para a realização da pesquisa, a mesma conta com pesquisa bibliográfica e documental, estudo de caso e pesquisa de campo.

A pesquisa documental consiste na coleta de informações em documentos, escritos ou não como publicações parlamentares e administrativas, censos estatísticos, documentos de arquivos públicos e privados, relatos de visitas, instituições e viagens, entre outros (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.174). A pesquisa bibliográfica, engloba a pesquisa em fontes tornadas públicas em relação ao tema de estudo, como livros, teses, publicações de revistas, dissertações, materiais cartográficos além de meios de comunicação oral, como gravações, filmes, audiovisuais entre outros (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.183). A pesquisa bibliográfica e documental objetivou recolher informações e aprofundar a temática da arquitetura popular e as técnicas construtivas, com enfoque na taipa de mão, aspectos históricos e geográficos sobre a região Nordeste, estado do Ceará e o município de Quixadá, e sobre as condições atuais de desvalorização e até mesmo ausência de dados acerca da arquitetura popular em taipa, principalmente no Ceará e na área estudada.

O estudo de caso é um procedimento desenvolvido por meio da observação direta de atividades de grupos e entrevistas com informantes para colher informações sobre aquele grupo, além do propósito de proporcionar uma visão global do problema investigado (GIL, 2002, p.53; 55). O estudo de caso também permite uma descrição do contexto investigado (GIL, 2002, p. 55), pois isso se aplica a esta pesquisa. As casas de taipa de mão estão presentes não só no município de Quixadá, mas também em diversos outros, no entanto, esta pesquisa limita-se a algumas localidades da cidade em questão, ou seja, um caso específico.

Por fim, o procedimento da pesquisa de campo é fundamental, pois, como já mencionado, é através deste procedimento que se consegue obter informações e conhecimentos sobre determinado problema (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 186). A pesquisa de campo requer uma pesquisa bibliográfica anterior para identificar o estado do problema de pesquisa e posteriormente a definição de técnicas que serão empregadas na coleta e análise de dados (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 186). Para a realização da pesquisa de campo, uma pesquisa bibliográfica e documental foi realizada anteriormente a fim de entender a situação das casas de taipa de mão do município de Quixadá, informações sobre essas casas nas áreas rurais do município, ações que se relacionam com essas construções e qualquer outro dado que pudesse contribuir para a construção da pesquisa. No entanto, assim como a incipiente

informação sobre arquitetura popular de modo geral, as casas de taipa de mão em municípios do interior do estado do Ceará também são vagas, e quando disponíveis são dados unicamente quantitativos.

Diante deste cenário, reafirma-se mais uma vez a necessidade e urgência de elaborar um inventário que localize, apresente e documente a situação das casas de taipa de mão dos distritos rurais do município de Quixadá atualmente. Para a elaboração do inventário foram pesquisadas metodologias já consagradas, principalmente aquelas aplicadas pelo IPHAN, entendendo que as casas de taipa de mão, mesmo que não sejam oficialmente protegidas, apresentam um potencial de bem cultural, que além da materialidade arquitetônica também agregam saberes e fazeres que são repassados entre gerações.

Entendendo que as casas de taipa de mão apresentam a materialidade, composta pelas técnicas, materiais e ferramentas construtivas, características de implantação específicas e tipologias construtivas, buscou-se uma metodologia que pudesse auxiliar a captar esses elementos importantes para a documentação. Por outro lado, as mesmas casas também apresentam um saber e um fazer inerente, que é repassado entre gerações de famílias, através da tradição oral, e por isso, também foi necessário buscar um método que se adequasse à esses aspectos imateriais, que não podem ser dissociados dos aspectos materiais.

No entanto, aplicar esses métodos já consagrados de forma muito rígida e engessada não seria tão efetivo, pois a pesquisa lida com um contexto bastante diferente dos bens arquitetônicos comumente inventariados e/ou protegidos. Foi necessário portanto a adaptação de metodologias para serem aplicadas ao contexto local. As duas metodologias escolhidas foram a do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) e do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), ambas desenvolvidas pelo IPHAN.

3.2.1 O Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão - SICG

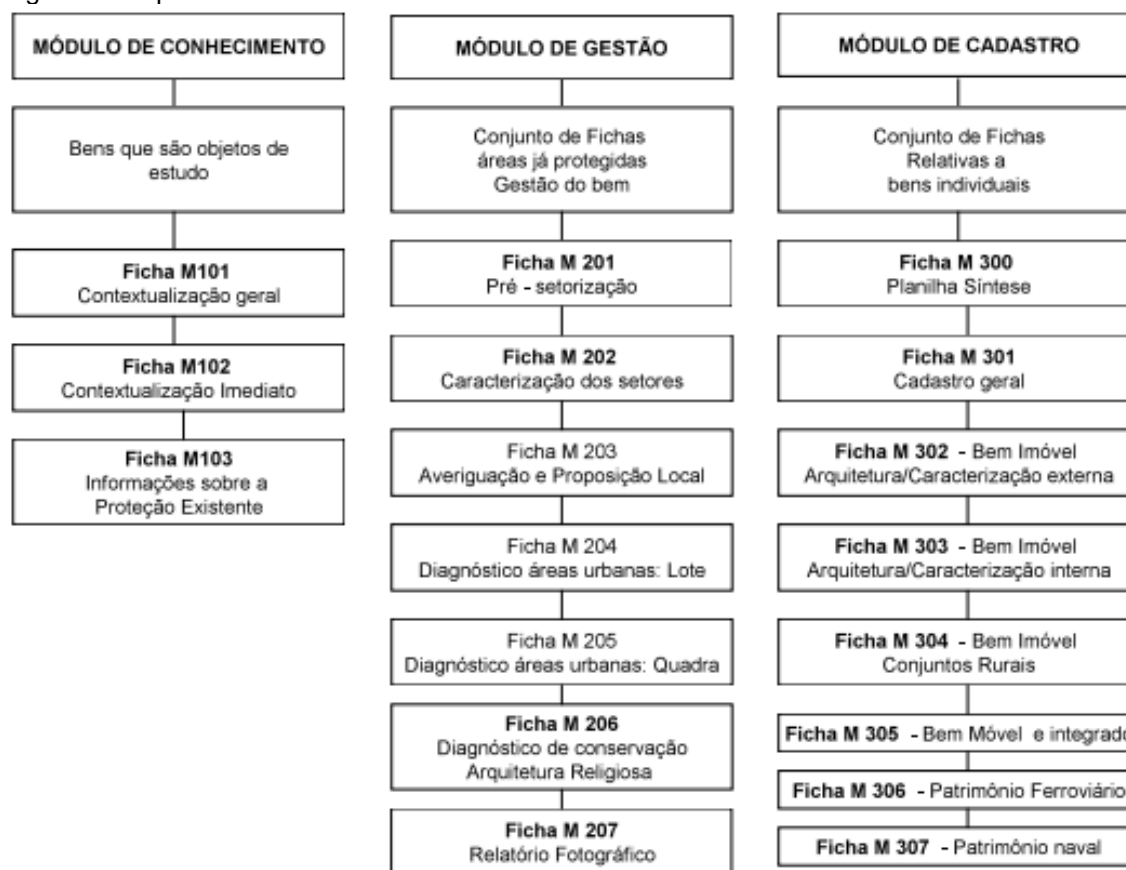
O método escolhido para a captação de informações acerca da materialidade da arquitetura popular das casas de taipa de mão foi o Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG). O SICG é um instrumento criado com o intuito de integrar dados sobre patrimônio cultural com enfoque nos bens de natureza material

de todo o país. Sua aplicação possibilita o conhecimento de universos de bens culturais de determinada região, além do cadastro e documentação cartográfica de bens, uma vez que são georreferenciados. O sistema também carrega a premissa de um instrumento para gestão do patrimônio cultural, que pode influenciar no desenvolvimento de planos estratégicos e formulação de novas normas de preservação de bens (IPHAN, s/d, s/n).

O SICG é dividido em 3 módulos (Figura 7), constituídos cada um, por um conjunto de fichas (Anexo xx), diferenciadas entre si de acordo com o bem ao qual se direciona a aplicação da ficha e objetivo do inventário. O Módulo 1 - Conhecimento (Fichas M101, M102, M103) tem como objetivo a contextualização geral e específica do bem, responsável por identificar, localizar e caracterizar o bem de acordo com seus aspectos históricos e geográficos; o Módulo 2 - Gestão (Fichas M201, M202, M203, M204, M205, M206, M207) é focado em áreas que já são protegidas (o que não se aplica diretamente a esta pesquisa); e Módulo 03 - Cadastro (Fichas M300, M301, M302, M303, M304, M305, M306, M307) responsável por aprofundar os aspectos mais específicos de bens de naturezas distintas, como por exemplo a ficha M304 que trata especificamente de conjuntos arquitetônicos rurais.

A criação e uso do SICG denota uma preocupação e esforço de diversos órgãos em sistematizar e unificar os conhecimentos acerca de bens culturais (MARTINS E ROSSIGNOLLO, 2009, p. 67), sejam aqueles já protegidos ou aqueles ainda não reconhecidos, o que não diminui em nada sua relevância cultural, mas contribui para seu estudo e proteção.

Figura 7: Esquema resumo dos módulos do SICG.



Fonte: Martins e Rossignollo, 2009, adaptado pela autora.

Como destacado anteriormente, não se pretendeu utilizar os módulos e fichas do SICG para uma pura aplicação, mas sim como base para elencar elementos importantes para a área de estudo. O módulo 1 – Conhecimento, resultou na contextualização e aprofundamento apresentados no capítulo 4 Contextualizando o campo de estudo, partindo do nível mais geral, no caso a região Nordeste, para o nível mais específico, como Ceará e Quixadá. Isso porque, no módulo 1, as fichas buscam abordar o contexto geral e imediato de bens culturais, englobando recortes territoriais em diferentes escalas, recorte temático, definição de universo de estudos, informações sobre contexto histórico e geográfico da área de estudo, cartografia, entre outros.

Do módulo 1, fez-se uso das fichas M101: Contexto geral e M102: Contexto Imediato, tendo em vista que a ficha M103: Informações sobre a Proteção Existente, diz respeito a bens sobre os quais incide legislação de proteção, o que não é o caso das casas de taipa de mão. Os pontos considerados importantes para a construção

da contextualização são apresentados no capítulo 4 Contextualizando o campo de estudo (Quadro 1).

Quadro 1 – Quadro resumo de critério utilizados para contextualização da pesquisa

| TÓPICOS/TEMAS | CONTEÚDO ABORDADO/PESQUISADO |
|--|--|
| IDENTIFICAÇÃO | Recorte Territorial, Recorte Temático e Definição do Universo/Objeto de análise. |
| LOCALIZAÇÃO | Região, Estado, Município, Mesorregião, Microrregião, Limites municipais. |
| CONTEXTO HISTÓRICO | Nível estadual e municipal. |
| CONTEXTO GEOGRÁFICO | Nível regional, estadual e municipal. |
| CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA E TIPOLOGICA DO SÍTIO/OBJETO DE ANÁLISE | Morfologia da paisagem local (topografia, vegetação, recursos hídricos) tipologia arquitetônica. |
| INFORMAÇÕES SOBRE USOS E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇO | Manifestações culturais (saberes e fazeres construtivos). |
| MAPAS | Existentes e os elaborados pela autora Nível regional, estadual e municipal. |
| IMAGENS | Todas que forem relevantes. |

Fonte: Elaborada pela autora com base nas fichas M101 e M102 do Módulo 1 do SICG

O Módulo 2: Gestão (Fichas M201, M202, M203, M204, M205, M206, M207), não se enquadraria nesta pesquisa pois se direciona à bens já protegidos. No entanto, como são raras as pesquisas acerca da conservação da taipa e o estudo de sua conservação depende de outras pesquisas e métodos mais aprofundadas de análise material – que não cabem aqui –, o Módulo 2 foi utilizado como base para a elaboração de critérios próprios da conservação da arquitetura das casas de taipa de mão. A ficha M206: Diagnóstico conservação – Arquitetura religiosa, apresenta tipos de danos comumente encontrados em bens edificados, especificamente em edifícios religiosos. No caso da presente pesquisa, o bem edificado corresponde a uma casa, e os critérios de análise constante na ficha M206, foram incorporados para a análise das casas de taipa de mão (Quadro 2).

Quadro 2 – Quadro resumo de critério utilizados para diagnóstico da taipa

| TÓPICOS/TEMAS | CRITÉRIOS DE DIAGNÓSTICO |
|------------------------|---|
| DANOS ESTRUTURAIS | Fissuras/Separação entre as peças, Existência de deformações |
| DEGRADAÇÃO DO MATERIAL | Revestimento (Cobertura da taipa), Parede (Terra), Estrutura (Madeira), Perda de Material |
| AGENTES DEGRADADORES | Presença de Vegetação, Presença de organismos vivos, Outros (Físicos/químicos) |

Fonte: Elaborada pela autora com base na ficha M206 do Módulo 2 do SICG

A forma como os critérios foram incluídos na ficha de campo estão apresentados no Capítulo 5, quando o inventário é aprofundado. O inventário toma como base principal para a criação das fichas próprias o Módulo 3: Cadastro, utilizando as fichas M300: Síntese Geral, M301: Cadastro do bem, M302: Caracterização Externa e M304: Conjuntos Rurais (Quadro 3).

| FICHAS SICG | CONTEÚDO |
|--------------------------------|--|
| M 300 - Síntese Geral | Localização, Identificação, Estado de Preservação e Conservação, Grau de Proteção |
| M 301 - Cadastro do bem | Identificação, código identificador, Propriedade do bem, Natureza, Contexto, Proteção existente e Proteção proposta, Estado de Preservação e Conservação, Imagens, Dados complementares (Informações históricas, manifestações culturais vinculadas ao bem e Referências bibliográficas) |
| M 302 - Caracterização Externo | Identificação (com código identificador), Planta ou Croqui de implantação no terreno, Imagens ou croquis de fachadas, Tipologia, Época de construção, Uso Original, Uso atual, Topografia do terreno, Nº de pavimentos, Medidas gerais da edificação, Observações, Fotos e/ou Ilustrações, Descrição arquitetônica, Informações complementares, Levantamento arquitetônico existente, Outros levantamentos (base de dados), Fontes bibliográficas e documentais. |
| M 304 - Conjuntos Rurais | Identificação (com código identificador), Croqui de implantação, Imagens, Edificações da propriedade (para o caso de haver uma casa sede e outras secundárias), Informações sobre atividade econômica (original e atual), Informações complementares, Levantamento arquitetônico existente, Outros levantamentos (bases de dados), Fontes bibliográficas. |

Fonte: Elaborado pela autora com base nas fichas M300 M301, M302, M303 e M304, Módulo 3 do SICG.

Como explicitado anteriormente a aplicação de fichas do inventário não se deu de forma engessada, mas passou por adaptações e pela criação de uma própria ficha de inventário para ser aplicada em campo, buscando congrega critérios importantes em uma única ficha e acrescentar outros que se mostraram pertinentes levando em consideração o contexto de pesquisa (Quadro 4).

| TÓPICO/TEMA (Ficha de origem) | CONTEÚDO |
|--|--|
| IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO (com bases nas fichas M 300 e M 301 do SICG) | Localidade, Código Identificador ¹⁰ , Coordenadas Geográficas, Contexto, Propriedade, Proprietário, Estado de |

¹⁰ As fichas do IPHAN apresentam um campo para a inserção de um código identificador pelo próprio órgão, porém o código identificador aqui se refere ao código próprio elaborado pela autora para fins de organização da pesquisa de campo. Para cada localidade visitada foi utilizada uma sigla que a represente, seguida da numeração da casa atribuída em ordem crescente, medida que a área de estudo avança pela via que norteia o a área de campo: Localidade Pote Seco: PS; Localidade Vila

| | |
|--|---|
| | Conservação, Imagens, Dados complementares (informações históricas, manifestações culturais etc.). |
| CONTEXTUALIZAÇÃO (com base na ficha M 304 do SICG) | Planta/Croqui/ Imagens de implantação no terreno, Edificações da propriedade (para o caso de haver uma casa sede e outras secundárias), Informações sobre atividade econômica, Informações complementares. |
| CARACTERIZAÇÃO EXTERNA (com base na ficha M 302 do SICG) | Tipologia, Imagens das fachadas, Topografia do terreno, Época da construção, Uso original e atual, Nº de pavimentos (se houver), Descrição arquitetônica (técnicas construtivas, estruturas, materiais e acabamentos de paredes externas, cobertura, aberturas e elementos integrados), Informações complementares. |

Fonte: Elaborado pela autora com base nas fichas M300, M301, M302 e M304, Módulo 03 do SICG.

A ficha de campo (Apêndice A) estruturada foi dividida em 6 partes; o primeiro campo referente à identificação e localização da casa; o segundo campo de contextualização, englobando informações sobre o entorno e atividades desenvolvidas pelos moradores; o terceiro campo voltado para a caracterização externa da edificação; o quarto campo apontando para o estado de conservação com critérios a serem observados; o quinto campo destinado à possíveis croquis e desenhos por parte da pesquisadora ou dos moradores ou mestres construtores; e o sexto campo para preenchimento e assinatura da pesquisadora. No total foram catalogadas 52 (cinquenta e uma) casas construídas em taipa de mão nas localidades em estudo (Caderno de Inventário).

3.2.2 O Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC

A segunda metodologia utilizada para o inventário diz respeito aos aspectos imateriais das casas de taipa de mão, entendendo que o saber fazer relacionado ao objeto em questão também necessita ser registrado. A metodologia escolhida foi o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

O INRC é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo IPHAN no intuito de coletar e produzir conhecimento no que diz respeito a vida social, que se constitui como marco e referência de identidade para determinados grupos (IPHAN, 2000, s/n). O INRC é composto por Questionários e Fichas que dizem respeito às categorias de bens que podem ser inventariados pelo INRC. As categorias são: Celebrações, que

Nova: VN; Poço Verde: PV; Localidade Engano: EG. Por exemplo, a primeira casa encontrada na localidade Pote Seco, receberá um código PS01; já a décima primeira casa encontrada na localidade de Palmares, receberá o código de identificação PA11 e assim sucessivamente.

incluem os principais ritos e festividades associados à religião, civilidade, ciclos do calendário e etc; Formas de expressão, diz respeito às formas não linguísticas de comunicação desenvolvida por atores sociais, individuais ou grupos; Edificações, englobando estruturas que estão associadas a significações históricas e de memória; Lugares, em se tratando de toda atividade humana que produz sentido de lugar e Ofícios e modos de fazer, que são atividades desenvolvidas por atores sociais conhecedores de técnicas e matérias-primas (IPHAN, 2000, p. 31 – 32).

Esta última categoria, Ofícios e Modos de Fazer, foi a ficha e questionário (Apêndice B) utilizado para embasar a criação de um roteiro de entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista permite que o entrevistador elabore um roteiro sobre o tema em questão para realizar a entrevista, no entanto permite e até mesmo incentiva que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão surgindo ao longo da entrevista (GERHARDT ET AL, 2009, p. 72). As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas apenas àqueles considerados mestres construtores, ou seja, pessoas que, de acordo com relatos, acumulam alguma experiência com a construção de casas de taipa, seja para si e para família e também para outros moradores das localidades investigadas.

Optou-se pelo método da entrevista semiestruturada, embora o INRC trate como questionário, buscando uma aproximação e conversa menos rígida com os entrevistados, possibilitando que eles trouxessem outras questões sobre suas trajetórias como mestres construtores, para além daquilo que o roteiro sugeria. Assim como o SICG, o INRC foi utilizado como base para o roteiro de entrevista semiestruturada, focando nos aspectos mais relevantes para o inventário do saber fazer construtivo das casas de taipa de mão. Foi acrescentado ainda ao roteiro um tópico com perguntas sobre a percepção do entrevistado sobre o saber fazer, entendendo como elemento importante para a presente pesquisa, dada a visão negativa sobre as casas de taipa de mão, portanto fez-se necessário indagar o entrevistado sobre alguns desses aspectos (Quadro 5).

Quadro 5 - Quadro resumo dos critérios utilizados para estruturação do roteiro de entrevista semiestruturada

| TÓPICO/CATEGORIA | CONTEÚDO |
|-----------------------------|--|
| IDENTIFICAÇÃO | Data, Entrevistador. |
| LOCALIZAÇÃO | Município/UF, Localidade. |
| DENOMINAÇÃO DO BEM CULTURAL | Denominação, Denominação mais frequente. |

| | |
|--|---|
| IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO | Nome, Sexo, Endereço, Ocupação, Onde nasceu (Cidade, Estado), Desde quando mora na localidade (Ano). |
| RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO | Como, quando, onde e com quem aprendeu, Ensinou ou ensina a outros, Outros dados biográficos relevantes. |
| DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE | Quando começou a atividade, Quais os motivos da atividade, Histórias associadas à atividade. |
| REALIZAÇÃO | Quais as principais etapas da atividade (descrição da etapa), Quais as matérias primas e ferramentas de trabalho utilizadas (descrição, função e como obter). |
| PERCEPÇÃO DO MESTRE CONSTRUTOR EM RELAÇÃO A ATIVIDADE | Gosta de construir casas de taipa de mão, Gosta de morar em casas de taipa de mão, Quais as vantagens e desvantagens. |
| IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS INFORMANTES | Quem mais pode informar sobre esta atividade. |
| REGISTRO FOTOGRÁFICO E AUDIOVISUAL PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA | Gravação de áudio e registro fotográfico (se permitido). |

Fonte: Elaborado pela autora com base na ficha de Ofício e Modos de fazer do INRC

O roteiro de entrevista (Apêndice B) conta com 9 campos referentes aos temas apontados acima. As perguntas foram feitas aos entrevistados de acordo com o que eles expunham em cada resposta. No total foram entrevistados 6 mestres construtores, entre eles, um casal de mestres construtores optou por responder a entrevista em conjunto.

4. CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO

O presente capítulo irá apresentar o contexto da presente pesquisa, partindo de uma breve explanação sobre as principais características da Região Nordeste, perpassando pela história de formação do estado do Ceará e por fim o município de Quixadá, cidade onde se desenvolve a aplicação das metodologias de inventários propostas (tema do próximo capítulo). Busca-se apresentar a situação inicial das casas de taipa de mão do município de Quixadá em relação à ausência de dados, às campanhas de combate e o gradual desaparecimento das mesmas.

4.1 A geografia da região Nordeste

A maior região em número de estados, 9 (nove) no total, o Nordeste é composto por Maranhão (MA), Piauí (PI), Ceará (CE), Rio Grande do norte (RN), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Alagoas (AL), Sergipe (SE) e Bahia (BA) (Figura XX) (EMPBRAPA, 2021) (Figura 8). Abrange uma área de 1.561.177,8 km² com uma população de 53 milhões de habitantes, de acordo com o último censo realizado em 2010 (ARAÚJO, 2011, p.89).

Figura 8: Mapa região Nordeste.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A região apresenta características sociais, econômicas e físicas bem marcantes em cada estado, que também são culturalmente distintos. Em razão das características físicas, o nordeste se encontra dividido em 4 (quatro) sub-regiões, Meio-Norte, Sertão, Agreste e Zona da Mata (EMBRAPA, 2021).

O Meio-Norte, se caracteriza por apresentar clima úmido e a mata dos cocais como vegetação predominante, e se estende por todo o estado do Maranhão, oeste e sul do Piauí (EMBRAPA, 2021). O Sertão se configura como a maior sub-região, cortando o oeste da Bahia, grande parte de Pernambuco e Rio Grande do Norte, todo o território do Ceará, o leste do Piauí e uma pequena parte de Alagoas e Paraíba. O clima presente é o semiárido e a vegetação típica é a Caatinga, apresentando solos rasos e pedregosos com chuvas escassas e mal distribuídas (EMBRAPA, 2021).

O Agreste compreende uma faixa de transição entre as sub-regiões, que vai desde o Rio Grande do Norte, passando por Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, sendo esta menos seca que o sertão, e menos úmida que a Zona da Mata. O clima predominante também é o semiárido, apresentando solo pedregoso e vegetação rala e pequena (EMBRAPA, 2021). A Zona da Mata, também conhecida

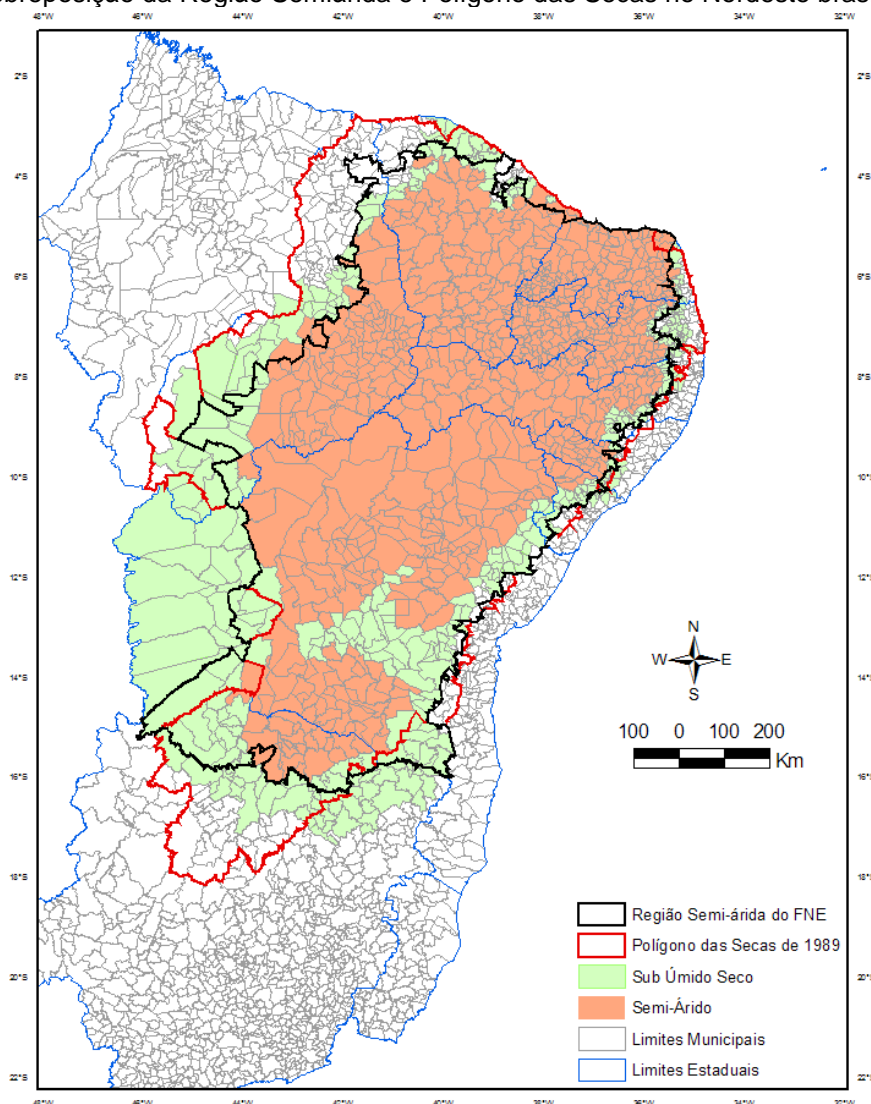
como Litoral Continental, domina todo o litoral leste da região Nordeste, desde o Rio Grande do Norte até o Sul da Bahia. O clima é o tropical úmido, com chuvas frequentes no outono e inverno, tendo como vegetação natural a Mata Atlântica (EMBRAPA, 2021).

Além dessas sub-regiões, que demarcam a região nordeste e define algumas características marcantes, soma-se à essa divisão a Região Semiárida (Figura 9), delimitada pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), levando em consideração suas condições climáticas de semiaridez (IBGE, 2021). Essa região é particularmente importante para esta pesquisa, pois recobre grande parte do estado do Ceará, e conseqüentemente o município de Quixadá.

Nesta região, as temperaturas se mostram altas, geralmente acima dos 20 graus Celsius e com precipitações escassas, os rios, em sua maioria, são intermitentes, ou seja, chegam a se extinguir em certos períodos, a vegetação está adaptada ao clima e os solos são poucos desenvolvidos (ARAÚJO, 2011, p. 90-91). Praticamente na mesma delimitação, se encontra o Polígono das Secas, área reconhecida pela legislação¹¹ como sujeita a crises de estiagens (Figura 9).

¹¹ Lei nº 1348 de 10 de fevereiro de 1951, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1348-10-fevereiro-1951-361925-normaatualizada-pl.html> sendo revista e ampliada pela Portaria Ministerial nº 01 de 09 de março de 2015.

Figura 9: Sobreposição da Região Semiárida e Polígono das Secas no Nordeste brasileiro.



Fonte: Ministério da Integração Nacional, Relatório final do grupo de trabalho Interministerial para redelimitação do semiárido nordestino e do polígono das secas, 2005, Adaptado por Jémison Mattos dos Santos, 2008.

A Caatinga é o bioma, ou seja, conjunto de clima, vegetação solo e altitude que predomina na região nordeste (SENA, 2011, p. 7) e conseqüentemente na Região Semiárida e Polígono das Secas. A palavra de origem tupi, significa “Mata branca” (*caa* = mato + *tinga* = branco), pois na estação seca, a maioria da vegetação perde as folhas e fica com uma aparência clara, esbranquiçada (WEIMER, 2012, p.6). No entanto, durante o período chuvoso a mata branca se torna verde rapidamente, mudando completamente a aparência de determinados locais (Figura 10). O período de chuvas é curto e corresponde geralmente aos meses de janeiro a maio, enquanto o período seco, a maior parte do ano, se estende de junho a dezembro (SENA, 2011, p. 14).

Figura 10: Fotografia da mesma residência e da vegetação do entorno, nos meses de Abril e Outubro de 2016, respectivamente.



Fonte: A esquerda, acervo TOCA Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo; a direita acervo da autora, 2016.

O prolongado período seco e quente, é designado simbolicamente de “verão”, enquanto que o verão chuvoso é chamado de “inverno”, isso porque o conceito de quatro estações praticamente não tem validade para essa região (AB’SABER, 2003, p. 85). Essas condições climáticas acabam sendo fatores marcantes e determinantes para a paisagem local e para os moradores da região;

Na realidade, os atributos do Nordeste seco estão centrados no tipo de clima semi-árido regional, muito quente e sazonalmente seco, que projeta derivadas radicais para o mundo das águas, o mundo orgânico das caatingas e o mundo socioeconômico dos viventes dos sertões (AB’SABER, 2003, p. 85)

Fruto de uma interpretação superficial sobre o semiárido, o Nordeste passa a ser tido como a terra das secas, região da fome e da miséria (SILVA, 2003, p. 361). O discurso sobre os períodos de seca, na literatura, música e artes, aparece como uma fatalidade, responsável pela desestruturação familiar e os conflitos sociais regionais (SILVA, 2003, p. 362 *apud* ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p. 121). A exemplo disso, Os sertões de Euclides da Cunha, O Quinze de Raquel de Queiroz, entre outros, retratam o semiárido como hostil e explicação para a desorganização da vida (SILVA, 2003, p. 361). A seguir, um trecho retirado do livro Terra de sol, de Gustavo Barroso;

Na natureza não desabrocha um sorriso; o céu não derrama uma lagrima; o sol refulge sempre. E a cópa verde dum joazeiro ao longe, perdida nas catingas esqueléticas, tem um tom de raridade e de heroísmo. O sertão fica sêcco, nú, inhospito, quase negro; estende-se em ondulações desnudas, apontadas de mirrados capões. O céu é árido, sem manchas – como se fora varrido por um vento de maldição (DINIZ, 2013, p. 6 *apud* BARROSO, 1912, p. 21).

É importante ter em mente, no entanto, que as secas sempre existiram na região. Há registros de que os povos nativos, que a habitavam, também eram atingidos pelas secas e migravam em direção ao litoral, porém, àquela época, o ecossistema da Caatinga estava em equilíbrio com o clima e suas variações. O avanço dos colonizadores pelos sertões ocasionou a modificação da paisagem, com o uso destinado ao estabelecimento de fazendas e da criação de gado, tornando a região mais vulnerável às secas (DE NYS; ENGLE; MAGALHÃES, 2016, p.22-23)

As secas começaram a ser consideradas um problema nacional a partir da segunda metade do século XVIII, quando passaram a ser propostas intervenções no semiárido com a ideia de combate à seca (SILVA, 2003, p. 369). Após a grande seca de 1877 – 1879, o Império dá início à políticas de açudagem (criação de açudes) como forma de suprir a demanda por água da população, dos animais e da irrigação (ISPN, 2019, s/n), se estendendo por muito tempo, com a característica de caráter apenas emergencial, e que alimentava a “indústria da seca¹²”, ou seja, beneficiava interesses de coronéis, grandes latifundiários e detentores do poder político e econômico enquanto que grande parte da população sertaneja servia de mão de obra explorada (SILVA 2003, p. 369; PONTES, 2010 p.36).

Muitos poços e açudes eram construídos em propriedades privadas, o que fez essa associação da concentração de terras com a das águas. Com esse fato, as medidas eram paliativas e se preocupavam em unicamente aumentar a disponibilidade de água, sem considerar o contexto sócioestrutural do semiárido (ISPN, 2019, s/n).

Pensando não só na seca como vilã da região Nordeste, outros autores, apresentaram em suas obras, outra perspectiva sobre semiárido, diferente daquela apontada anteriormente, agora discutindo o tema da concentração fundiária e de riqueza e a exploração de mão de obra dos sertanejos como um dos causadores da realidade de desigualdade no semiárido. Como exemplo disso, pode-se apontar a Geografia de Fome (1984), de Josué de Castro, e Linhas Tortas (1962) de Graciliano Ramos (SILVA, 2003, p. 362). Para citar uma obra literária recente, Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior, também traz como pano de fundo o sertão baiano e a seca, também trazendo a temática a exploração do trabalho braçal e um modelo escravocrata no Brasil.

¹² Termo cunhado como denúncia aos abusos contra o povo sertanejo, utilizado como discurso crítico pelos movimento sociais (PONTES, 2010, p. 36 apud COELHO, 1985).

A partir dos anos 1945 inicia-se outra discussão sobre a imagem do semiárido brasileiro, voltada para a criação de instituições preocupadas com promoção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento regional para o semiárido (SILVA, 2003, p. 363) em contraposição à política anteriormente vigente, de combate à seca, e medidas emergenciais e assistencialistas. Em 1990 constitui-se a Articulação do Semiárido (ASA) formada por ONG's, sindicatos rurais, associações de agricultores, cooperativas entre outros (ASA, 1990, s/d), que em 1999, durante a 3ª Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação e à Seca, da Organização das Nações Unidas (ONU) lançou a Declaração do Semiárido (SILVA, 2003, p. 364).

A Declaração do Semiárido inclui um programa de Convivência com o Semiárido, já que não seria possível combater a seca, pois ela é inerente à região (ISPN, 2019, s/n). O Programa visa o fortalecimento da agricultura familiar, a garantia de segurança alimentar, o uso de metodologias adaptadas ao semiárido, universalização do abastecimento de água, a articulação entre produção, extensão, pesquisa e desenvolvimento científico tecnológico adaptado às realidades locais, acesso ao crédito e aos canais de comercialização, descentralização das políticas e dos investimentos, priorização de investimentos em infraestrutura social entre outros (Declaração do Semiárido, 1999, p. 5-6).

A perspectiva da convivência com o semiárido rompe com a visão antropocêntrica de dominação da natureza pelo homem, propondo um olhar mais ecológico e de reconciliação com a natureza (SILVA, 2003, p. 381). Além disso, contribui para a mudança de interpretação sobre aquele nordeste como reduto da seca e da fome, ainda tão presente na sociedade.

4.2 A formação histórica do Ceará e sua conformação espacial atual

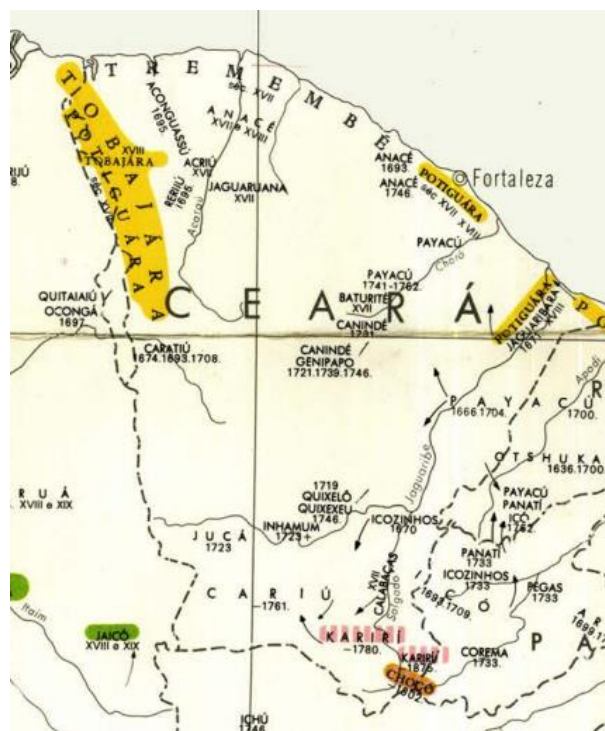
Ceará provém de “Siará” ou “Syará”, e significa “canto da jandaia”, que na linguagem tupi se refere a um tipo de papagaio (IPECE, s/d, p. 1). Pensando sobre essa toponímia, vale ressaltar que antes mesmo de se falar sobre a ocupação e exploração do interior do estado do Ceará, se faz necessário lembrar dos povos nativos da região. Não esqueçamos que, antes da ocupação do sertão cearense pelos colonizadores, que por muitas vezes “[...] se colocam como o senhor e ponto de

partida de tudo que acontece nesta terra [...]” (WEIMER, 2012, p. 39), essas terras eram habitadas pelos povos nativos.

No Ceará pré-colombiano, como nos outros estados nordestinos, habitavam três povos indígenas principais, cada um com elementos de culturas característicos. No terço setentrional da chapada da serra da Ibiapaba viviam numerosas aldeias de índios TUPÍS da tribo TABAJARA, em boas relações com os TAPUIAS circunvizinhos. Por isso, visitavam trechos dos sertões contíguos e o litoral próximo, praias do Camucim, Acaraú, etc. O litoral cearense, ao norte, talvez até o rio Mundaú, era o habitat dos índios TREMEMBÉS, tapuias que ainda não foram bem determinados. Para leste, o litoral era periodicamente percorrido por outras tribos tapuias e pelos PETIGUARAS, tupís do Rio Grande do Norte e da Paraíba. No sul, ocupando as terras frescas do vale Cariri e imediações. Habitavam os CARIRÍS, que se entendiam pelos sertões da Paraíba e Pernambuco, rio S. Francisco e trechos das catingas baianas. Entre estes e o litoral, estava o vastíssimo domínio dos TARAIRIÚS, seccionados em numerosas tribos espalhadas do Piauí às margens do S. Francisco (SOBRINHO, 1940, p. 163).

No entanto, a distribuição de povos no território explanada acima é bastante antiga, e os territórios e povos eram tão homogêneos (Figura 11), havia, e ainda há, mesmo que não nos seus territórios de origem, diferentes povos, ocupando porções do que viria a ser o estado do Ceará.

Figura 11: Recorte do Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (Adaptado do mapa de Curt Nimuendaju, 1944).



Fonte: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, IBGE, 1967.

A relação entre povos nativos e colonizadores se deu pela disputa por território. Para os povos indígenas a terra não era vista como um meio de produção, mas sim um espaço de liberdade, ao contrário dos colonizadores, que viam a terra como oportunidade de obter lucro e acumular riqueza com a implantação de atividades econômicas. Esse conflito de visões sobre o território ocasionou confrontos, e subordinação dos povos indígenas aos europeus, que por fim levaram ao genocídio e etnocídio dos povos indígenas e quase desaparecimento da cultura indígena no território cearense (PINHEIRO, 2004, p. 18; 26; 55).

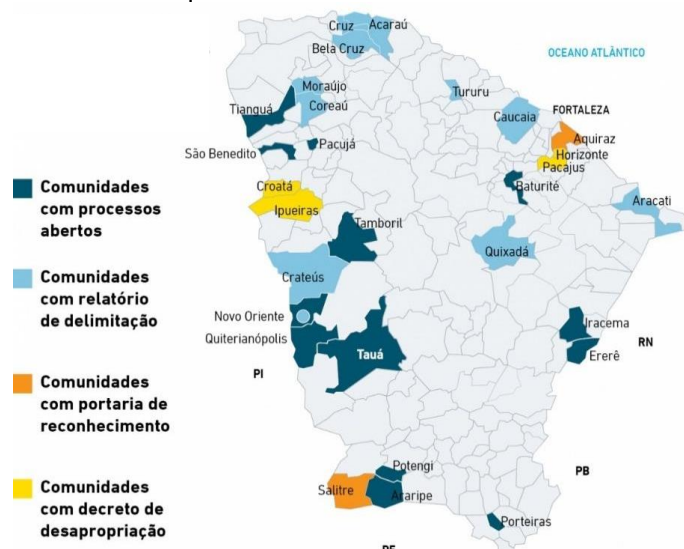
A diminuição no número de indígenas na América Portuguesa ocorre pelo processo constante de lutas travadas pela posse das terras e pela implantação das atividades econômicas. A necessidade de mão de obra para a instalação dos engenhos no litoral, ou a força de trabalho no trato das fazendas, coloca o seu aprisionamento como algo lucrativo, situação que se modifica com o desenvolvimento dessas atividades a partir da substituição do braço indígena pelo escravo africano (ALBUQUERQUE, s/d, s/n).

Vale ressaltar o papel da igreja no processo de domesticação da população indígena, através da criação dos aldeamentos, importantes para o reconhecimento e aceitação pelos povos nativos, do “novo modo de vida” imposto (PINHEIRO, 2004, p. 37; JUCÁ, 2012, p. 134).

A subordinação dos povos indígenas não se deu apenas pela violência. Ao lado desta, foi articulado o processo de “convencimento” e nesse processo a religião foi importante. [...]. A religião teve papel essencial, tendo em vista que esta não objetivava apenas a adesão à fé católica mas, também, o treinamento para o trabalho regular e disciplinado (PINHEIRO, 2004, p. 51-52).

Quanto a herança africana, é sabido dos milhões de africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil. Aquelas que não morriam durante a vinda para cá ou pelo trabalho imposto, resistiam às condições de trabalho e, ou fugiam e se refugiavam em quilombos, geralmente em locais distantes e de difícil acesso, ou compravam sua liberdade. De acordo com a Fundação Palmares, há 53 comunidades remanescentes de quilombo no Ceará já certificadas, distribuídas em 30 municípios (FUNDAÇÃO PALMARES, 2021, s/n) (Figura 12).

Figura 12: Municípios com terras quilombolas no Ceará.



Fonte: O Povo (2019), disponível em:

<<https://mais.opovo.com.br/reportagens/exclusivas/2019/11/19/32-comunidades-quilombolas-aguardam-demarcacao-no-ceara--alguns-processos-ja-duram-14-anos.html>> Adaptado pela autora (2021).

A ocupação do território cearense por outros povos, diferente dos nativos, foi impulsionada por interesses econômicos, como já destacado anteriormente. A exploração econômica do território se deu no início do século XVI, com a instalação da produção açucareira no litoral, e no final do século XVII, através da interiorização da atividade pecuária (PINHEIRO, 2004, p. 17). E também não se pode esquecer do crescimento do cultivo de algodão, após a baixa da pecuária em função das constantes secas, que se tornou um símbolo de prosperidade econômica para o Ceará, firmado ao longo do século XIX (CUNHA, 2020, p. 213).

Durante essas explorações econômicas do território cearense, os povos africanos estiveram presentes. A medida que as fazendas de gado vão surgindo ao longo dos rios, negros africanos também ocuparam esse espaço, como cativos e como trabalhadores livres. Na época de ascensão econômica do algodão e aumento da busca por mão de obra, contando com a maior presença de trabalhadores livre e do escravizado africano (FUNES, 2001, p. 104-105).

A medida que a ocupação do Ceará foi se efetivando, consequência natural da frente de expansão, consolidou-se um espaço de trabalho que atraiu um contingente de homens livres, em sua maioria pobres, negros e pardos, vindos de províncias vizinhas, na condição de vaqueiros, trabalhando no sistema de quarta, ou como morador e agregado junto às fazendas de criar (FUNES, 2004, p. 105).

A ocupação e exploração das zonas interioranas do que hoje conhecemos por Ceará, foi diferente do litoral, isso por que a estrutura social e econômica do gado não exigia tanta mão de obra e ia se desenvolvendo de forma mais lenta que o litoral açucareiro. Porém isso não significa que o uso da mão de obra africana tenha deixado de ocorrer, ou que tenha sido de maneira “mais cordial”. Até algum tempo atrás era comum a ideia de que não havia negros do Ceará, o que não é real, já que pretos e pardos livres ou escravizados representavam um quantitativo populacional alto na capitania do Ceará em 1804 (FUNES, 2004, p. 103-118).

A abolição da escravatura no Ceará é um dos marcos de sua história, por ser considerada a primeira província a abolir a escravidão em 1884, porém não se pode esquecer que no cenário pós-abolicionista, o negro (juntamente com outros povos, indígenas, brancos pobres) é excluído no âmbito da inserção social, mobilidade, moradia entre outros aspectos. Além disso, as relações de trabalhos, ainda eram pautadas em séculos de escravidão, ou seja, acabou-se com a escravidão e continuou-se vivendo uma organização social escravista (FUNES E RIBARD, 2020, p. 28-29).

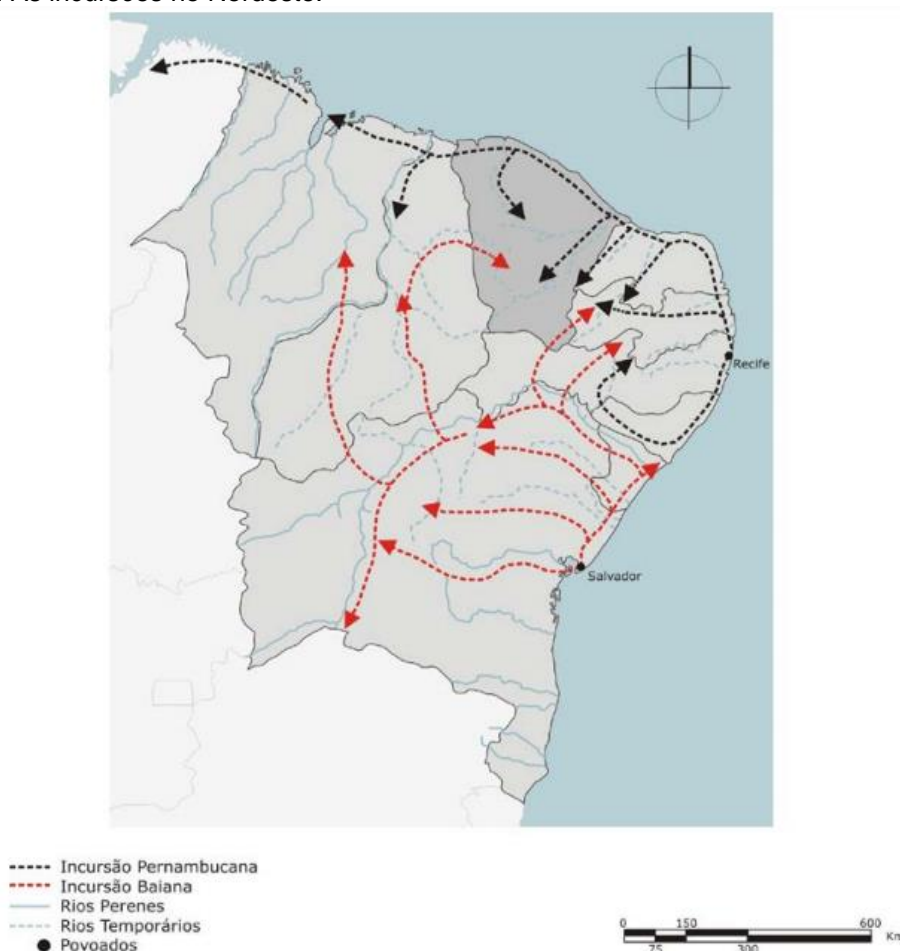
A ocupação e fixação da Capitania do Ceará se deu através do sistema de sesmarias (JUCA, 2012, p. 134-135). As sesmarias tratavam-se de terras repartidas em 6 (seis) partes (cada parte denominada sesmo), no qual, cada parte era concedida a alguém (que recebia a denominação de sesmeiro) que pudesse cultivá-la e torna-la produtiva (NOGUEIRA, 2010, p. 27). As sesmarias eram solicitadas, em sua maior parte para a ocupação através da pecuária, entre os anos de 1679 e 1824 o número de sesmarias cedidas para a pecuária foi de 2.162, em face de 140 sesmarias destinada à agricultura (PINHEIRO, 2004, p.31).

No entanto, as determinações da Coroa portuguesa, a Carta Régia¹³ de 1701, proibiu a criação de gado numa faixa de dez léguas a partir do litoral e determinou sua transferência para o interior (BONDUKI, 2010, p. 69). Assim, a faixa litorânea nordestina foi reservada unicamente para a produção de açúcar, obrigando os criadores a se afastarem das lavouras e buscarem novos campos para pastagem, restando para o criatório o sertão (JUCÁ, 2012, p. 134).

¹³ As cartas régias são documentos oficiais, emitidas pelo chefe de governo na colônia, emitindo uma ordem (SILVA, 2019, s/n). Em específico, a Carta Régia de 1701 determinava o afastamento da atividade econômica de criação de gado do litoral.

As incursões do interior do território, os sertões, (Figura 13) não só cearense, mas de toda a região Nordeste em cumprimento a Carta Régia de 1701, “acompanharam a faixa litorânea rumo às capitânicas do norte ou seguiram os vales dos rios em direção à zona sertaneja, ocupando o Ceará durante o século XVIII” (JUCÁ, 2007, p. 115). A Ribeira do Jaguaribe, foi a principal rota de ocupação da capitania do Ceará (NOGUEIRA, 2010, p. 28).

Figura 13: As incursões no Nordeste.



Fonte: JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. Vilas, Povoados e Estradas do Ceará Colonial: os caminhos da ocupação territorial. ANAIS X Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Florianópolis, 2007, Adaptado por ALBUQUERQUE, s/d, s/n.

Foi a partir das sesmarias, que os primeiros núcleos de atividade produtiva, acumulação de renda e unidade familiar se firmaram, se tornando, posteriormente sede da vida política local (JUCÁ, 2012, p. 135). O gado foi responsável não só pela permanência do homem no sertão mas também pelo posterior surgimento das primeiras vilas, que tiveram destaque na economia sertaneja. A primeiras vilas do Ceará, criadas entre o período de 1699 e 1823, (Figura 14) foram a primeiras unidades territoriais com autonomia política e administrativa (PONTES, 2010, p. 25-28).

Figura 14: Primeiras vilas do Ceará, 1699-1823.



Fonte: A questão dos limites municipais do estado do Ceará, IPECE, 2012, p. 11.

A criação dessas vilas envolviam interesses do estado português, motivadas pelo efetivo controle e conquista do poder régio na capitania, o desenvolvimento econômico onde a vila estava situada e controle da população indígena (com a elevação de aldeamentos à categoria de vilas) e população livre e pobre da colônia (NOGUEIRA, 2010, p. 44). Essas vilas vieram a desempenhar, posteriormente, múltiplas funções dentro da economia pecuária, seja produção, comercialização, atividades industriais ou de serviços (PONTES, 2010, p. 28).

Outro elemento importante para o povoamento e exploração da economia pecuarista, foram as casas de fazenda, e por mais que as casas de fazendo não sejam o foco da presente pesquisa, reconhece-se sua importância para o contexto de ocupação e desenvolvimento econômico do Ceará no Brasil colonial.

As casas de fazenda (Figura 15) eram situadas dentro das sesmarias, em locais estratégicos, geralmente elevados e próximos a corpos de água e tinham sua estrutura

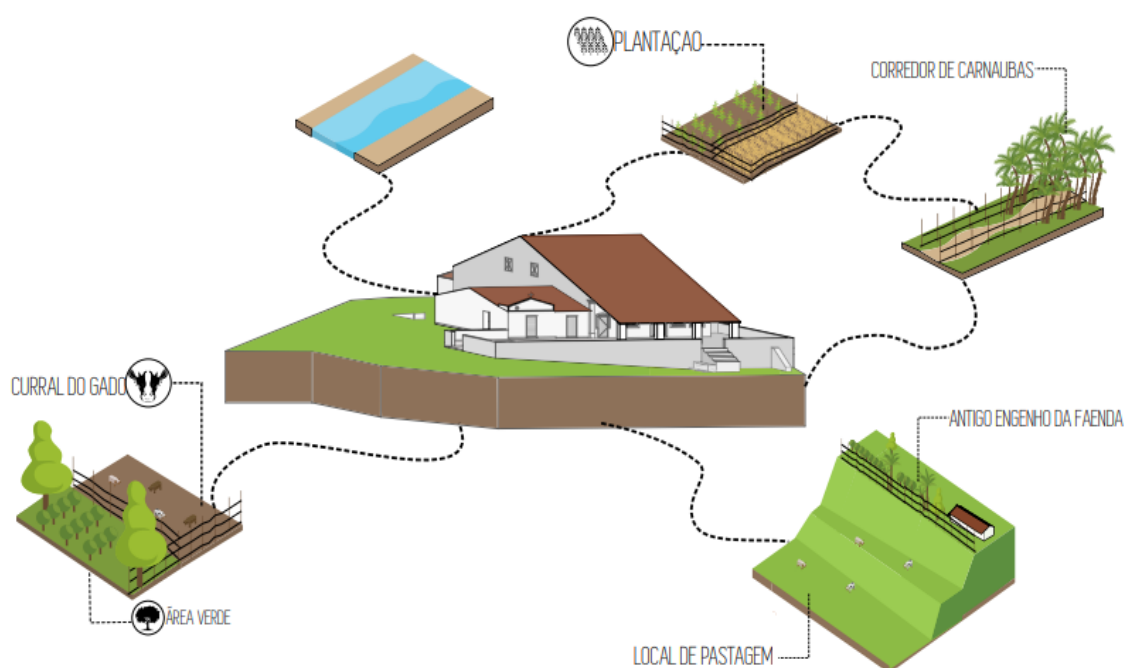
e organização espacial relacionada às necessidades produtivas da criação de gado. Como programa dessas fazendas, havia uma casa sede, um curral, cercados para agricultura, raramente uma capela e eram localizados geralmente próximo à açudes (Figura 16) (JUCÁ, 2012, p. 135).

Figura 15: Complexo de fazenda de gado do nordeste, localizada na zona rural do Icó, Ceará, Fazenda Loreto.



Fonte: Fotografia de Glaudemias Grangeiro Junior, 2018.

Figura 16: Diagrama de implantação de uma fazenda de gado (Fazenda Loreto) do nordeste no município de Icó, Ceará, com a presença de elementos principais.



Fonte: Elaborado por Glaudemias Grangeiro Junior, 2018¹⁴.

Quanto aos aspectos construtivos dessas casas de fazenda, os alicerces eram de alvenaria ou pedra e as paredes de taipa com cobertura geralmente em duas ou

¹⁴ Trabalho final de graduação em arquitetura e urbanismo intitulado Mosaico de memórias: a inclusão da arquitetura rural à instrução de tombamento na cidade de Icó/CE, defendido no ano de 2019, no Centro Universitário Católica de Quixadá.

quatro águas, telhas de barro e madeiramento aparente (JUCÁ, 2007, p.208). Por outro lado, Vieira Junior (2004) aponta para o caráter provisório dessas construções em taipa, assim utilizadas em decorrência da seca, forçando a migração para outras áreas. Coadunando;

A técnica usada na construção era, portanto, regida pelo tempo social do criatório, marcado pela escassez de mão de obra, pela urgência da fixação, em um meio natural plasmado pela terra rachada, pela agressividade climática, pela falta de chuva, pela rara presença de pastagens, pela quase inexistência de rios perenes (JUCÁ, 2012, p. 135).

Foi no entorno dessas fazendas que posteriormente foram fundadas as maiorias das vilas da então capitania cearense (JUCÁ, 2007, p. 207).

4.3 A formação do município de Quixadá

Após esta breve explanação sobre as casas de fazenda no nordeste, se faz importante salientar, que Quixadá, assim como várias outras cidades, se iniciou de uma fazenda. Antes de se estabelecer a fazenda que deu início a Quixadá, a terra já tinha passado por tentativas de ocupação, porém apenas em 1755, o fazendeiro José de Barros Ferreira¹⁵ estruturou sua propriedade (COSTA, 2002, p. 12).

Especificamente, o caso da terras que hoje correspondem ao município de Quixadá, foram exploradas a partir da penetração do território seguindo o Rio Jaguaribe e seus afluentes, Rio Banabuiú e Rio Sitiá, sendo este último, o rio que corta a cidade (SANTOS, 2011, p.38).

Assim como outras regiões do país, e como explorado anteriormente, o confronto com os povos nativos se repete em Quixadá. O principal motivo para a não exploração desta terra anteriormente se dá pela forte resistência indígena, afinal, era *“fundamental, para o projeto colonial, “limpar” a terra, isto é restringir o espaço dos grupos indígenas que ocupavam a região”* (PINHEIRO, 2004, p. 27-28). O mecanismo de “limpeza” utilizado pelos colonizadores, além o extermínio através de guerras e disseminação de doenças, com as quais os habitantes nativos não estavam

¹⁵ Morador de Aracati, Ribeira do Jaguaribe, José de Barros Ferreira adquiriu em 1747 terras às margens do rio Sitiá, chegando no que hoje corresponde a Quixadá em 1755, trazendo família, trabalhadores rurais e escravizados, com o intuito de fazer prosperar a terra comprada através da pecuária (COSTA, 2002, p.11-12).

habitados, foi a criação de aldeamentos, controlados por missionários jesuítas (PINHEIRO, 2004, p. 27-28).

Os aldeamentos eram organizados por padres missionários jesuítas, que vieram para o Brasil auxiliar na colonização. Os padres ensinavam aos indígenas a religião católica e novos hábitos (usar roupas, casar etc). Em troca os indígenas trabalhavam para manter os aldeamentos e não podiam ser escravizados pelos colonos (SANTOS, 2011, p. 40).

A alternativa desses povos eram lutar por suas terras em guerras ou serem aldeados, catequizados e terem seus modos de vida inviabilizados. Em 1755, com a chegada de José de Barros e instalação de sua propriedade, a população indígena já havia sido aldeada na chamada Serra da Palma, zona montanhosa¹⁶ a sudoeste de Quixadá (Figurar 17 e 18) (SOUSA, 1960, p. 14; COSTAS, 2002, p. 11). Depois de 1760, os aldeamentos foram transferidos para a Serra do Baturité, localizada no centro norte do Ceará, em razão de provável revolta dos indígenas contra os missionários (SANTOS, 2011, p.40; COSTA, 2002, p. 11).

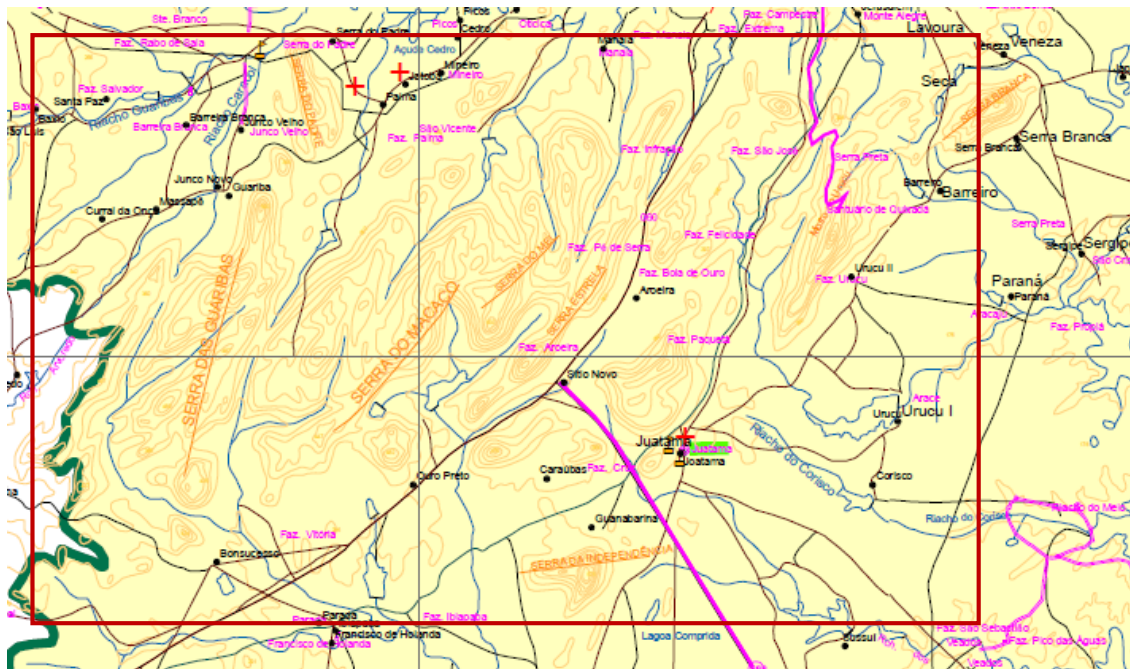
Figura 17: Carta corographica da Província do Ceará, ao centro Quixadá, e representação de cadeia montanhosa onde povos indígenas foram aldeados.



Fonte: Biblioteca Digital Luso-brasileira, adaptado pela autora, 2021. Disponível em <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/browse?value=Cear%C3%A1%20-%20Mapas&type=subject>> Acessado em 12 de dezembro de 2021.

¹⁶ Segundo Costa (2002, p. 11) formada pelas serras Branca, Urucu, Preta, Juá, Balança, Macacos e Faísca, que separa as vertentes do rio Sitiá e de seu tributário Tapuiará. No entanto, os nomes das formações montanhosas encontradas em mapas elaborado pelo IPECE (2018) apontam outros nomes para algumas serras, o que significa que estes nomes podem ter sido alterados ao longo do tempo ou que o autor se referia a nomes mais comumente utilizados pelos moradores.

Figura 18: Recorte do Mapa municipal de Quixadá, Projeto atlas de divisas municipais georreferenciadas do estado do Ceará.



Fonte: IPECE (2018), adaptado pela autora 2021.

José de Barros, destinado a torna a terra produtiva, em 1755 começou a estruturar o que viria a ser o município de Quixadá posteriormente. O núcleo iniciou com uma casa sede, currais para o gado e outros animais trazidos para cá (caprinos e ovinos) e uma capela¹⁷, elementos construtivos fundamentais para a formação de um núcleo rural sólido (COSTA, 2002, p.12), o chamado “triângulo rural” (Figura 19);


Quixadá nasceu de uma aventura. Uma casa de taipa e um curral de caiçara à beira de um rio seco, centrado duas léguas de caatinga compradas “pelo preço e quantia certa de duzentos e cinquenta mil réis”. Foi quanto custou ao Capitão José de Barros Ferreira, em 1747, todo o chão quixadaense. A essas benfeitorias primitivas veio juntar-se depois uma capela, erguida pela crença e pelas esperanças daquele pioneiro, exposto a toda sorte de perigos, naqueles êrmos pervagados pelo tapuio traiçoeiro. **Estava assim formado o triângulo rural peculiar da região: casa, curral e capela, com expressões da família, da economia e da religião** (SOUSA, 1960, p. 09 – grifo nosso).


A casa sede, construída em taipa, que serviria de morada para José de Barros e sua família situava-se onde hoje se conhece a Praça José de Barros (principal praça

¹⁷ Por ocasião da posse solene concretizada pelos meios legais, através de uma escritura pública de posse, lavrada em 27 de setembro de 1755, José de Barros, naquele momento, cortou paus e improvisou uma cruz de madeira, como símbolo de sua fé e de proteção à nossa Quixadá (COSTA, 2002, p.12)

da cidade) (Figura 20); no local onde foi afixado a cruz de madeira, anos mais tarde se iniciou a construção da capela (1780), que corresponde a atual Capela do Sagrado Coração de Jesus (Figura 21); já o curral de boi há dúvidas sobre sua localização exata, alguns escritores afirmam que o curral teria sido erguido a 500 metros de distância da casa sede, onde hoje está a Praça Coronel Nanam, porém essa distância seria muito grande para que o criador pudesse acompanhar a ordenha. Além disso, aponta-se para a existência de um riacho, que recebia águas da Lagoa da Pedra (atualmente conhecida como Pedra do Cruzeiro), e durante os períodos de chuvas, impossibilitaria a passagem da casa sede até o curral (Figura 22). Especula-se que onde hoje é a Praça Coronel Nanam, fosse o curral de “miúça”, destinado a cabras e ovelhas, que exalavam um cheiro muito forte (COSTA, 2002, p. 13; SOUSA, 2011, p. 42).



 Local onde teria se construído a casa de José de Barros, atual Praça José de Barros

 Local de construção da capela, atual Capela do Sagrado Coração de Jesus

 Local do suposto curral de “miuça”


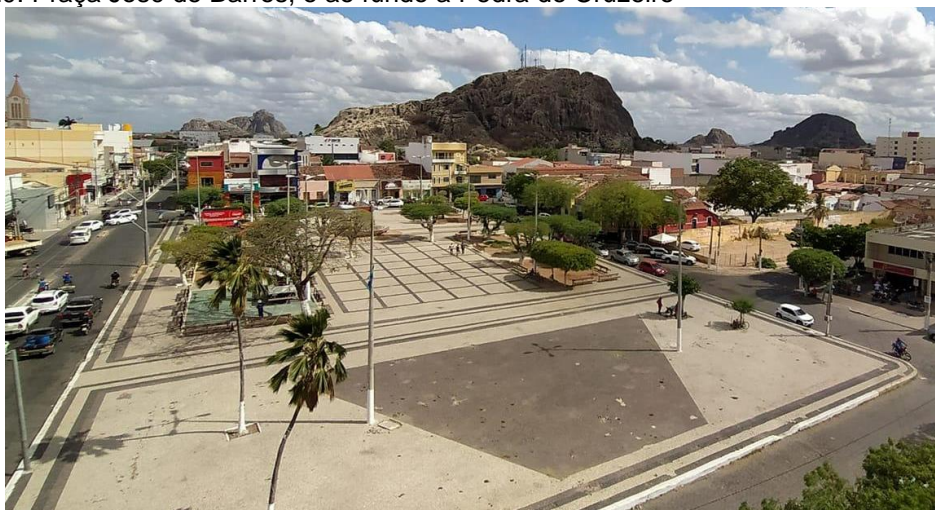
 Caminho feito pela riacho que supostamente cortava a cidade



Figura 19: Possível localização do “Triângulo rural”, atualmente centro de Quixadá.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Figura 20: Praça José de Barros, e ao fundo a Pedra do Cruzeiro



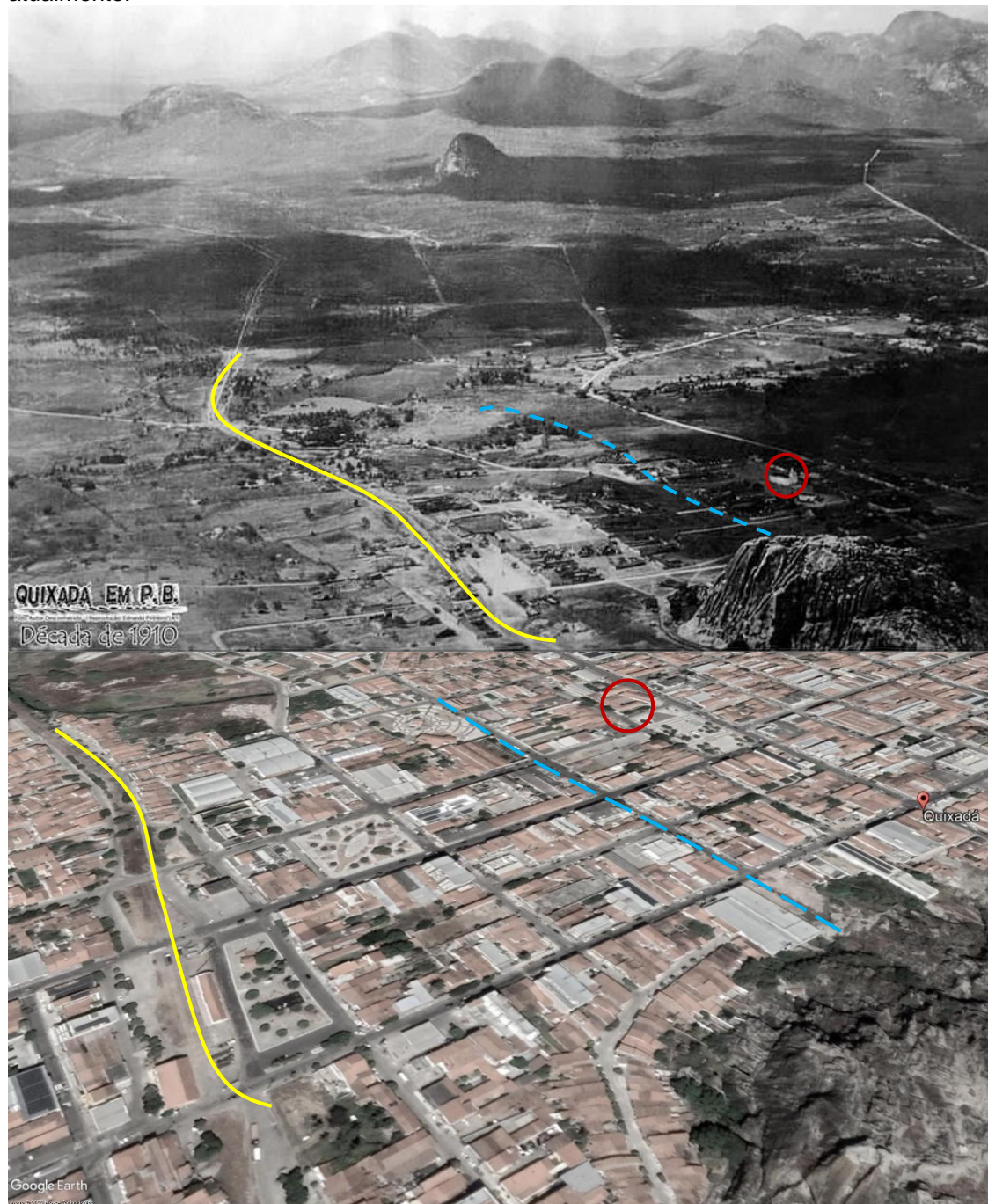
Fonte: Kido Aranha 2019, Facebook Quixadá Antigo.




Figura 21: Capela do Sagrado Coração de Jesus, à esquerda fotografia datada de 1920, à direita, mesma capela, com anexo do atual Colégio Sagrado Coração de Jesus, fotografia datada de 2019.



Fonte: Esquerda Página de Facebook Quixadá Antiga. A direita, Fabio Barros, disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_sagrado_coracao_de_jesus.jpg?uselang=pt-br> Acessado em 12 de dezembro de 2021.

Figura 22: Esquema de representação sobre a localização da fazenda de Quixadá em 1910 e atualmente.



-  Capela do Sagrado Coração de Jesus, e logo a frente à Praça José de Barros
-  Linha férrea
-  Local por onde supostamente escorria riacho em quadras chuvosas

Fonte: Primeira Fotografia, Página de Facebook Quixadá Antiga, datada de 1910; Abaixo, imagem obtida através do Google Eart (2021).

Claramente os currais e os caminhos das boiadas foram as origens dos principais aglomerados urbanos que conhecemos hoje, porém as longas e constante secas reduziu bastante o rebanho bovino cearense (PINHEIRO, 2012, p. 110). O cultivo do algodão passou a ser então uma importante fonte de renda e expressão econômica para a capitania (COSTA, 2002, p. 475) (Figura 23), “irradiando-se da zona sub-litorânea, onde iniciou seu ciclo [...] penetrou pelos sertões [...] foi o primeiro passo para a quebra do monopólio avassalador da pecuária” (SOUSA, 1960, p. 58).

Figura 23: Fotografia de 1935 mostra sacas de algodão e de outros produtos aguardando ser transportados, a rua não se sabe ao certo qual seria.



Fonte: Página do Facebook Quixadá Antiga (2018).

O algodão já era conhecido e utilizados pelos povos nativos do Ceará e do território de Quixadá (levando em consideração outras áreas próximas, atualmente municípios vizinhos, Choró, Ibareta, Banabuiú), e os colonizadores se apropriaram e aperfeiçoaram os métodos de trabalho no campo, objetivando o maior aproveitamento do algodão (COSTAS, 2002, p. 474). A dinamização econômica propiciada pelo beneficiamento do algodão fez com que o povoado de Quixadá, ainda sob jurisdição de Quixeramobim¹⁸, fosse elevada à categoria de vila em 1870 e posteriormente, em 1889 ao posto de cidade, na época com uma população de 14.780 (quatorze mil setecentos e oitenta) habitantes (PEREIRA, 2012, p. 111). Em 1882 Quixadá teve sua primeira fábrica destinada a “descaroçar” o algodão (SOUSA, 1960,

¹⁸ Em 1704 foram concedidas terras ao Português Antônio Dias Ferreira através de Cara Régia, além disso ele adquiriu terras às proximidades de um rio, onde construiu sua casa e uma capela em nome do Santo Antônio de Pádua (que mais tarde viria a ser conhecido como Santo Antônio do Quixeramobim). Em 1766, também por determinação régia a Vila de Quixeramobim foi criada e em 1789 a vila de povoação Santo Antônio de Quixeramobim passa a ter o nome de Vila Nova do Campo maior do Quixeramobim (CORREIA, s/d, s/n).

p. 58), e ainda hoje é possível encontrar os galpões que foram erguidos pra o beneficiamento do algodão, alguns já bem diferentes do que eram, hoje dão lugar à oficinas de veículos (Figura 24).

Figura 24: Alguns dos galpões utilizados para o beneficiamento do algodão em Quixadá, localizado na Rua Clarindo de Queiroz, Centro.

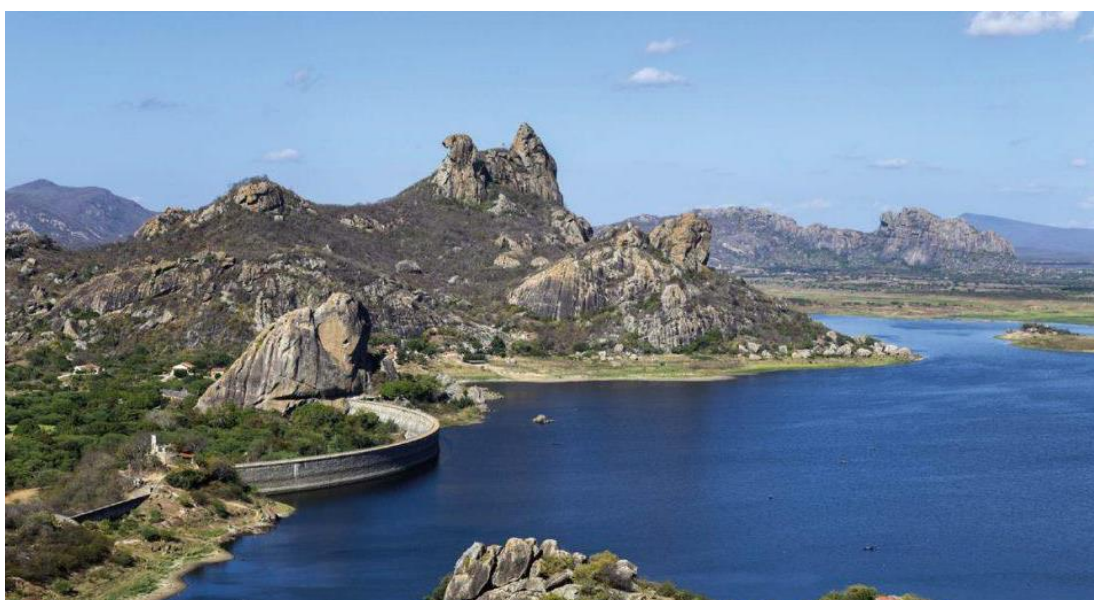
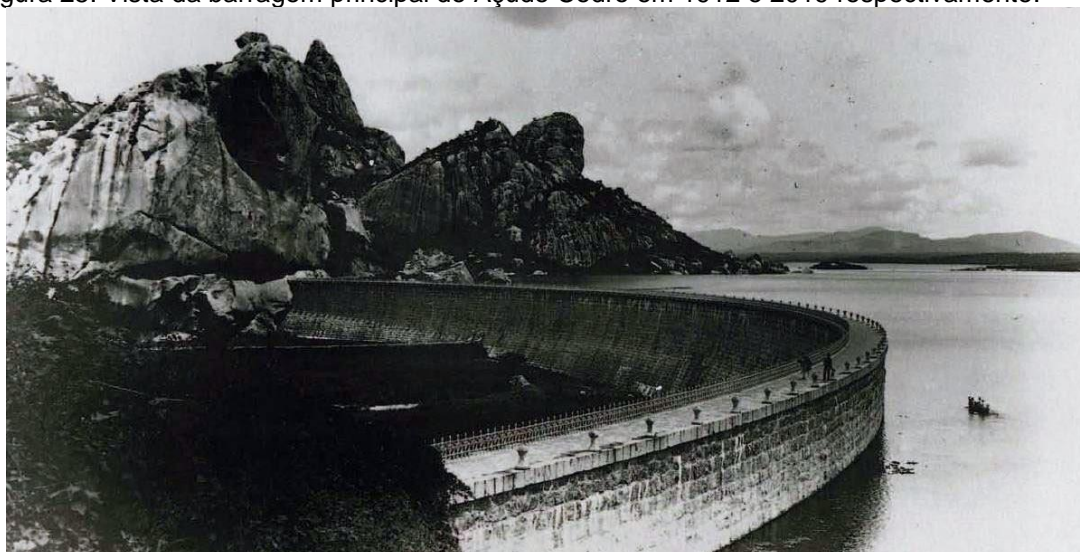


Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2021.

Outro fato importante para a emancipação de Quixadá foi a construção do Açude Cedro (Figura 25), primeira grande obra hídrica do continente sul americano e inaugurou as intervenções públicas de “combate à seca” no nordeste brasileiro, sob responsabilidade de uma Comissão de Açudes, criada pelo então imperador, D. Pedro II e projetada pelo engenheiro britânico J. Rêvy (PEREIRA, 2012, p. 111).

[...] o açude Cedro foi planejado para irrigar uma área equivalente a 1.000 ha. Desenhado esse quadro, conformou-se a partir de então um polo de atração de população, “um oásis” em relação a um território caracterizado pela pobreza, pela desigualdade fundiária e também pelas intempéries climáticas (estiagens) (PEREIRA, 2012, p. 111).

Figura 25: Vista da barragem principal do Açude Cedro em 1912 e 2019 respectivamente.



Fonte: A primeira imagem, página do Facebook Quixadá Antiga (2020), a segunda imagem Blog O Povo, disponível em < <https://www.levarti.com.br/blog/quixada-discos-voadores/>> Acessada e 14 de dezembro de 2021.

Outros períodos, correspondente ao fim do período imperial e início da república não houveram tantas mudanças no que diz respeito a política, Quixadá estava sob o comando das famílias de grandes proprietários¹⁹ de terra vinculados ao setor comercial (SILVA, 2007, p. 55-56). Avançando nesta linha do tempo que traçamos, vemos também a ascensão grupos contrário a dominação dessas famílias;

Nos anos de 1980, o fim da ditadura militar, o aparecimento de uma nova elite – com base no Centro Industrial do Ceará (CIC) - e o declínio do algodão minaram o poder das duas famílias, possibilitando a vitória

¹⁹ Destaca-se as famílias Queiroz e Barreira e posteriormente as famílias Baquits e Carneiros (tradicional de Quixaramobim) (SANTOS, 2011, p. 77-78)

de seus oponentes. Nos anos de 1990, o Partido dos Trabalhadores (PT) alcançou o poder. O partido era ligado, localmente, ao sindicalismo (especialmente o rural) e aos servidores públicos (SANTOS, 2011, p. 78).

Alguns dos fatos relatados aqui, foram importantes para que a vila de Quixadá, que ainda fazia parte da jurisdição de Quixeramobim²⁰, obtivesse importância regional, se tornando importante aglomerado na hierarquia urbana cearense, e tendo destaque, ao lado de Quixeramobim, no que hoje conhecemos como a região do Sertão Central cearense (PEREIRA, 2012, p. 3).

4.4 Conhecendo Quixadá e o Sertão Central

A região que conhecemos por Sertão Central atualmente corresponde a um aglomerado de 13 municípios, Banabuiú, Choró, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibareta, Ibicuitinga, Milhã, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Quixadá, Quixeramobim, Senador Pompeu e Solonópole, correspondendo a 10,75% do território cearense em quilômetros quadrado (IPECE, 2016, p. 5-6). A região está entre outras 14 (quatorze) regiões de planejamento (Figura 26), criadas com o intuito de contribuir com as “atividades de planejamento, monitoramento e implementação de políticas públicas de forma regionalizada” (IPECE, s/d, s/n)²¹.

²⁰ A região onde hoje se acha confinado o município era habitada pelos índios canindés e quixarás. Os primeiros colonizadores que penetraram aquelas terras vieram do Jaguaribe, seguindo o rio Banabuiú. No começo do século XXVIII, o capitão-mor Francisco Gil Ribeiro, governador da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, concedeu as primeiras sesmarias às margens do rio Ibu, nome pelo qual era conhecido dos indígenas o atual rio Quixeramobim. O vocábulo Quixeramobim adveio de uma serra localizada ao norte da cidade e atualmente tem a denominação de Santa Maria (IBGE, 2015, s/n).

²¹ Disponível em <<https://www.ipece.ce.gov.br/regioes-de-planejamento/>> Acessado em 10 de dezembro de 2021.

Figura 26: Regiões de planejamento do Ceará, ao centro em amarelo, a região do Sertão Central.



Fonte: IPECE, 2015.

Essas regiões de planejamento foram criadas levando em consideração a agregação territorial por meio de características semelhantes “como, por exemplo, os fatores geoambientais, socioeconômicos, culturais ou de estrutura econômica” (IPECE, 2015, p. 6).

[...] uma região de planejamento refere-se a uma área onde a dinâmica socioeconômica e geográfica de suas várias partes é dependente da aplicação de critérios administrativos instrumentalizados pelo setor público, a partir das necessidades de execução de determinados serviços públicos, do exercício do poder regulatório do Estado ou, por

exemplo, da implementação de políticas públicas em determinada região (IPECE, 2015, p. 6)

Vale mencionar também a divisão em mesorregiões e microrregiões feita pelo IBGE na década de 1990, visando organizar o espaço geográfico por meio de 3 (três) dimensões “o processo social, como determinante; o quadro natural, como condicionante e; a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial”, nesse contexto foram delimitadas 7 (sete) mesorregiões e 33 (trinta e três) microrregiões geográficas no estado do Ceará (IPECE, 2015, p. 7). Logo, o município de Quixadá pertence a Macrorregião de planejamento Sertão Central, à Mesorregião do Sertão Cearense e à microrregião Sertão de Quixeramobim (SEPLAG, 2009, p. 7).

Quixadá é o terceiro maior município, com uma área de 2.019,83 km² e a segunda maior população de 80.604 habitante, de acordo com os últimos dados do censo demográfico de 2010 (IPECE, 2016, p. 6) e com uma população estimada em 88.899 habitantes em 2021 (IBGE, 2021, s/n). É dividida administrativamente em 13 (treze) distritos, 1 (um) distrito-sede, onde está localizado o centro da cidade (onde antigo núcleo rural da fundação da vila foi construído) e do poder público e mais 12 (doze) distritos distribuídos no entorno da sede, sendo eles: Dom Maurício, Tapuiará, Califórnia, Daniel de Queiroz, Juatama, Custódio, Cipó dos Anjos, Juá, São João dos Queirozes, São Bernardo, Várzea da Onça e Riacho Verde (Quadro 6) (SANTOS 2011, p. 79).

De modo geral, os distritos também contam com uma pequena sede, organizada espacialmente em uma rua principal, templo religioso, praça, escola, comércio e residências e uma parte maior, rural, onde encontra-se fazendas, sítios e pequeno açudes que abastecem os moradores (SANTOS, 2011, p. 80). Mesmo com essa organização, alguns serviços não são encontrados nesses distritos, e a população tem que recorrer aos serviços do distrito sede. Os transportes que fazem os traslado das pessoas são os chamados “carros de horário” ou mais popularmente chamados “Paus de arara”²² (Figura 27).

²² Nome dado ao meio de transporte irregular utilizado principalmente no Nordeste do país. Corresponde à uma adaptação de caminhonetes ou caminhões para o transporte de pessoas (SILVA, PEREIRA E MARUPUNGA, 2014, p. 107).

QUADRO 6 – Resumo de informações sobre distritos do município de Quixadá

| DISTRITO | ANO DE CRIAÇÃO* | LOCALIZAÇÃO | P. ESTIMADA | CARACTERÍSTICAS | ASPECTOS HISTÓRICOS |
|-------------------|-----------------|---|-------------|---|---|
| Califórnia | 1993 | 31 km da sede | 1429 hab. | Terras férteis banhadas pelo Rio Choró | Nasceu da antiga fazenda Califórnia (ruínas) e atualmente é dividida em “terra do santo” resultado de doação do patrimônio e o Assentamento Califórnia, fazenda desapropriada pelo INCRA em 1986. |
| Cipó dos Anjos | 1934 | 43 km da sede | 5041 hab. | Produtor de feijão (Promove o festival do feijão em julho). | Um dos maiores distritos e que por conta disso tem vários povoados autônomos, como por exemplo Boa água, que tem uma associação de empreendedorismo têxtil e é responsável pelo tradicional Reisado Boi Coração, do mestre Chico Emilio. |
| Custódio | 1937 | 22 km da sede | 3083 hab. | Atravessado pelo Rio Sitiá e rodeada por monólitos | A vida religiosa é importante para o distrito, que conta com a capela de São José, ao qual são realizadas festas do padroeiro. |
| Daniel de Queiroz | 1933 | 30 km da sede | 853 hab. | Boa qualidade de conservação da caatinga e importante para o beneficiamento do algodão e da carne bovina. | Propriedade de Daniel de Queiroz, pai da escritora Rachel de Queiroz, e local onde construiu sua fazenda, hoje reserva partícula que mantém objetos pessoais da escritora. Conta com a estação e a casa do agente da estação ferroviária e galpões desativados que foram importantes para o desenvolvimento econômico da cidade no passado. |
| Dom Maurício | 1938 | Serra do Estevão (500m de altura), 20 km da sede | 1585 hab. | Local de clima ameno e condições naturais que favorecem agricultura | Local que recebeu as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição (1929), Os monges beneditinos, e Castelo Branco nas vésperas de sua morte (1967). Lugar que vive a Comunidade Quilombola Sítio Veiga que mantém a tradição da dança de São Gonçalo. |
| Juá | 1993 | Margens da CE-060 (Rodovia do algodão), 35 km da sede | 1746 hab. | Tem como atividade econômica de destaque a avicultura | Recebe esse nome pois os boiadeiros que seguiam de Quixeramobim com destino a Fortaleza paravam para descansar embaixo de árvores de Juá. Também é conhecida pelo cemitério que teriam sidos sepultadas as vítimas de varíola na seca de 1877, lápides da época e ossos já foram encontrados. |
| Juatama | 1933 | 18 km da sede | 2786 hab. | Localizado no sopé da serra do Urucum, tendo se desenvolvido no entorno da estação ferroviária | Tem esse nome, de origem indígenas, por ser considerada Terra do Juá, árvores comum na região. Conta com diversos equipamentos e trilhas visitados por moradores e por turistas. |
| Riacho Verde | 2000** | 12 km da sede (mesma | 1297 hab. | Possui um riacho (Riacho verde) cercado de árvores | Formado por terras que foram cedidas pelo DNOCS. Promove a festa da padroeira do município, Nossa Senhora de Fátima, no |

| | | | | | |
|------------------------|--------|--|-----------|---|--|
| | | estrada que leva a Dom Maurício, CE-265) | | verdejantes até mesmo em períodos secos. | mês de maio e a Feira da Cidadania em Novembro, através da Associação Comunitária de Riacho Verde. É possível perceber que ao logo da vida que leva a sede do distrito, há uma concentração de construções de elevado padrão e chácaras, de pessoas com alto poder aquisitivo no município |
| São Bernardo | 1991 | 45 km da sede | 1166 hab. | Criatório de peixe, mediante tanques-rede ou gaiolas. Produz frutas e hortaliças, carne e leite | Durante o mês de junho realiza as festas do padroeiro do distrito, São João Batista, a quem tem uma igreja construída em 1936 em sua homenagem. |
| São João dos Queirozes | 1990 | 27 km da sede | 2465 hab. | Originado de uma fazenda (São João) e é grande produtor de cera da carnaúba, vendida para Fortaleza. | A carnaúba se encontra em extinção no distrito, em razão do desmatamento para a construção civil e pela presença de uma planta trepadeira de origem africana que ataca a copa da carnaúba, e por isso iniciou-se uma campanha intitulada Salve a Carnaúba. |
| Tapuiará | 1943 | 20 km da sede | 2746 hab. | Os moradores vivem da pesca no Açude Pedras Brancas, que abastece o município. | O distrito é dividido em Tapuiará Novo e Tapuiará Velho, por causa da construção do açude. Conta com a Igreja de Santo Antônio de Tapuiará, construída em 1909, e abriga as festas do padroeiro. |
| Várzea da Onça | 2000** | 23 km da sede (às margens da CE 265) | 3031 hab. | Economia baseada na agricultura e pedreiras, do qual extraem britas e vendem para a construção civil. | A origem do nome se refere à morte de uma onça, por duas mulheres, na várzea de um rio. Conta com duas associações a Associação Comunitária dos Exploradores de Pedras da Várzea da Onça e Associação Comunitária dos Pequenos Agricultores. |

* Ano de administrativa, o que não significa que já não houvesse aglomerados nessas regiões. ** Informação não precisa sobre a data de criação do distrito.

Fonte: SANTOS (2011); IPECE (2017).

Figura 27: Paus de arara que trazem os moradores dos distritos para o centro de Quixadá.



Fonte: Google Earth (2014), adaptado pela autora (2021).

Em se tratando de organização espacial do município de Quixadá, há que se falar também em como a cidade vem se desenvolvendo nos últimos anos. Quixadá goza de um crescimento e diversidade do setor terciário, fazendo com que não só os moradores consumam do comércio local, mas também que moradores de municípios vizinhos se desloquem para Quixadá em busca de atender suas demandas (SOUSA, 2019, p. 4009-4010). Além disso o município também se destaca por concentrar serviços educacionais de ensino superior público e privado, que também atrai estudantes e professores de municípios vizinhos e até de outros estados, “a cidade aparece com uma função especializada: a “cidade universitária do sertão” (PEREIRA, 2011, p. 123).

O sistema de educação superior, portanto, se destaca em Quixadá, constituindo nos últimos anos em um dos principais atrativos que intensificam as relações interurbanas regionais, com convergência diária de fluxos populacionais de pequenos municípios da macrorregião do sertão central. Esse aumento no fluxo humano produz a dinamização da economia que, no caso de Quixadá, está alicerçada no setor terciário (HAIASHIDA, 2014, p. 263).

Quixadá também vem aumentando sua população, e isso reflete na construção de loteamentos urbanos, condomínios fechados e novos prédios residenciais nas proximidades dos equipamentos educacionais e demais áreas urbanas. No entanto esse crescimento não esteve em confluência com as diretrizes de planejamento urbano. O plano diretor no município é datado dos anos 2000, e a sua atualização só foi proposta 20 (vinte) anos depois, início de 2020, quando algumas reuniões com representantes de setores da sociedade foram convidados para se fazer presente nos debates. No entanto até a escrita deste trabalho, o novo plano diretor, dito pelos gestores como participativo, com inclusive, demarcações de áreas de expansão urbana, não entrou em vigor, e consta apenas como uma minuta de lei .

Enquanto a vida urbana se concentra principalmente nas atividades comerciais e serviço educacionais, o que se refere às atividades em áreas rurais do município, o dia a dia gira em torno do trabalho agrícola (milho, feijão, batata doce etc) e da pecuária (criação de galinhas boi, vaca, cabra entre outros), seja para subsistência ou para a comercialização no distrito sede. Casas (geralmente distantes umas das outras), praças, igrejas históricas, pequenos comércios e bares conformam o espaço rural, além da prevalência da vegetação típica da caatinga, córregos, açudes e rios (SANTOS, 2011, p. 113-115).

Essa cotidiano se repete nos distritos e localidades de Quixadá. De acordo com o IBGE (2010), as localidades são selecionadas e cadastradas em um banco de dados com informações como o nome da localidade, categoria, subordinação político-administrativa, ou seja, a que região, estado, meso ou microrregião pertence e coordenadas. Quanto as categorias, o IBGE define 6 (seis) tipos de localidade;

I CAPITAL FEDERAL – localidade onde se situa a sede do Governo Federal com seus poderes executivo, legislativo e judiciário; II. CAPITAL – localidade onde se situa a sede do Governo de Unidade Política da Federação, excluindo o Distrito Federal; III. CIDADE – localidade com o mesmo nome do município a que pertence (sede municipal) e onde está sediada a respectiva Prefeitura, excluídos os municípios das capitais; IV. VILA – localidade com o mesmo nome do Distrito a que pertence (sede distrital) e onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais; V. AGLOMERADO RURAL – localidade situada em área não definida legalmente como urbana e caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação; VI. ALDEIA – localidade habitada por indígenas (IBGE, 2010, s/n – grifo nosso).

Indo de encontro a definição cartesiana proposta pelo IBGE, há quem trate a localidade não só sob os aspectos geográficos-territoriais, mas também leva em conta elementos de ordem cultural, histórica, política, econômica, tornando-se não tão fácil definir limites e demarcações para elas (PERUZZO E VOLPATO, 2009, p. 144).

Pode-se perceber que o local é um espaço que apresenta certa unidade, certa especificidade, mas que pode se modificar, como também se modificam seus fluxos, ou seja, eles possuem características que podem ser transitórias: em dado momento, apresentam uma unicidade, em outro momento, não mais (PERUZZO E VOLPATO, 2009, p. 144).

Geralmente as localidades a que nos referimos em Quixadá, correspondem à aglomerados rurais. Quixadá conta com inúmeras localidades, atreladas ou não à distritos²³, como por exemplo a localidade Boa Água, que faz parte do distrito de Cipó dos Anjos. Como essas delimitações e mapeamentos não são bem definidas e traduzidas em dados, as localidades são representadas por pontos em arquivos no formato *.shp* (*shapefile*²⁴), disponibilizados pelo IBGE, datados do ano de 2010, último censo. Essas informações podem ser que são utilizados para confecção de mapas e produção de estudo de diversos temas, porém muitas vezes são incipientes, pois faltam dados de “menor escala”, como acessos a essas localidades, mapeamento de equipamentos quando existentes, entre outros.

Por fim, após esse apanhado de informações acerca da cidade de Quixadá, partimos para o objeto central desta pesquisa, as casas de taipa de mão, e são justamente nessas localidades que são encontradas os maiores aglomerados de construções em taipa. Os distritos podem até contar com algumas construções em taipa, mas em número bastante reduzido, geralmente elas se concentram mais distantes das pequenas sedes distritais, em conjuntos ou pontuais, e sobre isso, trata-se no próximo capítulo.

²³ Há casos de municípios no Brasil que possuem apenas área urbana e, pela densidade demográfica ou por integrarem áreas fortemente urbanizadas, têm apenas um distrito, neste caso, se confundindo a área do município com a área da cidade. O mais comum é que administrativamente os municípios criem distritos, a fim de dinamizar a gestão dos serviços que presta à população e atender as identidades internas reconhecidamente existentes. Quando ocorre a divisão municipal em distritos, apenas o distrito sede pode ser cidade, sendo os demais distritos rurais. Para efeitos de contabilização da população, dividida entre urbana e rural são observados outros critérios que incluem como urbana a população residente em áreas consideradas urbanas nos distritos (VIEIRA, 2021, p. 425-426)

²⁴ Formato de arquivo que contém dados geoespaciais.

5. AS CONSTRUÇÕES EM TERRA NO BRASIL E O PANORAMA NO NORDESTE, CEARÁ E QUIXADÁ

O presente capítulo irá apresentar a utilização da terra como material construtivo, as principais técnicas presentes no território brasileiro e a situação das casas de taipa no Brasil, Nordeste e Ceará. Além disso, apresentar a situação da desvalorização e preconceito em relação às construções em terra no país.

5.1 As técnicas presentes no Brasil

Como tratamos anteriormente, a terra foi um material construtivo utilizado em praticamente todo o mundo, adaptando-se às necessidades e condições ambientais de cada lugar em que se desenvolveu. Nas Américas, a terra já era utilizada como material construtivo antes do início das colonizações portuguesas e espanholas, com técnicas distintas das europeias; técnicas essas que foram se adaptando e aprimorando (NITO E AMORIM, 2015, p. 14).

No caso do Brasil, vários autores afirmam que o uso da terra passou a ser impulsionado apenas a partir da colonização portuguesa e da chegada de africanos, que já dominavam as técnicas construtivas com terra em seus países de origem, já que segundo a literatura, os povos nativos, não utilizavam a terra para o fim construtivo (CORDEIRO ET AL., 2019, s.n; NITO E AMORIM, 2015, p. 14; PISANI, 2004, p. 09)

As técnicas construtivas, que fazem o uso da terra, se desenvolveram no Brasil de acordo com a adaptação ao solo e clima (NITO E AMORIM, 2015, p.14), sendo as mais importantes e significativas o adobe, a taipa de pilão e a taipa de mão (CORDEIRO ET AL., 2019, s.n). O adobe (Figura 28) é resultado de uma série de etapas de manipulação da terra, e consiste em sua preparação – adição de água e se necessário, outros agregados, como areia e fibras vegetais –, moldagem de blocos a partir de em formas – geralmente de madeira – secagem e armazenamento (GIRALDELLI, 2020, p. 360).

Figura 28: Processo de moldagem de tijolos de adobe.



Fonte: Museu de Caculé. Disponível em: <https://museudecacule.files.wordpress.com/2016/03/img_0226.jpg>. Acessado em 17 de novembro de 2021.

Já a taipa de pilão consiste na utilização de um pilão ou algo similar, que desempenhe a função de apiloamento, para socar ou apiloar, como o próprio nome sugere, a terra úmida, que é colocada entre tábuas, chamadas taipais (Figura 29). Nesse sistema, a terra é colocada aos poucos e apiloada uniformemente até a altura desejada, para que depois de seco, os taipais sejam removidos e as paredes estejam prontas para receber cargas (WEIMER, 2012, p. 258-259).

Figura 29: Apiloamento do barro na técnica da taipa de pilão.



Fonte: Taipa de pilão e o estilo colonial paulista, Blog Rota Socioambiental. Disponível em: <<https://www.rotaagroecologica.com/single-post/2016/09/30/taipa-de-pil%C3%A3o-e-o-estilo-colonial-paulista>>. Adaptado pela autora, 2021.

A taipa de mão, técnica de interesse da presente pesquisa, está associada às construções de pau a pique, nas quais a terra é utilizada como vedação de uma estrutura armada em madeira (Figura 30). No processo, a terra é molhada e amassada com os pés e mãos até adquirir boa consistência para ser posteriormente arremessada e pressionada com as mãos, entre as frestas da estrutura de madeira (WEIMER, 202, p. 262).

Figura 30: Parede de taipa de mão sendo alisada com as mãos pelo construtor.



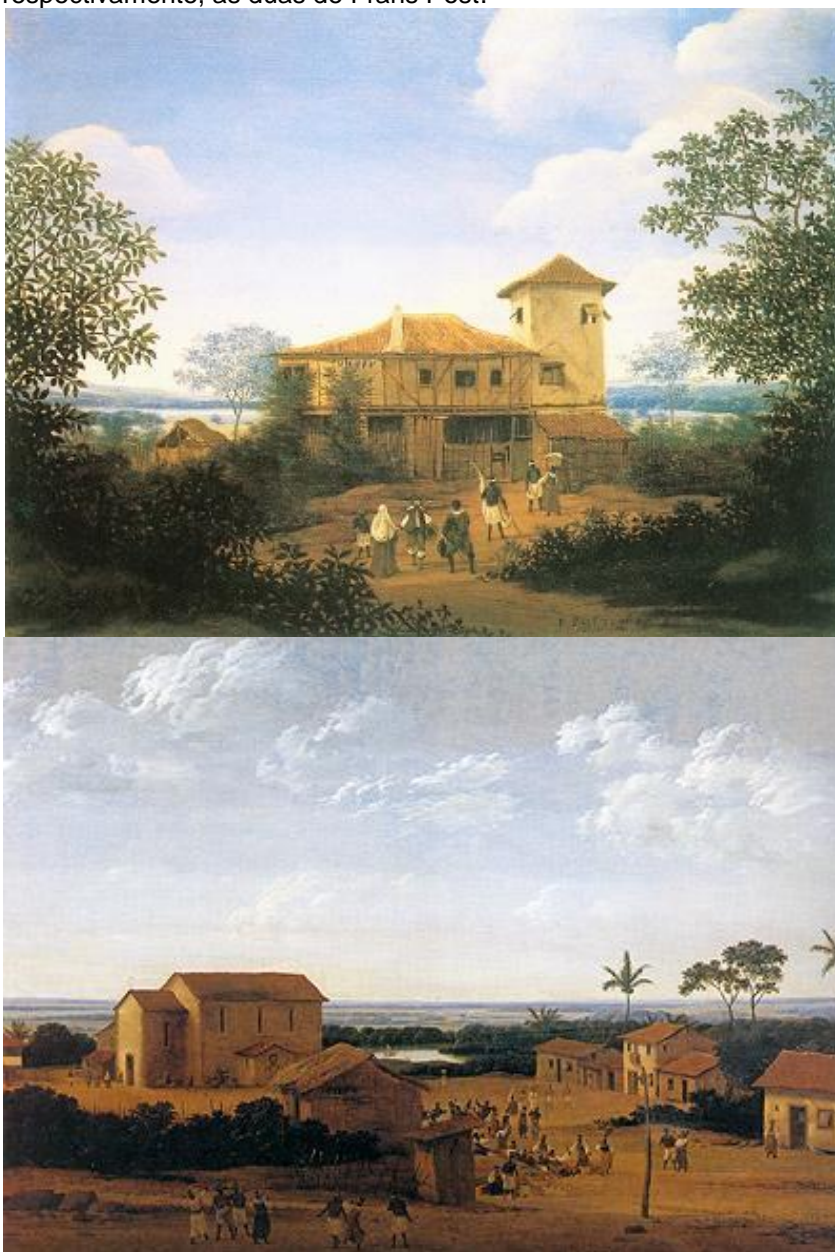
Fonte: Construindo com taipa de mão e do pilão. Site História das Artes, 2016. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/construindo-com-taipa-de-mao-e-de-pilao/>>. Adaptado pela autora 2021.

Por todo o território brasileiro a terra foi material fundamental para a consolidação das primeiras vilas e posteriormente cidades brasileiras (Figura 31), afinal era cada vez mais incentivada pela presença portuguesa que adentrava o território. Por ser um material de fácil acesso, barato e não requerer mão de obra especializada (WEIMER, 2012, p. 250), muitas das primeiras construções, em áreas rurais e urbanas do período colonial foram construídas em terra (GIRALDELLI, 2020, p. 359).

Para citar alguns exemplos, que comumente são lembrados em diversas pesquisas sobre a arquitetura popular brasileira, encontram-se as casas paulistas bandeirantes construídas em taipa de pilão, as primeiras fortificações da cidade de Salvador e Recife, as fazendas de café do Vale do Paraíba e São Paulo (NITO E AMORIM, 2015, p. 14), além das várias igrejas e monumentos espalhadas pelo país, que utilizaram originalmente a terra como material construtivo. A utilização da terra, além da facilidade de utilização do material, tinha a finalidade de facilitar a posterior

substituição da terra por outros materiais, ditos mais resistentes e nobres. Logo a partir do século XVI, as construções, anteriormente feitas principalmente de barro e madeira, foram aos poucos sendo substituídas por materiais como pedra e cal (OLENDER, 2006, p. 18-19 apud SMITH, 1975, p. 98).

Figura 31: Pinturas acerca do Brasil colonial. Casa de Fazenda, 1651, e Assentamento no Brasil, 1654 respectivamente, as duas de Frans Post.



Fonte: Enciclopédia Itau Cultural, 2020.

Embora essas substituições tenham sido incentivadas, no interior do país, técnicas como a taipa de mão e de pilão continuaram sendo difundidas (OLENDER, 2006, p. 19-20). E mesmo com a continuação dessas técnicas, não significou necessariamente que elas foram atualizadas, reconhecidas ou estudadas de forma

aprofundada. O avanço das tecnologias construtivas e o surgimento de novos materiais, pôs em declínio o uso de materiais orgânicos, como a terra, refletindo no desuso e desvalorização dessa arquitetura e conseqüentemente desse patrimônio (NITO E AMORIM, 2015, p.14). A manutenção de materiais e técnicas construtivas com terra permaneceu no interior do país, com uma arquitetura voltada para atividades mais comuns geralmente de pessoas humildes;

[...] no Brasil, a herança construtiva cultural em terra crua permaneceu somente pelo interior do país. Na prática do povo rural e de áreas periféricas às grandes cidades, as técnicas do pau-a-pique e adobe são encontradas em habitações populares, tanto por seu conhecimento quanto pela facilidade de execução. Estas são adotadas como solução de emergência ou sobrevivência, em sua maioria no contexto da pobreza (NITO E AMORIM, 2015, p. 14).

Continuamente associada às populações rurais e/ou periféricas a arquitetura em terra segue sendo marginalizada, em função da falta de informações, baixo aproveitamento dos conhecimentos e técnicas e veiculação de notícias relacionadas a problemas de saúde pública e problemas de moradia, conseqüência disso é o aumento do preconceito em relação à essa arquitetura (SANT'ANNA, 2013, p. 41).

5.2 A situação atual das construções em taipa

Por mais que o esforço seja grande por parte de pesquisadores da área da arquitetura popular, ressaltando a importância da localização, documentação e conservação de formas tradicionais de construção, ela ainda não está contemplada quando o assunto é dados mais concretos, gerais, estatísticos e georreferenciados, e essa situação se agrava quando se trata de cidades fora do eixo da região metropolitana (MAIA E FONSECA, 2021, p. 4-5). A pesquisa no âmbito nacional que apresenta um panorama sobre as construções em taipa no Brasil é o Censo. A categoria de análise que concentra essas informações é a situação domiciliar, na qual os domicílios são classificados de acordo com o tipo, a ocupação, número de cômodos, presença de eletrodomésticos e o tipo de material predominante²⁵ das paredes externas da habitação (IBGE, 2021, s/n).

²⁵ O fato de ser um material predominante quer dizer que pode existir em um mesmo domicílio anexos ou outras paredes de outros materiais, e não apenas um material, dentre as nove categorias delimitadas pelo IBGE.

O IBGE delimita 9 (nove) tipos de revestimentos externos aos quais são atribuídos aos domicílios. A saber, a alvenaria com revestimento e sem revestimento, quando as paredes externas são de tijolo e recebem ou não algum tipo de revestimento respectivamente; a madeira aparelhada, correspondendo à paredes externas feitas de algum tipo de madeira apropriada para a construção; a madeira aproveitada, como o próprio nome já diz, quando a madeira é aproveitada de embalagens, tapumes etc e utilizada na construção; a taipa revestida e não revestida, referente a paredes construídas com barro e varas ou estacas de madeira, sendo estas revestidas (emboço, reboco, chapisco) ou não respectivamente; a palha, quando as paredes externas são feitas com folhas, sapê ou cascas vegetais; sem paredes, geralmente se referindo à habitações em territórios indígenas e outro material que não tenha se enquadrado em nenhuma das categorias anteriores, como o plástico, zinco etc (IBGE, 2022, s/n).

De acordo com o último censo do IBGE, realizado em 2010, o Brasil contava com 421.991 domicílios caracterizados pelo o tipo de material das paredes externas em taipa revestida e 473.169 domicílios com material das paredes externas em taipa não revestida, totalizando 895.160 domicílios com predominância da taipa como material construtivo. Quando analisamos a distribuição desses domicílios em taipa por região, o nordeste aparece em primeiro lugar, com uma diferença em valor absoluto muito alta, correspondendo a 82,26% de todos os domicílios da federação. Dentre os estados do nordeste, o Ceará é o segundo estado com mais construções em taipa, perdendo apenas para o Maranhão (Tabela 1) (IBGE, 2010, s/n).

TABELA 1 – Quantitativo de casas de taipa revestida e não revestida no Brasil e Ceará

| | TAIPA REVESTIDA | TAIPA NÃO REVESTIDA | TOTAL |
|--------------|-----------------|---------------------|----------------|
| BRASIL | 421.991 | 473.169 | 895.160 |
| NORDESTE | 347.125 | 389.824 | 736.409 |
| NORTE | 36.755 | 61.484 | 98.239 |
| SUDESTE | 28.676 | 12.293 | 40.969 |
| CENTRO OESTE | 5.778 | 6.719 | 12.497 |
| SUL | 3.658 | 2.849 | 6.507 |
| CEARÁ | 57.999 | 35.772 | 93.771 |
| QUIXADÁ | 1407 | 723 | 2.130 |

Fonte: SIDRA – Censo 2010 - Tabelas 3390 e 1617 que trata sobre domicílios particulares permanentes. Adaptado pela autora, 2021.

Essa alta concentração de domicílio em taipa no nordeste é um tema recorrente nos veículos de notícia. Uma busca rápida com os termos “taipa” ou “casas de taipa”, é suficiente para encontrar matérias que tratam dessa temática, geralmente relacionadas à problemas de moradia, problemas de saúde pública e campanhas e projetos de leis propondo a substituição de casas de taipa (Figura 32). Os enunciados das matérias mostram que, mesmo com o passar dos anos, as casas de taipa ainda estão relacionadas à mesma temática (MAIA E FONSECA, 2021, p. 6).

Figura 32: Recortes de notícias sobre casas de taipa no Nordeste entre os anos de 2005 e 2021.

| | |
|--|---|
| <h2>Casas de taipa formam arquitetura do sertão</h2> <p>Escrito por Redação, 03:20 / 18 de Fevereiro de 2005.</p> | |
| <p>24/08/2014 16h41 - Atualizado em 24/08/2014 16h41</p> <h3>Casas de taipa ainda são comuns no interior do CE, mesmo inadequadas</h3> <p>Casas não oferecem segurança e podem abrigar o besouro barbeiro. Brasil ainda tem cerca de 900 mil casas de taipa, diz estudo do IBGE.</p> | <p>19/02/2015 16h16 - Atualizado em 19/02/2015 16h16</p> <h3>Cerca de 160 mil famílias vivem em casas de taipa na Paraíba, diz IBGE</h3> <p>Levantamento aponta que existem 40 mil casas de taipa no estado. Moradia pode comprometer a saúde dos moradores.</p> |
| <p>Com mais de 380 mil, Maranhão é o segundo do país em número de casas de taipa, diz IBGE</p> <p>Nesse ranking, Maranhão fica atrás, apenas, do estado do Piauí.</p> <p>Por G1 MA — São Luís 15/05/2020 07h01 - Atualizado há um ano</p> | <h3>Problema da moradia inadequada no sertão é exposto com mais de 75 mil casas de taipa</h3> <p>Escrito por Honório Barbosa, regiao@svm.com.br 08:00 / 15 de Agosto de 2021.</p> <p>A área rural do interior cearense concentra cerca de 80% dessas unidades</p> |
| <p>Segunda, 08 Fevereiro 2021 15:33</p> <h3>Projeto sugere substituição de casas de taipa por alvenaria no Ceará</h3> | |

Fonte: MAIA E FONSECA, 2021; Adaptado pela autora, 2022.

O não incentivo à construção de casas de taipa especificamente, relacionado ao problema de saúde pública, está atrelado a Doença de Chagas, transmitida pelo agente patogênico *Trypanosoma cruzi*, um protozoário que se hospeda no inseto conhecido popularmente como “barbeiro”, o *Triatoma infestans*, que pode se alojar entre as fissuras de paredes de taipa mal acabadas e posteriormente transmitir a doença para os moradores da casa (O POVO, 2014, s/n).

O risco de adquirir doenças, incluindo a Doença de Chagas, geralmente atrelado às construções em taipa, levou a Fundação Nacional de Saúde, em 2013, a publicar o Manual para Elaboração de Projeto de Melhoria Habitacional Contra Doença de Chagas, tendo como objetivo especificar parâmetros técnicos para projetos de melhorias habitacionais, seja para casos de restauração de uma unidade

domiciliar ou demolição e reconstrução da mesma (FUNASA, 2013, p. 7). Dentre as proposições de melhorias apresentadas pelo manual estão a aplicação de rebocos nas paredes internas e externas, pintura, substituição de elementos, incluindo paredes de taipa (FUNASA, 2013, p. 13-14). O material também destaca que o processo deve ser feito em conjunto com a comunidade e analisando os aspectos locais;

As intervenções pela Melhoria Habitacional devem levar em consideração aspectos da transmissão da doença, comportamento e biologia dos vetores e hospedeiros vertebrados, mas acima de tudo deve ser planejada e executada tendo a comunidade como condutora e parceira desse processo, uma vez que as ações serão efetuadas em suas casas devendo ser respeitados os seus hábitos e sua cultura (FUNASA, 2013, p.8).

Esse movimento de relacionar as casas de taipa aos aspectos de saúde pública e serviço social, faz com que as plataformas desses serviços agreguem dados mais atualizados sobre as casas de taipa. Os dados por região e estado mais atualizados podem ser encontrados na plataforma de Consulta, Seleção e Extração de Informações do CadÚnico (CECAD ou CECAD 2.0) que agrega pesquisas sobre as características socioeconômicas das famílias e pessoas incluídas no Cadastro Único e/ou beneficiários de programas sociais²⁶. Os dados mais recentes são referentes ao mês de novembro e dezembro de 2021, com defasagem de 60 e 30 dias respectivamente. Mesmo com uma diferença de mais de duzentos mil domicílios, o Nordeste segue sendo a região com o maior quantitativo de casas de taipa (Tabela 2).

TABELA 2 – Quantitativo de casas de taipa revestida e não revestida no Brasil, regiões, Ceará e Quixadá, tabulação por família

| | TAIPA REVESTIDA | | TAIPA NÃO REVESTIDA | | TOTAL | |
|--------------|---------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|--|-------------------|--------------------|
| | Com marcação PBF (60 dias, Nov/2021)* | Sem marcação PBF (30 dias, Dez/2021)* | Com marcação PBF (60 dias, Nov/2021)* | Sem marcação PBF (30 dias, Dez/2021)** | Com marcação PBF* | Sem marcação PBF** |
| BRASIL | 274.880 | 275.884 | 340.777 | 341.331 | 615.657 | 617.215 |
| NORDESTE | 235.827 | 236.505 | 288.858 | 289.171 | 524.685 | 525.676 |
| NORTE | 24.027 | 24.273 | 41.505 | 41.643 | 65.532 | 65.916 |
| SUDESTE | 10.690 | 10.750 | 6.132 | 6.178 | 16.822 | 16.928 |
| CENTRO OESTE | 2.687 | 2.702 | 2.833 | 2.859 | 5.389 | 5.561 |
| SUL | 1.649 | 1.654 | 1.449 | 1.480 | 3.303 | 3.134 |
| CEARÁ | 35.358 | 35.475 | 24.413 | 24.438 | 59.771 | 59.913 |

²⁶ Os dados do CECAD sem indicação de famílias beneficiárias de programas sociais é disponibilizado apenas para gestores e técnicos dos programas usuários do Cadastro Único.

| | | | | | | |
|---------|--------------|--------------|------------|------------|--------------|--------------|
| QUIXADÁ | 1.406 | 1.053 | 752 | 755 | 2.158 | 1.808 |
|---------|--------------|--------------|------------|------------|--------------|--------------|

* Dados que identificam o quantitativo de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF), com defasagem de cerca de 60 dias

** Dados que não identificam o quantitativo de beneficiários desse programa, com defasagem de cerca de 30 dias.

Fonte: CECAD – Tabulador do Cadastro Único. Adaptado pela autora, 2021.

Esses dados mais atualizados podem apontar para uma projeção do próximo censo em relação às casas de taipa. Traçando um comparativo, podemos perceber que o número caiu consideravelmente desde o último censo em todas as regiões e também no estado do Ceará. Localmente, Quixadá também apresenta diminuição no número de casas com material predominante das paredes em taipa revestida, no entanto, houve um aumento em relação às casas com material predominante das paredes em taipa não revestida (Tabela 3).

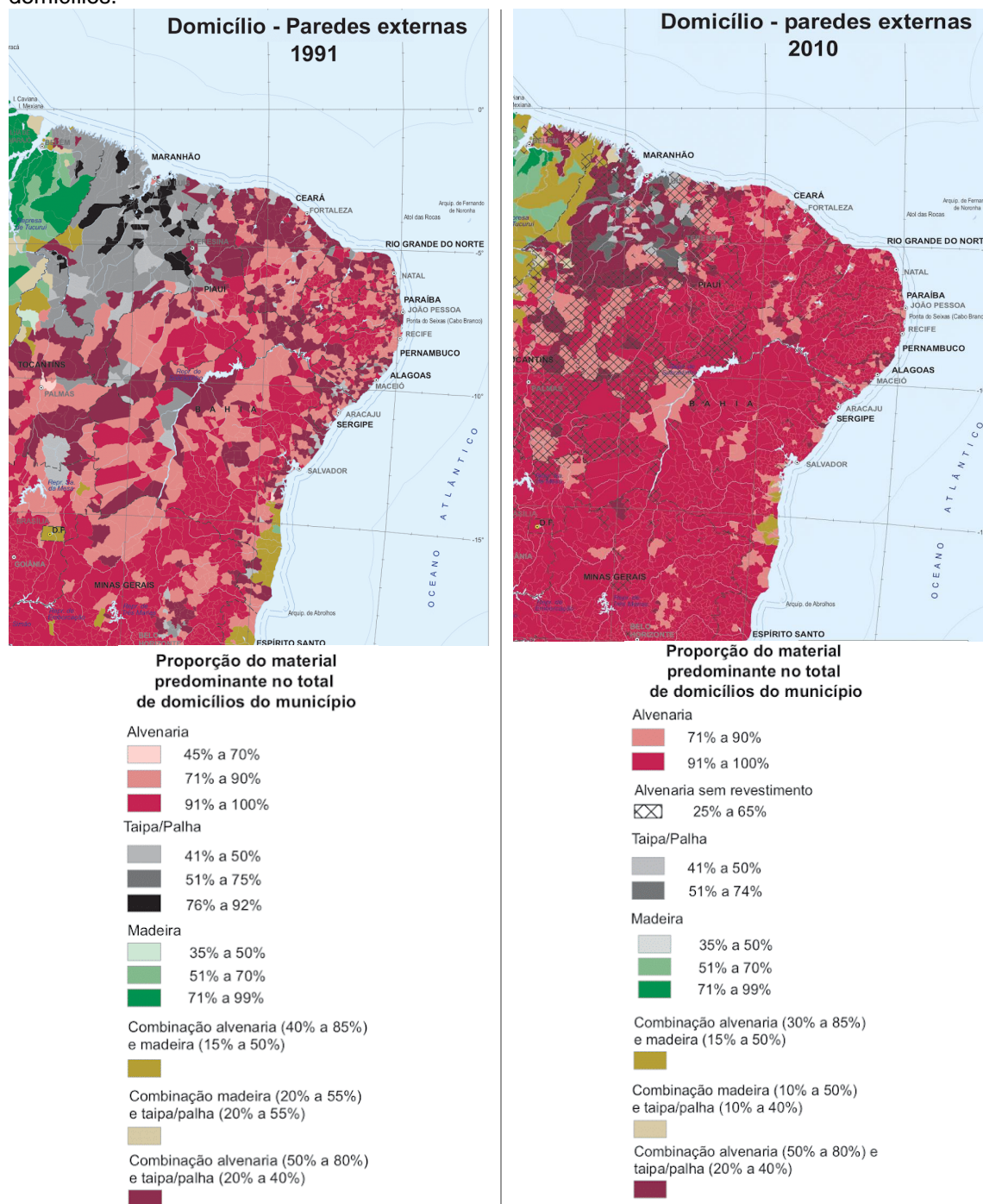
TABELA 3 – Comparativo de dados quantitativos referentes às casas de taipa por regiões, estado do Ceará e município de Quixadá

| | IBGE (2010) | | CECAD (2021) | |
|--------------|-----------------|---------------------|-----------------|---------------------|
| | TAIPA REVESTIDA | TAIPA NÃO REVESTIDA | TAIPA REVESTIDA | TAIPA NÃO REVESTIDA |
| BRASIL | 421.991 | 473.169 | 275.884 | 341.331 |
| NORDESTE | 347.125 | 389.824 | 236.505 | 289.171 |
| NORTE | 36.755 | 61.484 | 24.273 | 41.643 |
| SUDESTE | 28.676 | 12.293 | 10.750 | 6.178 |
| CENTRO OESTE | 5.778 | 6.719 | 2.702 | 2.859 |
| SUL | 3.658 | 2.849 | 1.654 | 1.480 |
| CEARÁ | 57.999 | 35.772 | 35.475 | 24.438 |
| QUIXADÁ | 1407 | 723 | 1.053 | 755 |

Fonte: IBGE, 2010 e Plataforma CECAD, dados referentes a dezembro de 2021. Adaptado pela autora, 2021.

O nordeste desde 1991, tem diminuído a concentração de domicílios em taipa e outros materiais, como palha, madeira, além da destes com alvenaria de tijolos cerâmicos (Figura 33), e isso pode ser relacionado com os programas habitacionais que têm sido implementados nos últimos anos. Não se pode esquecer que há famílias que ainda utilizam a técnica da taipa como única alternativa viável financeiramente de moradia.

Figura 33: Comparação entre os anos de 1991 e 2010, Material das paredes externas dos domicílios.



Fonte: Atlas demográfico IBGE 2010. Adaptado pela autora, 2021.

É comum que programas e projetos estejam pautados na substituição das casas de taipa. No Ceará, por exemplo o plano de desenvolvimento do governo do estado, para os anos de 2020-2023, propõe a substituição das casas de taipa a partir

do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR)²⁷ atrelado ao Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), voltado especificamente para a problemática habitacional em áreas rurais (SEPLAG, 2020, p. 06), seguindo a lógica da espacialização das casas de taipa, em sua maioria, nas áreas rurais (Figura 34).

Figura 34: Planejamento de desenvolvimento estadual com relação à habitação em áreas rurais.

| |
|--|
| <p>Programa</p> <p>113 - HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NA ÁREA RURAL</p> <p>Objetivo: 113.1 - Proporcionar moradia digna à população para o enfrentamento do déficit habitacional rural.</p> <p>Iniciativa</p> <p>113.1.01 - Expansão da oferta de habitação de interesse social na área rural.</p> <p>Caracterização: Essa iniciativa corresponde à construção de Unidades Habitacionais, para beneficiar famílias de baixa renda do meio rural, através do Programa do Governo Federal, Minha Casa Minha Vida ou outros Programas que venham a substituí-lo.</p> <p>Entrega</p> <p>UNIDADE HABITACIONAL IMPLANTADA</p> <p>Definição: A entrega Unidade habitacional implantada corresponde a unidades habitacionais a serem construídas no meio rural e disponibilizadas à população rural de baixa renda.</p> <p>Ação</p> <p>10701 - Ampliação da Oferta de Moradia de Interesse Social na Área Rural no Âmbito de Programas Federais.</p> <p>Detalhamento: Apoio financeiro de contrapartida do Estado para programas federais, objetivando a construção de habitação de interesse social nas áreas rurais dos municípios.</p> <p>11632 - Construção de Moradia de Interesse Social em Substituição à Casa de Taipa.</p> <p>Detalhamento: Construção de unidades habitacionais no meio rural em substituição às casas de taipa por meio do Programa Mais Infância</p> |
|--|

Fonte: SEPLAG, Governo do Estado do Ceará. Adaptado pela autora, 2021.

Assim como o planejamento de governo estadual, também no Ceará, o tema é debatido no campo legislativo. No ano de 2021, foi proposta e deliberada a criação de um programa de substituição de casas de taipa por alvenaria nos municípios cearenses. A justificativa do projeto também se embasa em pesquisas que relacionam as condições de moradia em casas de taipa à Doença de Chagas.

[...] salienta-se que a oferta de um ambiente habitacional seguro, em substituição às construções em taipa, muito comuns no interior do Estado do Ceará, nas áreas urbanas e rurais, será um forte aliado no combate a outro grande inimigo desses habitantes que é o barbeiro, mosquito causador da doença de chagas, ainda muito comum em nosso Estado (Projeto de Indicação nº 10/2021, 2021, s/n).

O discurso de “superação das casas de taipa” no nordeste e no Ceará ainda é algo presente nos programas de governos estaduais e municipais, e, ao que parece,

²⁷ O PNHR – Programa Nacional de Habitação Rural foi criado pelo Governo Federal no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida, através da Lei 11.977/2009 e com a finalidade de possibilitar ao agricultor familiar, trabalhador rural e comunidades tradicionais o acesso à moradia digna no campo, seja construindo uma nova casa ou reformando / ampliando / concluindo uma existente (Secretaria das Cidades, 2017, s/n) disponível em: <<https://www.cidades.ce.gov.br/1-4habitacao-rural-pnhr/>> Acessado em 15 de junho de 2021.

algo que muitas vezes não sai do papel ou que não contempla realmente a população, dado o tempo que o tema vem sendo debatido e apresentado nas mídias. A situação de conservação dessas construções em taipa não é levada em consideração, a opinião dos moradores não é algo que aparece nas pesquisas estatísticas tão disseminadas e não há dados concretos que abarquem essas questões. As casas de taipa no Ceará e no nordeste como um todo acabam se resumindo apenas a números, que devem “definitivamente diminuir”, segundo esses discursos. Obviamente, a presente pesquisa não tem pretensão de romantizar a situação de vulnerabilidade habitacional de populações rurais, realidade em muitas cidades, principalmente no interior, mas sim, entender que o estudo da situação dessas habitações é necessário, por envolver aspectos materiais e imateriais importantes quando se fala em técnicas construtivas tradicionais.

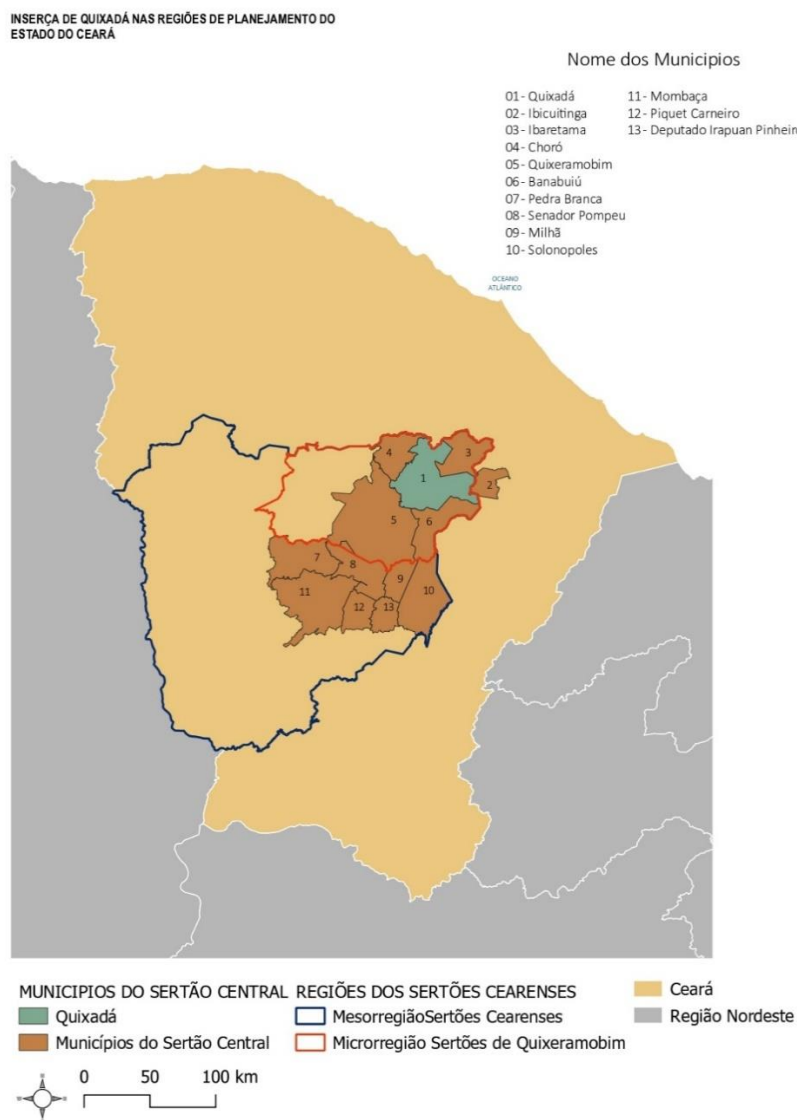
6. O INVENTÁRIO DA ARQUITETURA POPULAR DE QUIXADÁ/CE

Os tópicos a seguir apresentados se referem aos resultados obtidos através das pesquisas de campo, apresentadas de forma sintéticas e sistematizadas, para melhor compreensão do leitor, seja ele do meio acadêmico ou não.

6.1 Contextualizações gerais sobre o campo de estudo

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa se desenrola no município de Quixadá, Região do Sertão Central cearense (Figura 35). ,

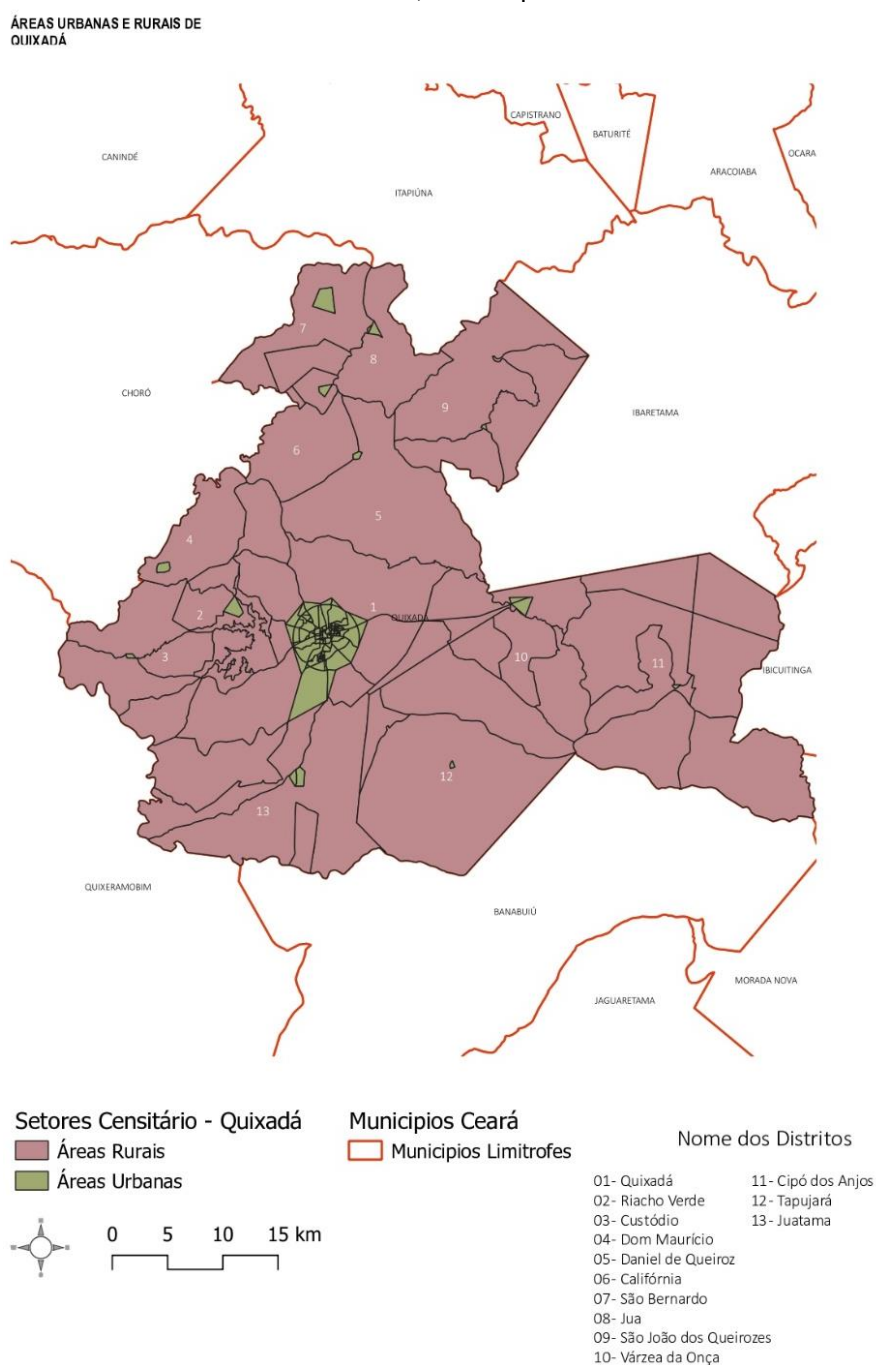
Figura 35: Regiões de planejamento do estado do Ceará



Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

O município é dividido em 13 distritos, desde a última divisão territorial datada de 2014, correspondendo a sede, Quixadá e os 12 demais que apresentam uma pequena sede minimamente urbanizada e sua outra maior parte com características rurais, sendo eles: Califórnia, Cipó dos Anjos, Custódio, Daniel de Queiróz, Dom Maurício, Juá, Juatama, Riacho Verde, São Bernardo, São João dos Queirozes, Tapuiará e Várzea da Onça (Figura 36) (IBGE, 2010, s/n).

Figura 36: Áreas rurais e urbanas de Quixadá, divisão por setores censitários.



Fonte: Elaborado pela autora.

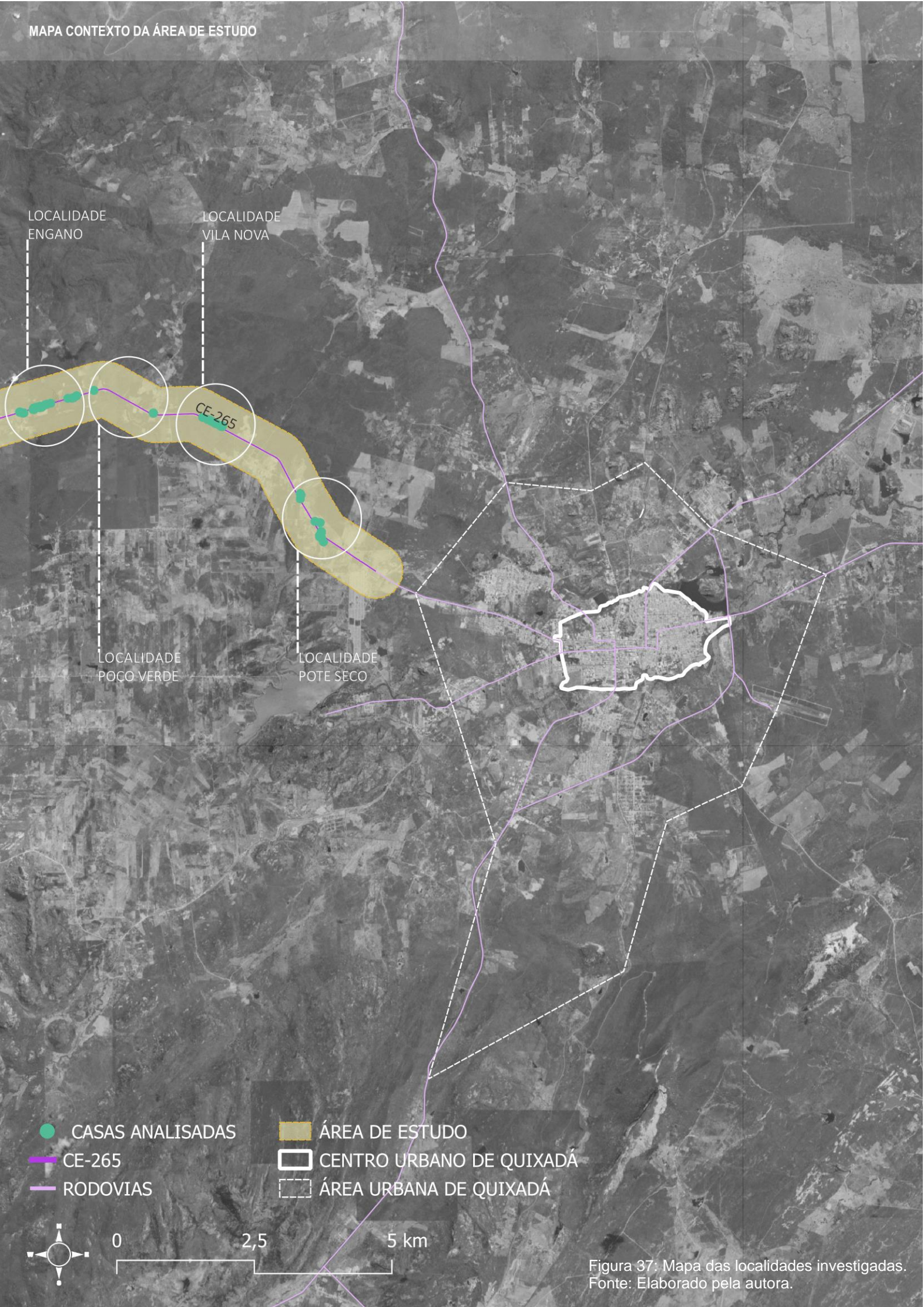
Vários municípios do interior do Estado ainda apresentam em suas zonas rurais, construções em taipa. Distanciar-se das áreas urbanas é praticamente um sinônimo de encontrar aglomerações de casas de taipas, em vilas, comunidades e grupos familiares com casas construídas, por vezes, pelo mesmo construtor. No caso de Quixadá, são nesses distritos que se encontram a maior parte das casas de taipa de mão do município.

A princípio o recorte escolhido para a aplicação da metodologia de pesquisa de campo corresponde às localidades de Pote Seco, Vila Nova, Palmares e concentradas aproximadamente à noroeste do município de Quixadá. Pote Seco, Vila Nova, Palmares e Engano são localidades pertencentes ao distrito de Quixadá, porém localizados na zona rural. Todas as localidades se caracterizam por estarem situadas às margens da rodovia estadual CE-265, exceto Palmares, que se localiza um pouco mais afastada da rodovia, com acesso através de via secundária em terra.

Com o prosseguimento da pesquisa de campo, algumas localidades foram alteradas. As localidades Pote Seco, Vila Nova e Engano continuam fazendo parte da pesquisa, com construções em taipa de mão identificadas e inventariadas, no entanto na localidade Palmares não foi encontrada casas de taipa de mão quando visitadas, e segundo os próprios moradores de localidades próximas, Palmares não tem casas construídas em taipa de mão. No entanto, uma outra localidade entrou para a pesquisa, um pequeno conjunto de casas nomeado de Poço Verde²⁸ (Figura 37).

²⁸ O nome da localidade está relacionado com a proximidade à estrada que dá acesso a outro distrito de Quixadá, o Riacho Verde.

MAPA CONTEXTO DA ÁREA DE ESTUDO



LOCALIDADE
ENGANO

LOCALIDADE
VILA NOVA

CE-265

LOCALIDADE
POÇO VERDE

LOCALIDADE
POTE SECO

CASAS ANALISADAS

CE-265

RODOVIAS

ÁREA DE ESTUDO

CENTRO URBANO DE QUIXADÁ

ÁREA URBANA DE QUIXADÁ

0 2,5 5 km

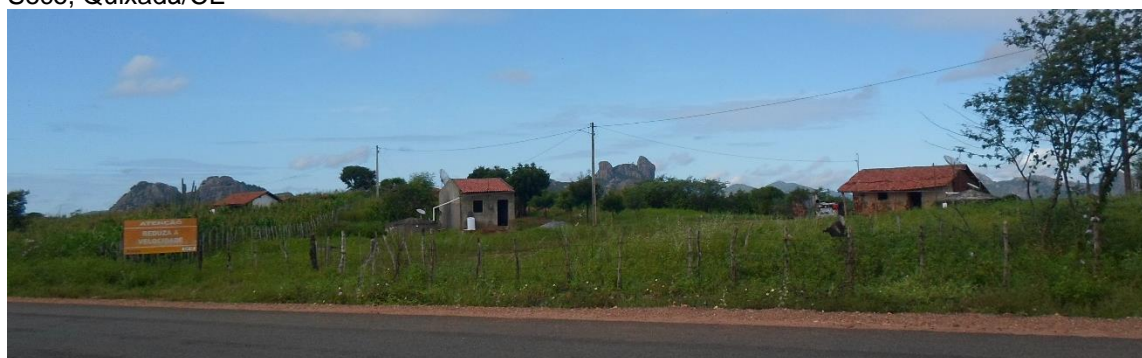
Figura 37: Mapa das localidades investigadas.
Fonte: Elaborado pela autora.

Além da apresentação das fichas de campo, entendeu-se importante apresentar o inventário e as entrevistas forma descritiva, apontando para alguns aspectos que apenas na leitura das fichas não seriam tão facilmente identificáveis, além disso, foi pensada a maneira de apresentar as informações coletadas de forma mais acessível para qualquer leitor, seja da área da arquitetura ou não. O inventário será apresentado a seguir de forma mais aprofundada.

6.2 Ambiência das casas de taipa de mão do município de Quixadá

As localidades delimitadas para a realização da pesquisa, como já explicitado anteriormente, foram Pote Seco, Vila Nova, Palmares e Engano são localidades pertencentes ao distrito de Quixadá e, apesar de estarem localizados no distrito sede, apresentam clara caracterização de zona rural. Essa localidades apresentam algumas características em comum. Em primeiro lugar, todas estão situadas às margens da CE-265 e geralmente próximas à pequenos açudes, que juntamente com as cisternas, servem para o abastecimento local. Outra característica notável é que os aglomerados de casas geralmente compõem núcleos familiares, com casas construídas no mesmo terreno, e quando as casas correspondem à famílias diferentes, estas são geralmente delimitadas por cercas de varas de madeira e arame farpado (Figura 38).

Figura 38: Conjunto de casa pertencentes ao mesmo núcleo familiar na localidade de Pote Seco, Quixadá/CE



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Os moradores dessas localidades, em sua grande maioria, trabalham com atividades voltadas para o campo, agricultura ou criação de pequenos animais, como galinhas, atividades essas influenciadas diretamente pela quantidade de chuva para o ano. Por isso é comum que todas as casas tenham um área livre, denominada popularmente de terreiro, seja pra criação de pequenos animais ou para outras

atividades do dia a dia rural. Auxílios governamentais também fazem parte da complementação de rendas das famílias.

Para ter acesso à alguns serviços, os moradores precisam se deslocar até a zona urbana de Quixadá, através de carros de horário ou paus de arara. Serviços como saúde, educação, compra de suprimentos básicos são realizados no centro da cidade geralmente pelo período da manhã, quando a movimentação de transportes vindos da zona rural é mais intenso. Há serviços que dão prioridade aos moradores de zonas rurais, como agências bancárias.

Embora existam várias pequenas localidades nas zonas rurais do município, muitas delas não são conhecidas e em consequência disso há poucas informações sobre como as localidades se firmaram.

6.3 A documentação das casas de taipa de mão e seus saberes

De acordo com a aplicação das fichas de campo, foram possíveis depreender algumas características das casas de taipa de mão do município de Quixadá. Os aspectos apresentados a seguir correspondem à implantação no terreno, estado de conservação da edificação e tipologia de fachada, que engloba a presença ou ausência de revestimento sobre a taipa de mão, a presença ou ausência de alpendres, seja frontal, lateral ou posterior, o tipo de cobertura, e tipo de esquadrias na fachada frontal.

6.3.1 A implantação no terreno

A maioria das casas em taipa de mão estão dispostas às margens da CE-265, com a fachada frontal voltada para a rodovia, o que ocorre predominantemente nas localidades Pote Seco, Vila Nova e Poço Verde, ou com as fachadas laterais paralelas à rodovia, que acontece predominantemente na localidade Engano (Figura 39 – 43).



Figura 39: Mapa das localidades investigadas –Pote Seco
Fonte: Elaborado pela autora.

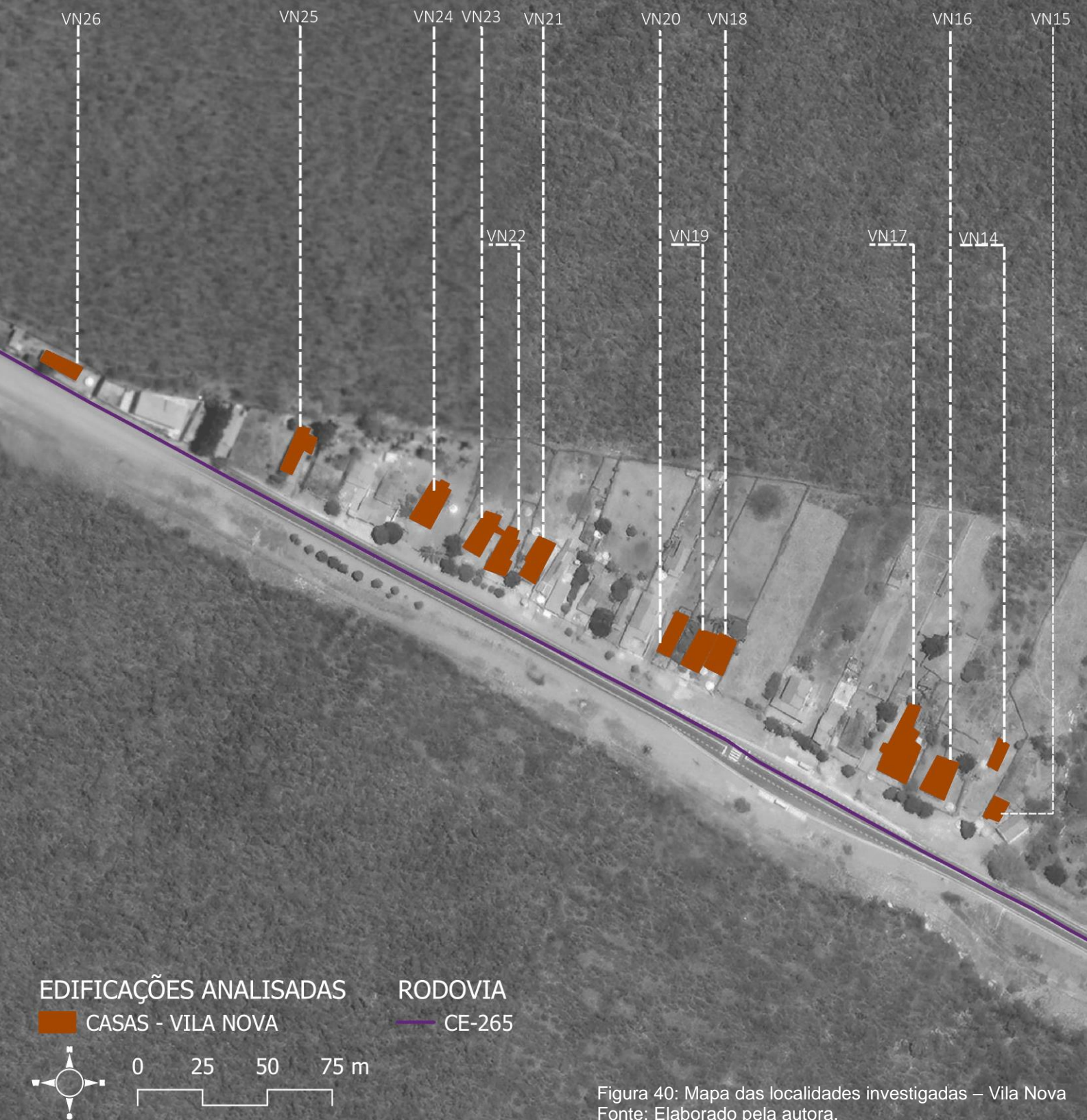


Figura 40: Mapa das localidades investigadas – Vila Nova
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 41: Mapa das localidades investigadas – Poço Verde
Fonte: Elaborado pela autora.

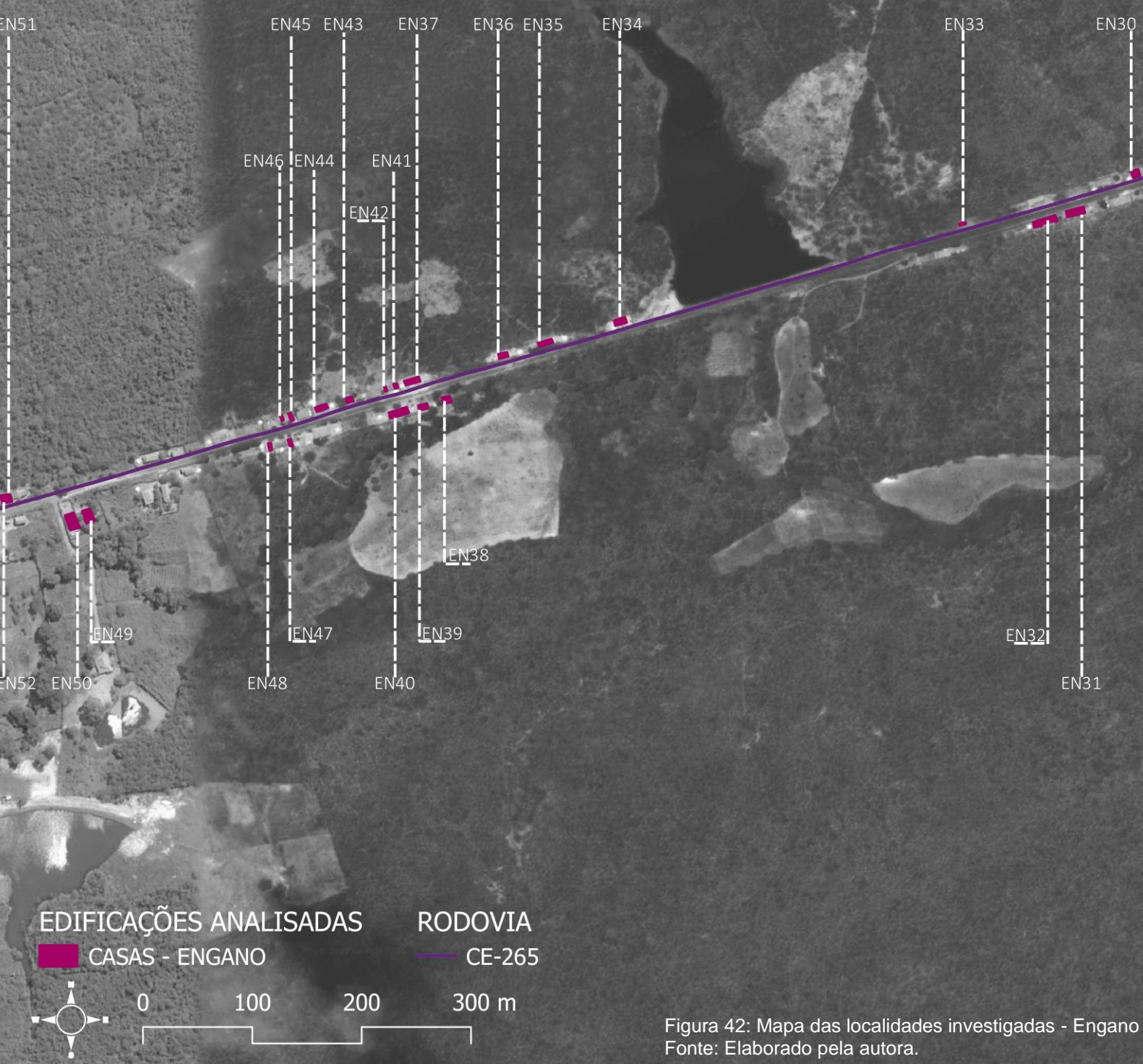


Figura 42: Mapa das localidades investigadas - Engano
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 43: Exemplos com fachada frontal voltado para a CE-265 e fachadas laterais paralelas à CE-265.









Fonte: Acervo da autora, 2022.

Nas localidades Pote Seco e Poço Verde, predominantemente as casas se encontram mais distantes umas das outras, com espaço para o terreiro de cada casa. Já na localidade Engano e Vila Nova, as casas estão mais próximas umas às outras, separadas por cercas de madeira. Na localidade engano, o fato das casas terem sido construídas muito próximas a CE-265, conta com cercas de varas de madeiras delimitando o espaço das casas e da rodovia.

6.3.2 A tipologia através das fachadas

6.3.2.1 *Taipa revestida e taipa não revestida*

As casas construídas em taipa de mão podem ou não ter algum revestimento (Figura 44). A taipa de mão revestida refere-se aquelas que recebem emboço, reboco, chapisco junto com alguma pintura, e a taipa de mão não revestida é aquela em que a taipa está exposta, aparente (Figura 45 a 48). A presença de revestimento, pode tornar difícil à distância, reconhecer se a casa é construída em taipa ou não.

Figura 44: Fotografias de exemplares em taipa de mão revestida e não revestida.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

MAPA DAS EDIFICAÇÕES REVESTIDAS EM TAIPA - POTE SECO



Figura 45: Mapeamento de revestimento da taipa – Pote Seco. Fonte: Elaborado pela autora.

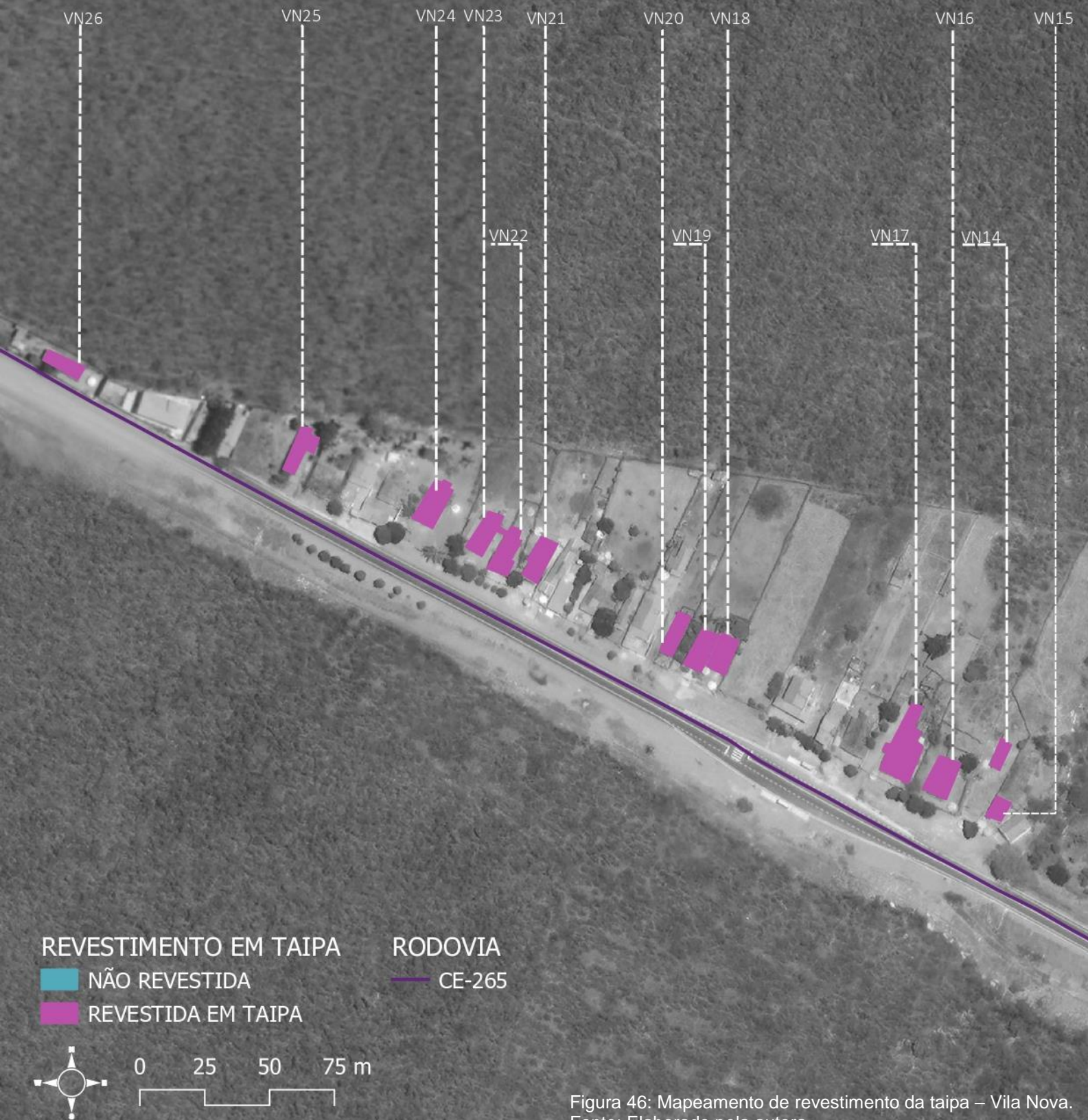


Figura 46: Mapeamento de revestimento da taipa – Vila Nova. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 47: Mapeamento de revestimento da taipa – Poço Verde. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 48: Mapeamento de revestimento da taipa – Engano. Fonte: Elaborado pela autora.

O ato de revestir a taipa é uma forma de preservar a estrutura da mesma, tendo em vista que a erosão do material, sem o revestimento, se dá de forma mais rápida, seja no período chuvoso pelo contato com a água, seja no período seco, com o trincamento do barro e conseqüentemente descolamento da estrutura de madeira. Portanto, revestir a taipa é uma forma de retardar os possíveis reparos. Além disso, o revestimento diminui a possibilidade de aparecimento de fissuras, onde podem se alojar insetos (transmissores de doenças) ou demais organismos vivos.

Outra característica que deve ser levada em consideração é que algumas casas apresentam algum tipo de revestimento principalmente nas fachadas de mais visibilidade para quem passa pela rodovia, ou seja, fachadas frontais e/ou laterais. Tal atitude está relacionada com a condição financeira daquela família, já que os materiais para o revestimento não estão disponíveis gratuitamente, e também pode estar relacionada com a imagem que se construiu sobre as casas de taipa. Por mais que alguns moradores gostem ou prefiram morar em casas de taipa.

Nas localidades pesquisadas foi possível perceber uma predominância de casas de taipa de mão que apresentam um revestimento na taipa, geralmente aplicação de emboço, reboco e pintura branca ou alguma outra cor. O revestimento da taipa acaba implicando também no estado de conservação dessas casas.

6.3.2.2 *O alpendre*

O alpendre, hoje elemento muito presente nas casas pelo nordeste, não era um elemento comum na arquitetura civil do sertão no início do século XVIII, e só surgiu com mais frequência nas fazendas de gado e com a valorização da cultura algodoeira, que conseqüentemente afetam o modo de vida e a arquitetura do sertão (CARDOSO, 2011, p. 161). O alpendre surge portanto como um ambiente limítrofe entre o interno e o externo;

Um novo espaço se forma na casa do sertão, uma membrana, uma interface, um limite vivo de troca da casa com o ambiente externo imediato. Efetiva-se um espaço que ao mesmo tempo acolhe que vem de fora e protege, resguarda o que está dentro. Ademais, o alpendre tornar-se-ia também uma área de uso múltiplo, que de pronto, adapta-se às necessidades de uma alteração programática (CARDOSO, 2011, p. 161).

Além da divisão entre o ambiente interno e externo da casa, o alpendre é utilizado pelos moradores como espaço de convívio com a vizinhança, onde costumam sentar para conversar no final da tarde, por isso é comum encontrar sofás, cadeiras ou bancos de madeira nesses espaços. Tecnicamente o alpendre compreende uma cobertura suspensa apoiada por colunas que geralmente se localiza na fachada frontal da casa, porém pode aparecer também nas laterais e aos fundos da casa.

Dentre os tipos de alpendres encontrados na pesquisa de campo, quanto a cobertura, esta pode ser independente da coberta principal da casa, geralmente em uma água, ou pode ser composto pelo prolongamento da coberta principal. Quanto aos materiais utilizados para sustentar a estrutura do alpendres, encontrou-se troncos de madeira, assim como a madeira utilizada na taipa de mão, e estruturas de alvenaria de tijolos cerâmicos, que contornam a fachada frontal e demarcam ainda mais o interno e externo da casa (Figura 49).

Figura 49: Exemplar de casa de taipa com alpendre frontal em coberta independente e com estrutura em tijolos cerâmicos e coberta como prolongamento da coberta principal com estrutura em madeira.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Nas pesquisa de campo, dentre as 52 casas constantes no inventario, 30 casas contam com o alpendre frontal, 8 casas tem alpendre lateral, 8 casas com alpendre posterior e 12 casas sem nenhum tipo de alpendre (Figuras 50 a 53). Lembrando que uma casa pode se enquadrar em apenas um tipo de alpendre ou mais, ou seja, uma casa pode ter alpendre frontal e lateral ou frontal e posterior etc.

PS13

PS12

PS11

PS10

PS09

PS08

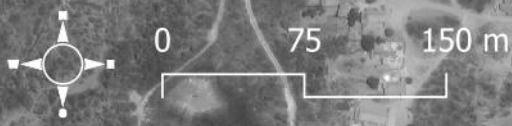
PS07

PS05










PS03

PS02

PS01



TIPOLOGIA DE ALPENDRE

-  ALPENDRE FRONTAL
-  ALPENDRE FRONTAL E LATERAL
-  ALPENDRE LATERAL
-  ALPENDRE POSTERIOR
-  ALPENDRE POSTERIOR E FRONTAL
-  ALPENDRE POSTERIOR, FRONTAL E LATERAL
-  NAO IDENTIFICADO
-  RUINA
-  SEM ALPENDRE

RODOVIA

 CE-265

Figura 50: Mapeamento de tipologia de alpendre – Pote Seco. Fonte: Elaborado pela autora.

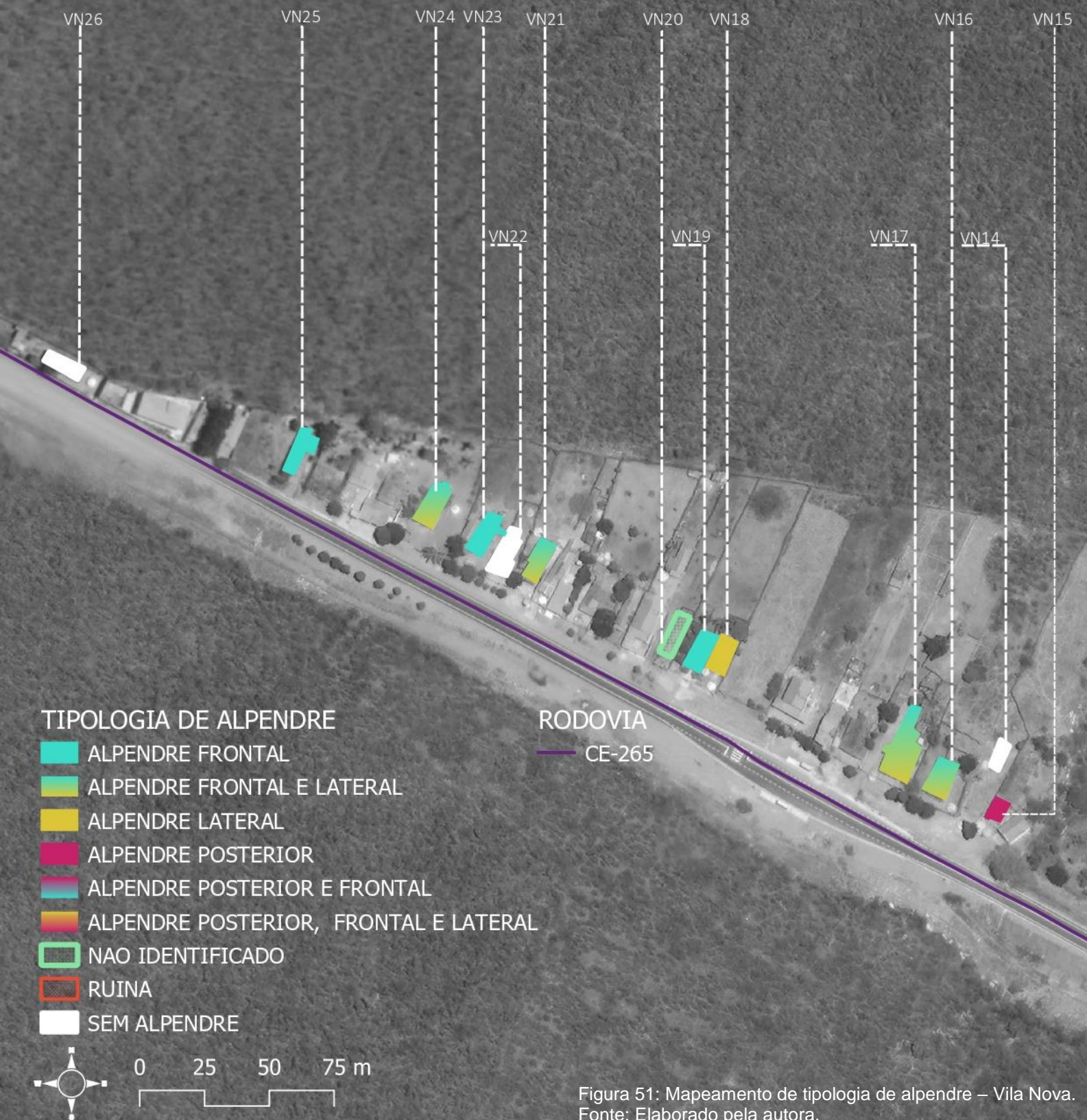


Figura 51: Mapeamento de tipologia de alpendre – Vila Nova. Fonte: Elaborado pela autora.

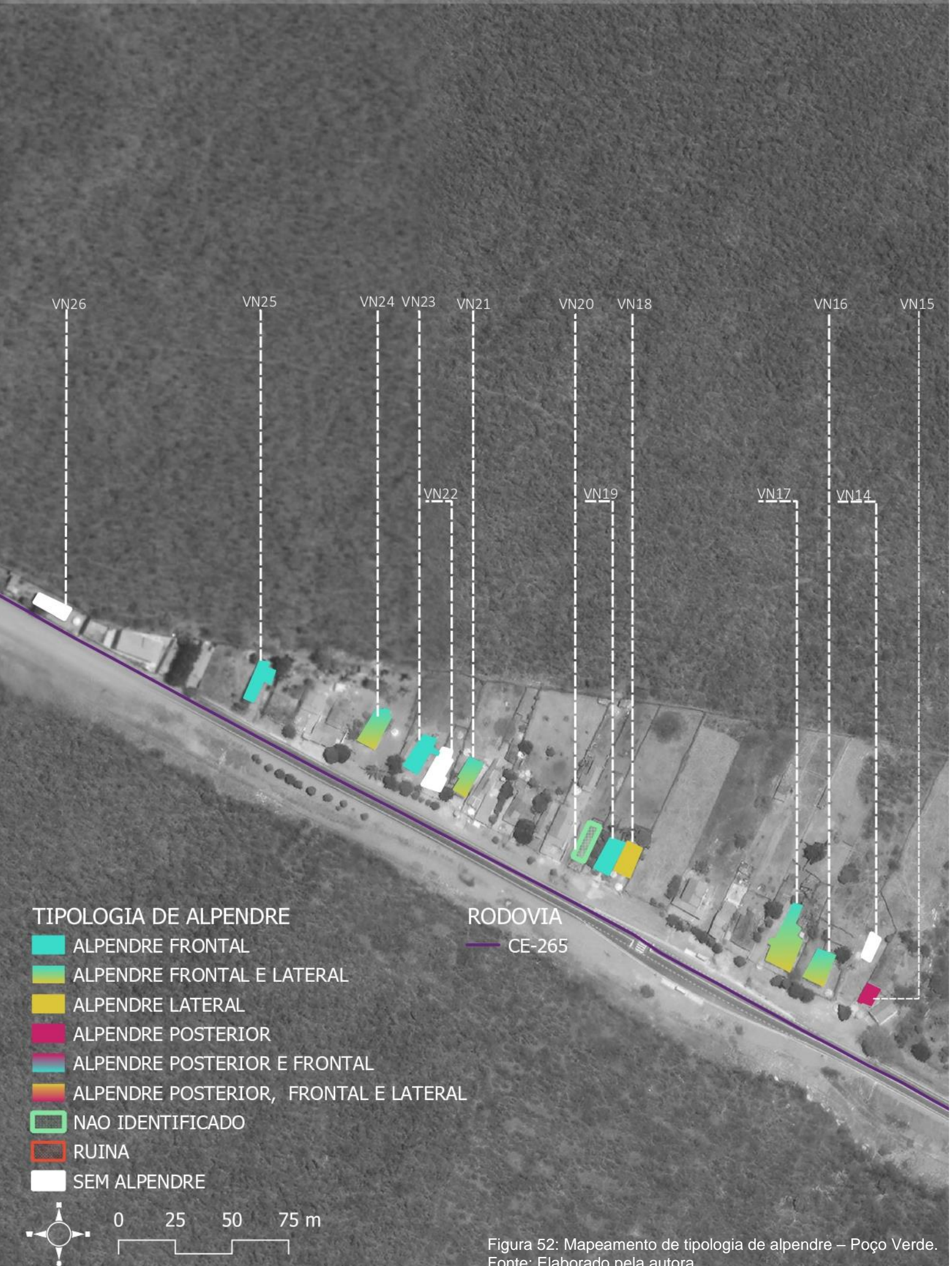


Figura 52: Mapeamento de tipologia de alpendre – Poço Verde. Fonte: Elaborado pela autora.

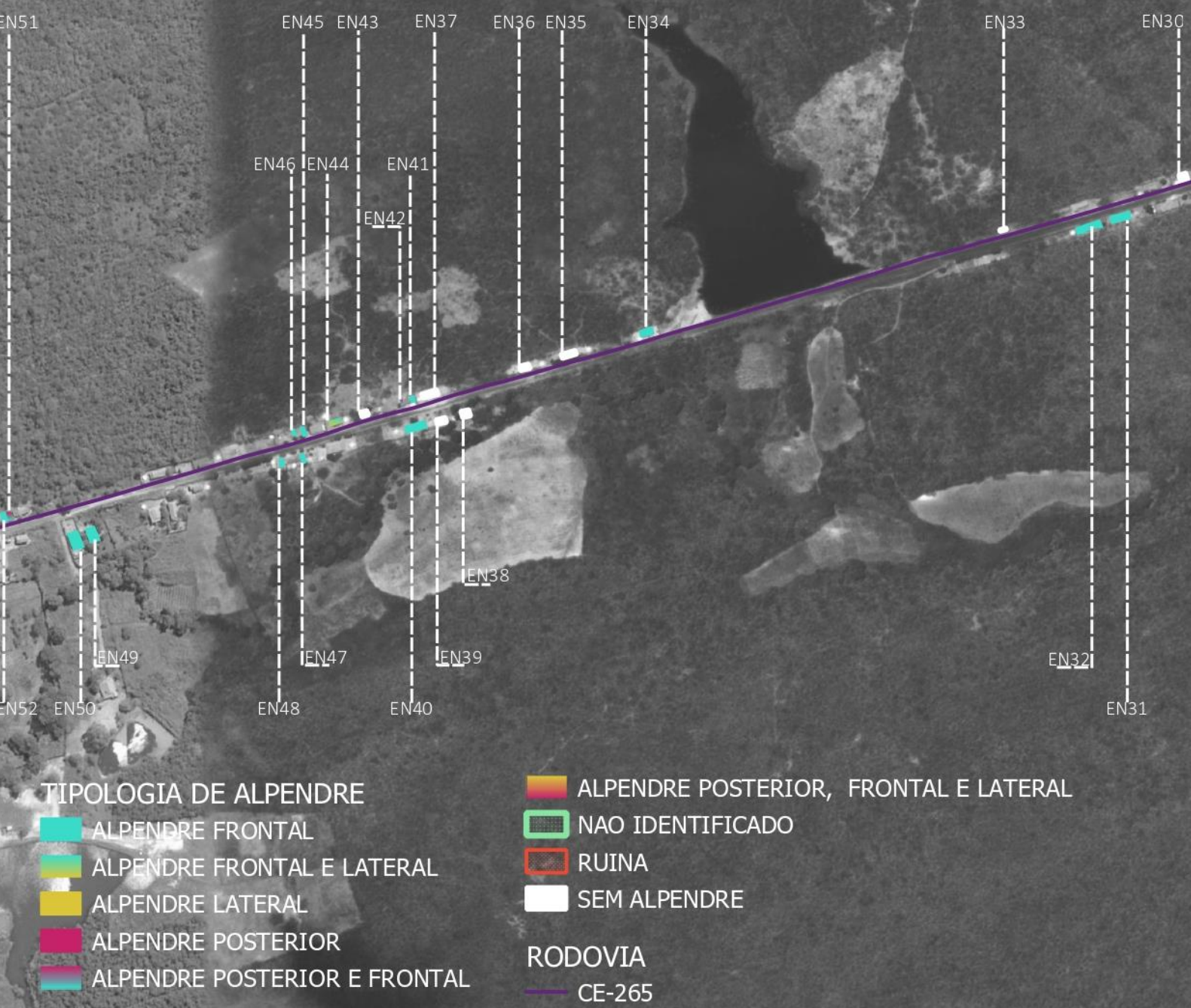


Figura 53: Mapeamento de tipologia de alpendre – Engano. Fonte: Elaborado pela autora.

6.3.2.3 A cobertura

Quanto a cobertura, a telha cerâmica é o único material utilizado para a cobertura das casas. A grande maioria é em 2 águas, com caimento para as fachadas laterais, mas também aparecem telhados de 2 águas com caimento para as fachadas frontais e laterais (Figura 55 a 58). O madeiramento das coberturas, na maioria das vezes, também é feito do mesmo material das estruturas de madeira da taipa, troncos mais forte são utilizados para a cumeeira e terças e varas mais finas são utilizadas como as ripas e caibros (Figura 54).

Figura 54: Fotografias de detalhes do madeiramento das coberturas e troncos e galhos utilizados.





Fonte: Acervo da autora, 2020-2021.

Algumas casas, aparentemente de famílias com melhores condições financeiras (denotadas em outras características das casas de taipa de mão), tem o telhado com o madeiramento industrializado.



Figura 55: Mapeamento de tipologia de cobertura – Pote Seco. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 56: Mapeamento de tipologia de cobertura – Vila Nova. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 57: Mapeamento de tipologia de coberta – Poço Verde.
Fonte: Elaborado pela autora.

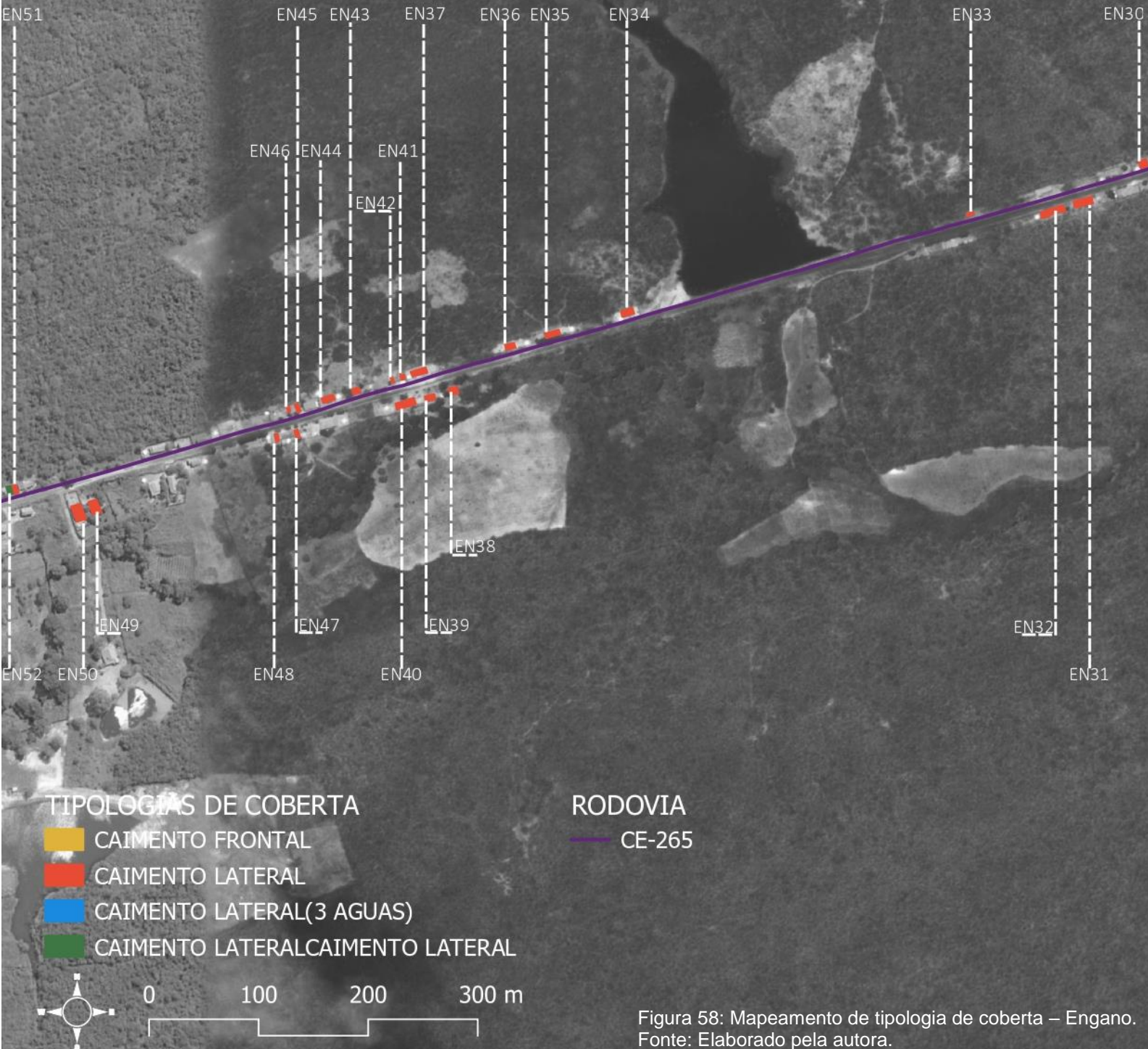


Figura 58: Mapeamento de tipologia de cobertura – Engano. Fonte: Elaborado pela autora.

6.3.2.4 Porta de janela

O termo casas de porta e janela, se refere a uma tipologia de fachada presente nas primeiras cidades no período colonial brasileiro, nas primeiras cidades. A casa térrea de porta e janela era considerada a construção de uso residencial mais simples, com coberturas de telhas cerâmicas, piso de chão batido e número pequeno de janelas nas fachadas, onde as classes menos favorecidas habitavam (ARAGÃO, 2017 p. 54). Essa características se repete nas casas de taipa de mão inventariadas, com a maiorias das fachadas compostas por porta e janela (variando apenas a posição em relação a cumeeira) ou apenas porta mais ou menos centralizada à cumeeira (Figura 59).

Figura 59: Fotografias de detalhes de portas e janelas de fachadas.





Fonte: Acervo da autora, 2021.

O material das esquadrias é predominantemente a madeira, as portas são sempre de abrir em duas folhas, uma superior e um inferior, que geralmente quando os moradores estão em casa, a folha superior permanece aberta e a inferior fechada, e as janelas são de abrir de uma folha. Casas abandonadas geralmente não apresentam as esquadrias.

6.4 Estado de conservação

A ausência de critérios específicos para a definição de estados de conservação de arquitetura em taipa de mão, fez com que fosse necessário elencar alguns aspectos referentes as casas de taipa de mão investigadas. Com base na observação e nos relatos dos próprios moradores dessas edificações. Como os materiais e técnicas construtivas não são os mesmos de edificações construídas em alvenaria de tijolos cerâmicos, os danos observados são um pouco diferentes daqueles comumente observados em estudo de estado de conservações de bens imóveis.

Tomando como base o Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG), especificamente o Módulo 2: Gestão, a ficha M206: Diagnóstico conservação – Arquitetura religiosa, apresenta tipos de danos comumente encontrados em bens edificados, em se tratado de edifícios religiosos. No caso da presente pesquisa, o bem edificado corresponde a uma casa, porém o tipos de danos elencados foram baseados na ficha M206 (Figura 60).

Figura 60: Tipos de danos para determinação de estado de conservação de edificações.

| 4. DANOS ESTRUTURAIS | | 5. DEGRADAÇÃO DO MATERIAL | | | | 6. UMIDADE | | |
|----------------------|-------------------------------|---------------------------|-------------------------|----------------------------|--------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------|
| 4.1.Fissura | 4.2.Existência de deformações | 5.1.Revestimen-to | 5.2.Estrutura da parede | 5.3.Elementos da estrutura | 5.4. Perda % | 6.1.Infiltração ascendente | 6.2.Infiltração localizada | 6.3.Presença de vegetação |

Fonte: Ficha M206, SICG, adaptado pela autora, 2021.

Os tipos de danos nas casas de taipa de mão foram dividido em 3 categorias, Degradação do material, Danos estruturais e Agentes degradadores. As análises foram feitas nas fachadas das casas de taipa, sempre que estivessem de fácil acesso, tendo em vista que em muitas casas os moradores não puderam ser contatados. Além disso, buscou-se manter o distanciamento social em relação aos moradores, evitando adentrar em suas residências neste período pandêmico.

Na primeira categoria de análise, Degradação do Material, os danos observados foram referentes ao revestimento da taipa, se está presente ou não e se está degradado; a própria parede em terra e a madeira, se mostram sinal de degradação, e a perda de material, correspondente a perda da terra ou madeira em alguma das fachadas. A segunda categoria de análise, Danos estruturais, buscou observar a presença de fissuras e separações entre os elementos construtivos da casa de taipa, no caso a madeira e o barro, além de observar a existências de deformações nas fachadas. Por fim, a terceira categoria de análise, Agentes degradadores, deteve-se a observar a presença de vegetação nessas construções, a presença de organismo vivos (geralmente relatado pelos moradores, presente principalmente em períodos chuvosos) e outros tipos de agentes degradadores (físicos ou químicos). Além dos danos analisados nas fachadas, foram observados s condições de outros elementos como as esquadrias e a cobertura das casas. (Figura 61).

Figura 61: Quadro de estado de conservação de fichas de campo elaboradas.

| ESTADO DE CONSERVAÇÃO | | | | | | | | | |
|------------------------|---|----------------|---------------------|-------------------|----------------------------------|---------------------------|---------------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| | Degradação do Material | | | | Danos Estruturais | | Agentes degradadores | | |
| | Revestimento (cobertura da taipa) | Parede (terra) | Estrutura (madeira) | Perda de material | Fissuras / Separação entre peças | Existência de deformações | Presença de Vegetação (Umidade) | Presença de organismos vivos | Outros (físicos e químicos) |
| Fachada Principal | | | | | | | | | |
| Fachada Lateral D. | | | | | | | | | |
| Fachada Lateral E. | | | | | | | | | |
| Fachada Posterior | | | | | | | | | |
| Observações (Fachadas) | | | | | | | | | |
| Esquadrias | | | | | | | | | |
| Telhado | | | | | | | | | |
| Estado de Conservação | <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Precário <input type="checkbox"/> Em arruinamento <input type="checkbox"/> Arruinado | | | | | | | | |

Fonte: Ficha de campo elaborada pela autora, 2021

Com bases nessas categorias de análise, no Cadernos de diretrizes museológicas²⁹ (2006) e no Conselho Estadual do Patrimônio Cultural de Minas Gerais³⁰ os estados de conservação foram melhor delimitados para se encaixar na presente pesquisa de campo. Foram determinados 5 estados de conservação para as casas de taipa de mão, ótimo, bom, regular, precário, em arruinamento e arruinado. O estado de conservação ótimo corresponde às edificações que apresentam excelentes condições de conservação dos elementos, uma estrutura íntegra, podendo apresentar marcas do tempo, principalmente sujidades, mas que não comprometem o estado da edificação. Dentro do inventário, 7 edificações com ótimo estado de conservação foram documentadas (PS09, EN050, VN015, EN049, PS05, PS02 E EN052) (Figura 62).

²⁹ De acordo com o Caderno de diretrizes museológicas os critérios de estados de conservação são: ÓTIMO – excelentes condições de conservação estando totalmente íntegro. BOM – boas condições que pode precisar de pequenas intervenções. REGULAR – processo inicial de deterioração. PÉSSIMO – graves processos de deterioração (Ministério da Cultura, 2006, p.55).

³⁰ O IEPHA/MG adota os seguintes parâmetros para classificação do estado de conservação dos bens; Bom: o bem se encontra íntegro. Os danos encontrados não comprometem suas qualidades físicas ou estéticas, nem tampouco sua integridade física. Podem, no entanto, necessitar de reparos de manutenção e limpeza. Regular: o bem apresenta problemas que não comprometem sua integridade, mas que degradam suas qualidades físicas e/ou estéticas que podem levar à perda de suas características, necessitando de recuperação. Bens que sofreram descaracterizações reversíveis serão classificados em estado regular. Precário: o bem apresenta problemas que comprometem sua integridade. São necessárias obras de contenção/estabilização e restauração. Descaracterizado: o bem sofreu descaracterizações irreversíveis.

Figura 62: Casas em ótimo estado de conservação, VN015 e EN052 respectivamente.



Fonte: Acervo da autora, 2021

No estado de conservação tido como bom, as casas apresentam boas condições de conservação, podendo ou não necessitar de intervenções pontuais ou substituição de elementos. No inventário a maioria das casas estão em bom estado de conservação, um total de 21 casas (PS01, PS06, PS011, PS012, VN016, VN017, VN018, VN019, VN020, VN021, VN024, VN025, VN029, EN032, EN034, EN041, EN043, EN046, EN047, EN048, EN051) (Figura 63).

Figura 63: Casas em bom estado de conservação, PS06 e EN047 respectivamente.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

O estado de conservação precário refere-se aquelas casas que apresentam um processo regular de deterioração e perdas de materiais, algumas fissuras e danos reversíveis, e que necessita de intervenções para evitar maiores desgastes. Um número considerável de casas, no total 18, estão em estado precário (PS03, PS04, PS08, PS013, VN014, VN022, VN026, PV027, PV028, EN030, EN035, EN036, EN037, EN038, EN040, EN042, EN044, EN045) (Figura 64).

Figura 64: Casas em estado precário de conservação, PS013 e EN042 respectivamente.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

O estado de conservação chamado em arruinação compreende casas com graves processos e degradação, geralmente irreversíveis, com proliferação de organismo vivos, grandes deformações na estrutura e riscos de desabamento. Foram encontradas 5 casas com essas características no inventário (PS010, VN023, EN031, EN033, EN039) (Figura 65).

Figura 65: Casas em arruinação, PS010 e VN023 respectivamente.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Já o estado arruinado significa que a casa está totalmente em ruína, não há mais estrutura de casa, com a estrutura da madeira destruída, ausência do barro como vedação, com a presença no terreno de restos da edificação. Em campo apenas uma casa foi considerada arruinada (PS07) (Figura 66).

Figura 66: Casa arruinada, PS07.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

De modo geral, as casas de taipa de mão do município de Quixadá apresentam um bom ou precário estado de conservação, sendo a localidade de Vila Nova a que quantitativamente apresenta maior número de casas em bom estado de conservação, e a localidade Engano com um maior número de casas em estado precário (Figura 67 a 70).



ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- ARRUINADO
- EM ARRUINAMENTO
- PRECARIO
- BOM
- OTIMO

RODOVIA

- CE-265

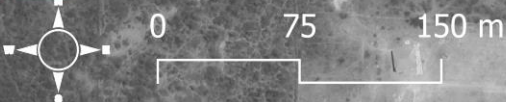


Figura 67: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Pote Seco. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 68: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Vila Nova
Fonte: Elaborado pela autora.



ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- ARRUINADO
- EM ARRUIRAMENTO
- PRECARIO
- BOM
- OTIMO

RODOVIA

CE-265



Figura 69: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Poço Verde
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 70: Mapeamento a partir dos estados de conservação – Engano
Fonte: Elaborado pela autora.

6.5 A documentação dos aspectos imateriais das casas de taipa de mão

Quanto aos materiais e técnicas construtivas, todo o material teórico que tem-se está documentada na bibliografia consultada e explorada ao longo desta pesquisa, porém, como apresentado anteriormente, entende-se a construção de casas de taipa de mão não apenas como algo material, as também como um saber fazer, que se diferencia de região para a região, que está intimamente relacionado com o contexto espacial e cultural. Além disso são saberes repassado entre as gerações, através da oralidade e necessitam de registro. Pensando nisso, com base na metodologia do INRC, foi elaborado um roteiro para realização de entrevistas semiestruturadas com os mestres construtores que fossem identificados no decorrer da pesquisa. Ao longo do trabalho de campo foram encontrado 6 (seis) mestres construtores, buscando-se pelo menos um mestre para cada localidade, a fim de encontrar possíveis semelhanças e/ou diferenças nos métodos construtivos em cada localidade.

6.5.1 A oralidade na transmissão de saberes

A oralidade – assim como a observação, principalmente quando somos crianças - têm papel fundamental nas relações de aprendizado entre as gerações, sendo o mecanismo pelo qual o conhecimento é repassado (ROVAI, 2013, p. 9). Entendendo o caráter de protagonismo das relações humanas, a oralidade está intimamente relacionada com o aspecto central da vida dos seres humanos que é o processo de comunicação, que compõe parte muito importante da cultura e simbologia humana (LOZANO, 2006, s/n).

A sociedades, principalmente com aspectos rurais, foram e ainda são o campo mais abordado pela antropologia quando se trata de oralidade, tendo em vista que os modos de transmissão de conhecimento ainda se dá, em sua maior parte, através da oralidade (LOZANO, 2006, s/n).

No campo do patrimônio cultural, é por meio da oralidade que muitos saberes e fazeres, manifestações culturais e religiosas entre outros, são repassados entre as gerações, além disso a oralidade é ponto chave para a patrimonialização de um bem dessa natureza através do registro. Os bens, dito imateriais, ou seja, a forma de fazer, construir, analisar a natureza, entre tantos outros saberes, permanecem na memória

dos indivíduos que permeiam o ambiente desse bem, e se apresentam como um forma de vínculos identitários (ROVAL, 2013, p.12).

A documentação imaterial, ou seja a forma de salvaguardar bens culturais ditos de caráter imaterial, é o registro. Esse método de salvaguarda foi instituído pelo IPHAN no anos 2000, a partir do Decreto lei nº 3.551 de 04 de agosto de 2000. O registro é portanto um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização de celebrações, lugares, formas de expressão, saberes, conhecimentos e técnicas de grupos que se reconhecem e são reconhecidos como patrimônio cultural (IPHAN, s/d, s/n).

A oralidade, como explicitada anteriormente é uma forma conhecer esses bens, pois estes estão diretamente ligados às dinâmicas da vida cotidiana da pessoas que constituem esse patrimônio. Portanto, as aproximações através de entrevistas do mais diversos tipos, conversas entre outras ferramentas, são tão importantes quando se trata de patrimônio cultural.

Contudo, embora a oralidade seja tão importante para bens culturais de caráter imaterial, o autor Yeison Copete (2014), nos alerta para a necessidade de encontrar ou construir novas formas de salvaguardar, o que ele chama de memória-identidade, ou seja, os saberes, expressões culturais, conhecimentos, técnicas de grupos que estão diretamente ligados a sua memória e vínculos identitários; pois a oralidade sozinha, pode apresentar riscos de deturpar, transformar ou fazer desaparecer a memória-identidade desses povos, mesmo considerando que as transformações são necessárias e até mesmo um meio de permanência em alguns casos. A oralidade tem sido uma forma de resistência, mas está sim ameaçada pelas imposições do capitalismo e neoliberalismo, ameaçando a permanência de práticas ancestrais e cosmogonias (COPETE, 2014, p. 121 - tradução nossa).

No caso dos saberes e fazeres atrelados às casas de taipa de mão das áreas rurais do município de Quixadá, além da transmissão dos conhecimentos através da oralidade, o conhecimento também é repassado de forma prática, quando mestres construtores e familiares e vizinhos trabalham em conjunto na construção de casas de taipa.

6.6 Materiais e técnicas construtivas locais

Como explicitado anteriormente, foram investigadas 4 localidades rurais do município de Quixadá/CE, Pote Seco, Vila Nova, Poço Verde e Engano. Todas elas distribuídas à beira da rodovia CE 265. Pelo menos um mestre construtor foi entrevistado em cada localidade, buscando semelhanças e diferenças entre os discursos.

Na localidade Pote Seco foram entrevistados 3 (três) mestres construtores, que pertencem à mesma família, O Pai, o filho e a esposa do filho³¹. O pai, primeiro entrevistado, relata que não nasceu em Quixadá, mas que veio morar aqui ainda em 1986 com sua família, e que aprendeu a construir as casas de taipa com seu pai e seu irmão, hoje já falecidos. Aponta também que apenas na localidade de Pote Seco, construí 7 (sete) casas, além de outras casas de taipa que construiu em outras localidades, como afirma: *“Eu aprendi com um irmão meu, mais velho. Eu comecei a aprender ali na faixa de 74 (ano de 1974). E ele já fazia né, [...] ai ele trabalhava né e eu trabalhando “marrele”(com ele), aí eu fui... indo...fui e aprendi fazer, levantar casinha véa de taipa né”* (PAI, 2020, p.2).

O filho e sua esposa, entrevistado alguns dias após a entrevista com o pai, optaram por responder as questões juntos. O filho conta que aprendeu a construir casa com o pai e veio para a cidade de Quixadá apenas em 1986, assim como o pai também relatara em sua entrevista. A esposa aprendeu a construir casas de taipa com o marido e os dois relatam ter construído uma casa de taipa pela primeira vez em 1997. O casal já construiu várias casas de taipa (não sabendo informar a quantidade exata) em outras localidades que moraram, e também já ensinaram o filho como construir.

Na localidade Vila Nova foi contatado um mestre construtor, que chamaremos aqui de Jardineiro. O mestre também não é natural de Quixadá, mas mora na localidade há mais de 60 (sessenta) anos. Relata que nasceu em uma casa de taipa e permanece até hoje morando em casas de taipa, e aprendeu a construir casas de taipa de mão com o pai aos 22 (vinte e dois) anos, tendo também ensinado seus filhos a técnica construtiva.

³¹ Afim de preservar a identidade dos entrevistados, eles serão identificados apenas como Pai, filho, esposa, entre outros termos chaves para se referir a cada mestre construtor.

Na localidade Poço Verde, um mestre construtor foi entrevistado, que chamaremos aqui de Agricultor. De todos os mestres entrevistados, este é o único que não mora mais em casas de taipa, porém já construiu muitas e já ensinou aos filhos e amigos as técnicas construtivas. O agricultor informou que acompanhou o cadastramentos de casas de taipa das localidades pra serem posteriormente substituídas, mas não tem informação sobre a efetivação dessas substituições.

Por fim, na localidade Engano, um mestre construtor foi entrevistado, que aqui chamaremos de pedreiro. Natural de Quixadá, mora na localidade desde 1980. Relata que aprendeu a construir casas de taipa de mão com os pais, e que nunca construiu sozinho mas sim com várias outras pessoas, repassando o que sabia. Todos os mestres foram perguntados sobre as etapas de construção de casas de taipa, para que fosse possível traçar um perfil de semelhanças e/ou diferenças entre a construção (Quadro 7).

Quadro 7: Etapas para a construção de uma casa de taipa de mão

| PAI | FILHO E SUA ESPOSA | JARDINEIRO | AGRICULTOR | PEDREIRO |
|--|--|---|--|--|
| <p><i>1ª etapa: "Limpar o canto"</i> Se referindo a limpeza do terreno para a construção da casa de taipa, quando é retirada todo tipo de vegetação, deixando apenas a terra exposta.</p> | <p><i>1ª etapa: "Cortar a madeira"</i> Se referindo a procura e coleta de madeira para a construção em mata próxima ao terreno da construção.</p> | <p><i>1ª etapa: "Cavar os buracos"</i> Etapa destinada a marcação, no chão, da distância dos pilares que corresponderão ao tamanho da casa.</p> | <p><i>1ª etapa: "Cortar a madeira"</i> Se referindo a procura e coleta de madeira para a construção em mata próxima ao terreno da construção.</p> | <p><i>1ª etapa: "Cortar a madeira"</i> Se referindo a procura e coleta de madeira para a construção em mata próxima ao terreno da construção.</p> |
| <p><i>2ª etapa: "Marcar os cantos da casa"</i> Etapa destinada a marcação, no chão, da distância dos pilares que corresponderão ao tamanho da casa.</p> | <p><i>2ª etapa: "Medir a linha"</i> Etapa em que se define o tamanho da casa a partir do tamanho da cumeeira, ou seja, a parte mais elevada do telhado, onde os planos de cobertas se encontram.</p> | <p><i>2ª etapa: "Colocar as forquilhas"</i> Referente a alocação das madeiras que servirão como pilares da casa.</p> | <p><i>2ª etapa: "Marcar os cantos da casa, colocar as forquilhas"</i> Etapa destinada a marcação, no chão, da distância dos pilares que corresponderão ao tamanho da casa e alocação das madeiras que servirão como esses pilares.</p> | <p><i>2ª etapa: "Cavar os buracos"</i> Etapa destinada a marcação, no chão, da distância dos pilares que corresponderão ao tamanho da casa.</p> |
| <p><i>3ª etapa: "Levantar as madeiras"</i> Se referindo à todo o trabalho de estrutura da casa de taipa, preencher os buracos que foram cavados após a marcação no terreno dos cantos da casa, estruturar a cumeeira e concluir o aparelhamento madeiramento do telhado.</p> | <p><i>3ª etapa: "Cavar os buracos"</i> Etapa destinada a marcação, no chão, da distância dos pilares.</p> | <p><i>3ª etapa: "Colocar as linhas e o madeiral"</i> Referente a montagem do madeiramento do telhado.</p> | <p><i>3ª etapa: "Cavar e aguar o barro"</i> Se referindo ao processo de hidratação, e amassamento do barro e aplicação do barro na estrutura de madeira com as mãos.</p> | <p><i>3ª etapa: "Começar o madeiramento"</i> Se referindo à todo o trabalho de estrutura da casa de taipa, preencher os buracos que foram cavados após a marcação no terreno dos cantos da casa, estruturar a cumeeira e concluir o aparelhamento madeiramento do telhado.</p> |
| <p><i>4ª etapa: "Encher com terra"</i></p> | <p><i>4ª etapa: "Levantar as madeiras"</i></p> | <p><i>4ª etapa: "Envara"</i></p> | <p><i>4ª etapa: "Enxamear e emboçar"</i></p> | <p><i>4ª etapa: "Encher com terra"</i></p> |

| | | | | |
|---|--|--|--|---|
| <p>Se referindo ao processo de hidratação, e amassamento do barro e aplicação do barro na estrutura de madeira com as mãos.</p> | <p>Se referindo à todo o trabalho de estrutura da casa de taipa, preencher os buracos que foram cavados após a marcação no terreno dos cantos da casa, estruturar a cumeeira e concluir o aparelhamento madeiramento do telhado.</p> | <p>Referente a colocação das varas de madeira nas paredes da casa de taipa</p> | <p>Se referindo à aplicação do barro nas estrutura de madeira. O termo enxamear, no sentido figurado significa aglomerar-se, apinhar-se. <i>Se refere também à aplicação do emboço e reboco ou algum outro tipo de revestimento para o caso de cobertura da taipa.</i></p> | <p>Se referindo ao processo de hidratação, e amassamento do barro e aplicação do barro na estrutura de madeira com as mãos.</p> |
| | <p><i>5ª etapa: “Encher com terra”</i> Se referindo ao processo de hidratação, e amassamento do barro e aplicação do barro na estrutura de madeira com as mãos.</p> | <p><i>5ª etapa: “Enxamear”</i> Se referindo à aplicação do barro nas estrutura de madeira. O termo enxamear, no sentido figurado significa aglomerar-se, apinhar-se.</p> | | |

Fonte: Informações coletadas a partir de entrevistas realizadas pela autora no ano de 2020.

Quando os mestres entrevistados se referem marcação e escavação dos buracos para estruturar os pilares da casa o chamam de “forquilhas”. No caso da construção, as forquilhas em madeira correspondem a uma espécie de espeque, ou seja, uma peça de madeira bifurcada onde se escora ou apoia algo. Aqui, as forquilhas servirão como os pilares da casa e também receberão as linhas de madeira do telhado (Figura 71).



Figura 71: Detalhe das forquilhas.






Fonte: Acervo da autora, 2021.

Quando perguntados sobre os materiais e instrumentos utilizados, os mestres falaram sobre o tipo de madeira apropriado e que estas não são mais tão fáceis de serem encontradas nas localidades. As espécies elencadas foram a Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), o Pau Branco (*Auxemma oncocalyx*), o Sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*), o Marmeleiro (*Ruprechtia laxiflora*) e o Angico (*Anandeanthera Colubrina*) (Quadro 8), por serem, segundo os mestres árvores com madeira resistentes, fortes, assim adequadas à construção de casas de taipa.

Quadro 8: Resumo de características de espécies utilizadas na construção de casas de taipa

| Espécie e características | Fotografia |
|---|--|
| <p>Aroeira (<i>Myracrodruon urundeuva</i>): Espécie nativa, mas não endêmica no Brasil, presente em todas as regiões e em todos os estados da região Nordeste. A madeira tem boas qualidades físico-mecânicas utilizadas principalmente para produção de madeiramento de telhado e em obras externas. Tem permeabilidade baixa, sendo utilizada na construção em áreas externas. Já esteve na lista de espécies ameaçadas de extinção no Brasil, e atualmente é classificada como pouco preocupante (PAREYN et al, s/d, p. 766-770)</p> |  |
| <p>Pau Branco (<i>Auxemma onocalyx</i>): Vegetação característica da caatinga, com presença contínua no Ceará. Por ser uma madeira moderadamente densa, com superfície lisa é utilizada na produção de móveis, assoalhos e na construção civil de modo geral. Também é resistente ao ataque de fungos e insetos, principalmente à cupins (CARVALHO, 2008, p. 2-5).</p> |  |

| | |
|--|--|
| <p>Sabiá (<i>Mimosa caesalpiniaefolia</i>): Espécie que ocorre naturalmente na região nordeste. Se destaca como principal fonte de estacas para cercas, principalmente no Ceará (RIBASKI et al, 2003, p. 1-2)</p> |  |
| <p>Marmeleiro (<i>Ruprechtia laxiflora</i>): Madeira considerada forte com bons índices de resistência a flexão. É utilizada para a confecção de móveis e carpintaria em geral e também em caibros e vigas (CARVALHO, 2006, p.1-5).</p> |  |
| <p>Angico (<i>Anandeanthera Colubrina</i>): Espécie nativa mas não endêmica, ocorrendo em quase toda região nordeste. É utilizada na construção civil para confecção de moveis, estacas, cercas, assoalhos etc (PAREYN et al, s/d, p. 740-744)</p> |  |

Fonte: Indicada em cada célula da tabela.

Quanto ao barro, os mestres ressaltam que não pode ser utilizado qualquer tipo de terra, mas sim a vermelha ou roxa, que segundo eles, tem aspecto mais “ligento”

ou “de liga”, se referindo à característica argilosa desse tipo de solo, que pela umidade se torna mais fácil de ser manuseado:

“Contano que quando a gente bote ele na parede ele fique né? É... porque se num for, se for uma terra ariscada (se referindo a arenoso) ela num vai ficar... é só pode ser se for o barro “liguento” né? O “caba”(se referindo a cabra, homem) “taca”(arremessa) um bolão de barro e ela fica” (PAI, 2020).

“Contanto que seja um barro bom, vamos supor, um barro de... de liga... um barro que tenha liga porque bota na parede e lá ele fica. Se a gente for fazer o barro com que ele seja “areiento” (para se referir a arenoso) ele não segura, ele desce todinho e é muito trabalho pra gente...” (AGRICULTOR, 2021).

O tipo de solo comumente chamado de vermelho ou roxo, apresenta coloração vermelha escura tendendo ao roxo, com textura bastante argilosa e bastante poroso (SOUZA E LOBATO, s/d, s/n). Outro mestre, o Pedreiro, aponta para o melhor barro como sendo aquele retirado de proximidades de corpos d’água, já que a terra já está molhada ou levemente úmida, e isso conseqüentemente otimiza a construção de casas de taipa.

Quanto às ferramentas utilizadas, foram mencionadas foice, machado e serrote para fazer o corte da madeira; martelo, prego e arame para unir a estrutura de madeira; enxada, picareta, pá e chibanca para extrair o barro do solo e carrinho de mão para carregar o barro; colher de pedreiro para alisar o barro ou algum outro tipo de revestimento, e trena para realizar medições (Figura 72).

Figura 72: Algumas das ferramentas de trabalho.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O mestres também foram questionados³² sobre suas impressões pessoais sobre as casas de taipa, com o intuito de entender quais as percepções que eles tem ou adquiriram ao longo do tempo. Na localidade Pote Seco, o Pai, primeiro entrevistado, afirma não construir mais casas de taipa, por questões de saúde, se dedicando atualmente apenas à agricultura. Quando perguntado se gosta gostava de construir casas de taipa, o mestre afirma que: *“Senhora, as veiz (as vezes) eu só fazia assim, que quando precisava né, a gente precisava né... ou uma pessoa tinha que fazer uma, chamava a gente, a gente ia né...”* (PAI, 2020, p. 5). Denotando que, não partiu de uma vontade própria de construção de casas de taipa de mão, mas sim de uma necessidade, pessoal, familiar ou da vizinhança.

Já quando perguntado se gosta de morar em casa de taipa, o mestre diz ter preferência pela casa de taipa à casas de tijolos de alvenaria cerâmica, pois considera a casa de taipa mais segura;

“É um tijolim atrepado em riba (em cima) do outro, né. Mas as de primeiro tinha como ser mais seguro por que as parede tudo era drobado (dobradas) de fora, só de um tijolo era as de dentro e ainda tinha mais uma coisa, e os tijolo era desse tijolo réi comum, feito em grade. Essas de hoje... taí ó (apontando para a casa de tijolos vizinha) tijolim atrepado em riba (em cima) do outro. Uma coisa dessa num tem segurança. O alicerce num tem pra começar... o alicerce dessa casa aí... num é mais que essa fundura aqui (fazendo as medidas com as mãos)... longe da piçarra³³. Por que casa de tijolo pro camarada fazer como eu vi, quando eu era menino... né, morei num lugar aqui pra baixo... caba (cabra, se referindo a homem) fez um... um fi (filho) dum patrão do meu pai... fez uma casa de tijolo, mas as casas de tijolo de antigamente, era cavado até chegar lá na piçarra. Enquanto não chegava na piçarra, num deixava de cavar não, tinha que ficar na piçarr” (PAI, 2020, p. 5).

O mestre considera portanto que o sistema estrutural de uma casa de taipa é mais forte e resistente que uma casas de alvenaria de tijolos cerâmicos. Também menciona a presença das forquilhas como elementos que oferece segurança à construção. Por fim quando perguntado se ele gosta de morar em casas de taipa, o mestra afirma que sim, e que moraria pelo resto da vida em casas de taipa.

Ainda na localidade Pote Seco, o Filho e sua Esposa deram respostas diferentes quando perguntados se gostavam de morar em casas de taipa, mas concordam com as falas um e do outro. A Esposa afirma que não gosta de morar em

³² Roteiro de entrevista semiestruturada constante no anexo.

³³ Porção do solo firme o suficiente para receber as fundações.

casas de taipa “*Gostar a gente num gosta não, mas a gente num tem condições de comprar outra em outro canto de tijolo, tem que ficar né na que a gente construiu né?*” (ESPOSA, 2020, p.5). Já o Filho conta que gosta de morar em casas de taipa pela segurança, mencionando, assim como o pai, a presença de forquilhas, que conferem segurança a edificação. Além disso cita o conforto térmico, em relação às casas de alvenaria de tijolos cerâmicos, “*É... é bom uma casa de taipa, é ventilado... é bom... é seguro, aqui numa ‘forquia’ (forquilhas) dessa aqui (apontando para o que seriam os pilares da casa), a gente cava uns três ‘palmo’ de ‘fundura’ (profundidade)*” (FILHO, 2020, p.5).

Na localidade seguinte, Vila Nova, o mestre entrevistado, aqui chamado de Jardineiro, quando perguntado sobre suas percepções acerca da casas de taipa afirma que nasceu em casas de taipa e até hoje continua morando, mas que gostaria de não morar mais em casas de taipa, porém não o faz por condições financeiras. Já quando perguntado sobre as vantagens de se morar em uma construção e taipa, afirma, assim como outros mestres, a segurança que esta oferece; “[...] *ela não cai, a casa de taipa, a de tijolo quando cai é tudo numa vez né? [...] o barro vai caindo aos poucos, dá tempo o “caba” sair debaixo*” (JARDINEIRO, 2021, p. 4). Outro assunto que o mestre também comenta é sobre a presença de insetos ou outros animais. Ao ser perguntado sobre a presença desses animais o mestre afirma que costumavam aparecer em maior quantidade, porém atualmente o mestre faz uso de pesticidas para espantar esses insetos.

Na localidade posterior, Poço Verde, o mestre Agricultor afirma que gosta muito de construir e também de morar em casas de taipa, ressaltando mais uma vez o conforto térmico da casa, a depender da altura que foi construída. O mestre também compara casas de taipa de mão e casas de alvenaria de tijolos cerâmicos quanto aos gastos financeiros e trabalho, afirmando que sem assemelham.

Na última localidade investigada, o Engano, o mestre construtor, o Pedreiro, nos informa que mora em Quixadá desde 1980, na mesma localidade, e que aprendeu a construir casas de taipa com os pais. Um aspecto interessante em sua fala é o fato de mencionar nunca ter construído casas de taipa sozinho, mas sempre com várias outras pessoas, como mutirões construtivos; “[...] *A gente fazia a casa aqui mas é ajudando uns aos outros, “tá” entendendo? [...]Várias casas, umas casas dessas daqui, todos foi ajuda uns dos outros*” (PEDREIRO, 2021, p.1). Entende-se que

algumas das casas construídas no Engano se deram a partir da ajuda mútua da vizinhança, já que aqui se percebe as casas bem próximas umas das outras, levando em consideração outras localidades. Ao mestre também foi perguntado se gostava de construir casas de taipa, ele afirma que sim, porém que por problemas de saúde hoje não trabalha mais com isso. Afirma também que gosta de morar em casas de taipa mas que trocaria por causa dos insetos, mas quando questionado se ele encontrava muito insetos em sua propriedade, ele diz que não e que é necessário tomar todos os cuidados.

Todos os aspectos construtivos expostos pelo mestres construtores se assemelham e se diferenciam em algum momentos. As etapas construtivas praticamente não mudam, acrescentando ou tirando alguma etapa, mas todas passam por processos idênticos. Quanto aos materiais construtivos também se repetem, o tipo de terra, é unânime, a preferência pelo barro vermelho ou terra roxa a madeira utilizada nas construções também se repetem ao longo das entrevistas.

Dentro do ensino da arquitetura no Brasil somente é valorizada a arquitetura erudita. Isso se materializa em longas disciplinas sobre a história da arquitetura europeia, cujos princípios dariam o cabedal necessário para que nossa produção pudesse aspirar ao status de uma arte digna. [...] A obsessão em imitar a última moda da arquitetura internacional nos fez esquecer de nosso próprio umbigo. Especialmente quando se trata da arquitetura popular.

Arquitetura popular brasileira - Günter Weimer 2012

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais relevante que a arquitetura em terra seja, fazendo parte da história da humanidade, desde que o ser humano produz suas habitações de acordo com suas necessidades, esta ainda não tem posição de destaque nos estudos no campo da arquitetura. Mesmo quando sua importância é debatida e reconhecida na teoria, nas universidades, nos encontros e seminários com foco na temática, na prática a desvalorização de técnicas construtivas com terra continua. Entendidas como de menor valor quanto a sua forma, função, estrutura e estética, são esquecidas por arquitetos já formados e por aqueles em formação, quando seu ensino é totalmente ignorado em grades curriculares de cursos de arquitetura e urbanismo.

As casas de taipa de mão, ou pau a pique, como são comumente chamadas, constituem um tipo de técnica construtiva que utiliza a terra como matéria-prima construtiva. Essa arquitetura está presente em várias regiões do país, com uma quantidade bastante expressiva no nordeste brasileiro, como no caso de Quixadá, cidade localizada no interior do estado do Ceará, com grandes áreas rurais, por onde é possível encontrar várias pequenas localidades com casas de taipa de mão construída. É comum passar por essas áreas rurais de cidades do interior nordestino e encontrar aglomerações de casas de taipa de mão, o que Lucio Costa, em 1937, se refere como “o chão que continua”. Uma categoria de construção que utiliza a terra, após molhada e amassada com as mãos e pés, e a madeira coletada de mata próxima, para erguer paredes que se tornarão casas.

A situação em relação às casas de taipa de mão levantam discursos antagônicos. O primeiro deles está relacionado com a imagem atrelada às construções em taipa. A taipa apresentada nas notícias de jornais, outros veículos de informação e pesquisas está atrelada à problemas habitacionais e de saúde pública, sendo constantemente associada à Doença de Chagas. Além de muitas vezes não ser considerada arquitetura, não de hoje, há uma imagem construída em torno das casas de taipa, relacionando-as com pobreza, insalubridade, baixa durabilidade e insegurança, contribuindo ainda mais para a sua marginalização e conseqüentemente a substituição e desaparecimento.

No entanto, esta imagem não é totalmente infundada, embora ela também não seja uma verdade. Famílias vivendo em condições de vulnerabilidade, principalmente

em áreas rurais, recorrem à essa técnica construtiva como único meio de ter uma moradia que possa suprir minimamente suas necessidades básicas. É possível perceber, nos discursos de alguns moradores e mestres construtores, que as condições financeiras os forçam a morar em casas de taipa de mão, muitas vezes desde o nascimento até o fim da vida.

Além disso, as campanhas de substituição das casas de taipa vinculadas ao aumento do número de casos de doença de Chagas em moradores de habitações tidas como precárias no Brasil, reflete até hoje nas falas dos moradores. Quando perguntados sobre as desvantagens de se morar em casas de taipa, alguns moradores apontam a presença de insetos como algo negativo. Porém, quando perguntados se já avistaram algum animal desse tipo em suas casas, afirmam raramente terem presenciado isso, e cuidam bem da limpeza da casa. Isso confirma mais uma vez, que as campanhas contra doenças “surtiram efeito” em marcar o imaginário das pessoas sobre os malefícios de se morar em casas de taipa, e por mais que não seja mais algo tão recorrente, ainda está presente. Todo esse cenário em relação à taipa se junta com a também estereotipada visão sobre o nordeste. O imaginário reforçado durante muito tempo, e que perdura, é de cidades interioranas como reduto de pobreza, seca e baixo desenvolvimento social e econômico.

O outro discurso está relacionado com a história da arquitetura e com a cultura. Desde as primeiras civilizações o ser humano encontra formas de construir suas casas e cidades. A terra, como material abundante no planeta, está presente em todos os lugares e foi a alternativa para construir seus abrigos, templos, monumentos ou cidades inteiras. A forma que a terra é utilizada como material construtivo, variou e continua variando de lugar para lugar, se adaptando às necessidades de cada povo, aos saberes de cada povo e à fusão com outros materiais disponíveis, como no caso da madeira e alguns tipos de vegetações. Então, além de ser a forma de habitar, de maneira minimamente segura, algum espaço, os moradores e construtores desenvolveram, adaptaram e disseminaram técnicas construtivas com seus familiares e vizinhança.

Esse movimento constitui o que chamamos aqui de saberes e fazeres construtivos. Diferentemente do primeiro ponto de vista apresentado, aqui os moradores e mestres afirmam que gostam de morar em casas de taipa. Quando perguntados sobre as vantagens de se morar em casas de taipa falam sobre o

conforto térmico, a segurança, o barateamento e rapidez da construção. Aliado a isso, a forma como esses ensinamentos são repassados representa aspectos culturais de determinada comunidade. Pesquisadores, institutos e associações de âmbito nacional e internacional apontam há muito tempo para o caráter respeitoso e sustentável de construções vernaculares ou populares com seus entornos, não só de casas de taipa, mas de outras manifestações arquitetônicas espalhadas pelo mundo.

Se deparando com esses dois pensamentos acerca da arquitetura popular, aqui em específico sobre as casas de taipa de mão, não deveria ser possível e também não é coerente assumir apenas um dos lados como verdade. É necessário, e urgente, entender as dinâmicas locais que levaram pessoas à pobreza e exclusão socioespacial, resultando nas casas de taipa como única solução habitacional viável. Mesmo que não seja objetivo desta pesquisa entender como as pessoas passaram a morar em casas de taipa de mão, entende-se como preocupante que isso seja associado apenas à pobreza.

Por outro lado, é importante compreender como as pessoas se relacionaram e se relacionam com o contexto espacial em que vivem, como produzem, como constroem e que vínculos firmam com essas casas de taipa. Desde um “Aprendi com os meus pais” à “Ensinei aos meus filhos, vizinhos e esposa” muitas transformações acontecem, muitas coisas se adaptam, a terra muda, a madeira que antes era abundante hoje não é mais, mas algumas coisas também continuam, os ensinamentos, as etapas construtivas, o tipo de material que será melhor aproveitado em cada parte da construção, em cada parte da casa.

Assim, acreditando que as casas de taipa de mão como exemplares de uma arquitetura popular, são objetos tão complexos, refirma-se a necessidade de sua identificação, investigação, documentação e divulgação, por pesquisas acadêmicas e até mesmo através das conversas que se estabelece com moradores e mestres construtores, os principais agentes responsáveis por essa arquitetura. Com isso entende-se que o objetivo principal desta pesquisa foi alcançado, já que foi possível produzir um inventário que localize, apresente e documente a situação das casas de taipa de mão de áreas rurais do município de Quixadá atualmente.

Com o inventário foi possível traçar um panorama das casas de taipa de mão de quatro localidades do município de Quixadá, Pote Seco, Vila Nova, Poço Verde e Engano, quanto aos seus aspectos construtivos, ou seja, materiais, mas também

quanto aos seus aspectos imateriais, expressos nos saberes e fazeres repassados através da oralidade e do trabalho em comunidade. É possível perceber uma coerência quanto as etapas construtivas elencadas pelos mestres, embora arquitetonicamente haja pequenas variações, de localidade para localidade, sempre se adaptando ao contexto, embora ele pouco varie. O contato estabelecido através das pesquisas de campo para compor o inventário, denota as relações das pessoas com suas casas, seus familiares, suas vizinhanças e também as relações que a zona rural estabelece com a zona urbana, apresentadas quando nesta pesquisa se fala sobre o contexto de Quixadá.

Além disso, foi possível conhecer as impressões que as pessoas têm e que construíram sobre casas de taipa de mão, refletida nas suas falas quando afirmam que “Não gostam de morar em casas de taipa”, ou quando revestem apenas as fachadas principais com algum outro material (tornando até difícil reconhecer casas de taipa ou casa de alvenaria de tijolos cerâmicos), seja para conservar a taipa (resultando em um maior número de casas em bom estado de conservação) ou para escondê-la. Também foi possível entender, acolher e respeitar quando os moradores se recusavam a dar informações por medo ou receio de lhes tirassem seu único bem, ou perguntam à pesquisadora se ela pertence à algum órgão governamental, que será responsável pela substituição das casas de taipa de mão, ou quando convidam para adentrar em suas casas para conhecer melhor como funcionam as técnicas construtivas.

É impossível chegar ao final de uma pesquisa e não recordar as maiores dificuldades que a atravessaram. Algumas se mostraram persistentes ao longo do processo. O primeiro desafio consiste em pesquisar ou produzir conhecimento sobre cidades do interior do estado do Ceará. Por mais que a cidade de Quixadá, demonstre certa relevância no contexto regional e até mesmo estadual, isso não quer dizer que existem muitos dados, principalmente no campo da arquitetura, ao qual esta pesquisa se dedica. As produções de conhecimento sobre essa e várias outras cidades, fora de regiões metropolitanas ou capitais, ainda são pontuais, mas demonstram o esforço de pesquisadores e universidades. O segundo desafio, a pandemia por Covid-19. Como já explicitado anteriormente, a pandemia forçou a adaptação, e em vários momentos a paralisação das atividades referentes às pesquisas, ainda mais em se tratando de pesquisas que precisam estabelecer uma relação com o campo e com as pessoas.

Por fim, continua-se reafirmando a necessidade de se incluir cada vez mais a arquitetura popular nos currículos de arquitetura e urbanismo, e não reduzi-las apenas às construções de caráter provisório e únicas alternativas de moradia. Pelo contrário, a arquitetura popular tem muito a ensinar sobre relação de respeito com a natureza, sustentabilidade, resistência, tradições e cultura local.

8. REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AGRICULTOR. **Entrevista Mestre “Agricultor”**. Entrevista concedida a Stephane de Sousa e Silva Maia, Quixadá 2021.
- ALBUQUERQUE, Ana Maria. **TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA: O ESTADO DO CEARÁ/BRASIL NO SÉCULO XVIII**.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FNJ, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ARAGÃO, Solange. **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX** [livro eletrônico]/ Solange de Aragão – São Paulo: Blucher, 2017.
- ARAÚJO, SMS de. **A região semiárida do nordeste do Brasil: questões ambientais e possibilidades de uso sustentável dos recursos**. Rios Eletrônica-Revista Científica da FASETE, v. 5, n. 5, p. 89-98, 2011
- ASA. ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO. **Página inicial**. Disponível em: <<https://www.asabrasil.org.br/>>. Acessado em 30 de agosto de 2021
- ASSENTAMENTO no Brasil. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra12784/assentamento-no-brasil>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 16814: Adobe – requisitos e métodos de ensaio**. 23 de janeiro de 2020. Disponível em: <abnt.catalogo.com.br/norma.aspx?ID=436212>. Acessado em: 24 de abril de 2020.
- ARQPOP. Arquitetura popular: espaços e saberes. **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.arqpop.arq.ufba.br/apresentacao>> Acessado em 15 de junho de 2020.
- BARROSO, Gustavo. **Os criadores da civilização do couro**. Rio de Janeiro, 1956.
- BASILE, S. Reflexiones en el marco del patrimonio arquitectónico en tierra: tutelar, conservar y restaurar el patrimonio modesto. **Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas. Mario J. Buschiazzo**, v. 48, n. 1, p. 15–30, 2018.
- Bonduki, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos** / Nabil Bonduki. – Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2010.

BRONNER, S. J. **Building tradition, control and authority in vernacular architecture**. In:

ASQUITH, L.; VELLINGA, M (1a Ed.). *Vernacular Architecture in the Twenty-First Century*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **Vernacular**. Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/vernacular>> Acessado em 18 de março de 2020.

CARDOSO, Daniel Ribeiro. *Desenho de uma Poiesis. Fortaleza. Expressão Gráfica e*, 2008.

CARVALHO, Paulo Ernani R. Circular Técnica. **Marmeleiro-Bravo**. EMBRAPA, Colombo, PR, dezembro, 2006. Disponível em:

<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/303961>>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2022.

CARVALHO, Paulo Ernani R. Circular Técnica. **Pau-Branco-do-Sertão (Auxemma oncocalyx)**. EMBRAPA, Colombo, PR, outubro 2008.

CASA DE FAZENDA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural**, 2022. Disponível

em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14459/casa-de-fazenda>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CASTRIOTA, Leonardo Barci; DE SOUSA, Vilmar Pereira. Um inventário das técnicas construtivas tradicionais brasileiras. **Revista Memória em Rede**, v. 7, n. 12, p. 85-100, 2015.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

COELHO, Jorge. **As secas do Nordeste e a indústrias das secas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CORDEIRO, C. C. M. et al. Construções vernáculas em terra: perspectiva histórica, técnica e contemporânea da taipa de mão. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, v. 10, 2019.

COPETE, Yeison Arcadio Meneses. **Oralidad, Escritura y Producción de Conocimiento: Comunidades de “pensamento oral”, el lugar de los etnoeducadores y la etnoeducación**. In: *Revista Praxis*, vol. 10, janeiro-dezembro 2014, p. 119-133, ISSN: 1657-4915

CORREIA R. **Vila nova do campo maior do Quixeramobim**. Atlas digital da América lusa. Disponível em:

<http://lhs.unb.br/atlas/Vila_Nova_do_Campo_Maior_de_Quixeramobim>. Acessado em: 25 de novembro de 2021.

COSTA, L. Documentação necessária. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 1, p. 31–39, 1937.

COSTA, João Eudes Cavalcante. **Retalhos da História de Quixadá**. ABC Editora, Fortaleza, 2002, 602p.

CRATerre. **Présentation - Architecture de terre dans le monde**. Disponível em: <<http://craterre.org/>>. Acessado em 20 de maio de 2020.

CUNHA, George. O ALGODÃO NA ECONOMIA DA PROVÍNCIA DO CEARÁ DURANTE O SÉCULO XIX: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA IMPORTÂNCIA. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 3, n. 47, 2021.

DECLARAÇÃO, DO SEMI ÁRIDO. **Propostas da articulação no semi-árido brasileiro para a convivência com o semi-árido e combate à desertificação**. 1999.

DICIONÁRIO MICHAELLIS. **Vernáculo**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vern%C3%A1culo/>> Acessado em 18 de março de 2020.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Um sertão entre tantos outros: fazendas de gado nas Ribeiras do Norte**. 2013. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-02072013-120148/pt-br.php>>.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa agropecuária. **Região Nordeste**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/contando-ciencia/regiao-nordeste>>. Acessado em 29 de agosto de 2021.

FRANKE, Lisa Nathalie. **Arquitetura contemporânea em terra: modos de ver e de fazer**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade do Porto, Portugal, 2017.

FERNANDES M. 2008. **A taipa no mundo**. 6º Seminário de Arquitectura em Terra em Portugal. In: digitAR, nº 1, 2013, p. 14-21.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQs)** PUBLICADA NO DOU DE 15/06/2021. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?page_id=37551>. Acessado em 19 de dezembro de 2021.

FUNASA. Fundação Nacional de Saúde. **Elaboração de projeto de melhoria habitacional para o controle da doença de chagas** / Fundação Nacional de Saúde. — Brasília, 2013

FUNES, Eurípedes Antônio. **Negros no Ceará**. In: Uma nova história do Ceará. DE SOUZA, Simone (org.). 3. ed. Fortaleza: [s. n.], 2004. cap. Negros no Ceará, p. 103-134.

FILHO E SUA ESPOSA. **Entrevista Mestres “Filho e sua esposa”**. Entrevista concedida a Stephane de Sousa e Silva Maia. Quixadá, 2020.

GARCIA, Alberto Calla. **La Construcción com tierra em la cultura andina**. In: Anais Seminário Ibero-Americano de Construção com Terra. Salvador. 2002. Edit. C. Neves; C. Santiago. Salvador: Projeto PROTERRA, 2002.

GERHARDT, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs). (2009). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRALDELLI, Mariana Aparecida. **Construção com Terra: Breve Histórico e Técnicas**. Ensaios e Ciências, [s. l.], v. 24, ed. 4, p. 357-364, 2020.

HAIASHIDA, K. A. **Quixadá: Centro Regional de Convergência e irradiação da educação superior**. [s.l.] Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, CE: p. 370, 2014.

HOUBEN, Hugo; GUILLAUD Hubert. **Traité de construction en terre**. 1989.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Domicílios particulares permanentes, por tipo de material das paredes externas**. 2022. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3390#resultado>>. Acessado em: 9 de janeiro de 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Localidades, 2010**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/27385-localidades.html?=&t=o-que-e>>. Acessado em: 20 de outubro de 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades: Quixeramobim**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/quixeramobim/historico>>. Acessado e 20 de outubro de 2021.

ICOMOS. International Council on Monuments and Sites. **Página inicial**. Disponível em: <isceah.icomos.org> e <ciav.icomos.org/category/about-us/>. Acessado em 24 de abril de 2020.

INRC. Inventário nacional de referências culturais : **Manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

INRC. Inventário Nacional de Referências Culturais. **Página inicial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>>. Acessado em 03 de setembro de 2021.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia do Ceará. **Perfil das Regiões de Planejamento – Sertão Central, 2016**. Disponível em: http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/2016/Perfil_Regional_Sertao_Central2016.pdf>. Acessado em: 17 de janeiro de 2020.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). IPECEDATA: **Perfil Regional do Sertão Central**. 2020. Disponível em: <<http://ipecedata.ipece.ce.gov.br/ipece-data-web/module/perfilregional.xhtml>>. Acesso em: 4 nov. 2020.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia do Ceará. **Regiões de planejamento do Ceará**. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Regioes_Planejamento.pdf>. Acessado em 19 de setembro de 2021

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia do Ceará. **A questão dos limites municipais do estado do Ceará**, IPECE, 2012. In.: Pontes, Lana Mary Veloso de. Formação do Território e Evolução Político-Administrativa do Ceará: A Questão dos Limites Municipais / Lana Mary Veloso de Pontes. Fortaleza: IPECE, 2010. 92p. Disponível em: < https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2015/02/QUESTAO_LIMITES_MUNICIPAIS_CEARA.pdf>. Acessado em 22 de setembro de 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial**. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/687>> Acessado em 02 de março de 2020.

ISPN. INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. **Caatinga – Convivência com o Semiárido**. Disponível em: <<https://ispn.org.br/biomas/caatinga/convivencia-com-o-semiarido/>>. Acessado em 30 de agosto de 2021

JARDINEIRO. **Entrevista Mestre “Jardineiro”**. Entrevista concedida a Stephane de Sousa e Silva Maia, Quixadá 2021.

JUCÁ, Clovis Ramiro. **A urbanização do Ceará setecentista** - As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati/ Clovis Ramiro Jucá Neto; Orientador: Prof. Doutor Pedro de Almeida Vasconcelos - Salvador: UFBA, 2007. 531 p.

JUCÁ, Clovis Ramiro. **Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense: algumas notas**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 20, p. 133-163, 2012.

LOPES, Wilza Gomes Reis et al. A taipa de mão em Teresina, Piauí, Brasil: a improvisação e o uso de procedimentos construtivos. **digitAR-Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes**, n. 1, 2013.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: Usos e Abusos da História Oral. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (organizadoras) 8ª Edição, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3xOHCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=historia+oral&ots=O9RBosK6q6&sig=f_FAIDCMRuJNSNpHIN-n0y6TUmo#v=onepage&q&f=true> Acessado em 20 de fevereiro de 2020.

MAIA, Stephane de Sousa e Silva; FONSECA, Daniele Baltz da. **Onde está a arquitetura popular? Proposta metodológica para mapeamento de casas de taipa no interior do Ceará**. In: Anais do Seminário Arquitetura Vernácula/Popular. Anais...Salvador(BA) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/arqvernpop/387791-ONDE-ESTA-A-ARQUITETURA-POPULAR-PROPOSTA-METODOLOGICA-PARA-MAPEAMENTO-DE-CASAS-DE-TAIPA-NO-INTERIOR-DO-CEARA>>. Acesso em: 13/03/2022.

MARTINS, Sandra Cristina Fernandes; ROSSIGNOLO, João Adriano. **Fichas de inventário: SICG (SISTEMA INTEGRADO DE CONHECIMENTO E GESTÃO) DO IPHAN—ESTUDO DE CASO EM PATRIMÔNIO RURAL**. digitAR-Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes, n. 1, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1996.

NITO, Mariana Kimie da Silva; AMORIM, Anália M. M. C. Sistemas construtivos em terra crua: panorama da América Latina nos últimos 30 anos e suas referências técnicas históricas. In: **Revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade**, n. 1, p. 11-19, São Paulo 2015.

NOGUEIRA, Gabriel Parente. **Habitus e habitação: A precarização ideológica da taipa de sebe no Brasil**. Orientador: Griselda Pinheiro Klüppel. 2017. 317 f. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLIVER, Paul (Ed.). **Encyclopedia of vernacular architecture of the world**. Cambridge University Press, 1997.

OLENDER, Mônica Cristina Henriques Leite. **A Técnica do Pau-a-pique: subsídios para sua preservação**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2006. 119 p.

OLIVER, Paul. **Built to meet needs: Cultural issues in vernacular architecture**. Routledge, 2007.

OLIVER, Paul. **Arquitetura vernacular, arquitetura de terra e suas potencialidades sob o criterioso olhar do arquiteto inglês Paul Oliver**. Rosana Parisi e Ana Cristina Villaça. Entrevista Vitruvius, Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/09.035/3285?page=7>>.2008. Acessado em: 13 de março de 2021.

PAI. **Entrevista Mestre “Pai”**. Entrevista concedida a Stephane de Sousa e Silva Maia, Quixadá, 2020.

PAREYN, Frans G. C.; ARAÚJO, E. L.; DRUMMOND, M. A.; MIRANDA, M. J. A. C.; SOUZA, C. A.; SILVA, A. P. S.; BRAZOLIN, S.; MARQUES, K. K. M. Plantas para o futuro – Região Nordeste. **Myracrodruon urundeuva (Aroeira)**. p. 766 – 772.

PAREYN, Frans G. C.; ARAÚJO, E. L.; DRUMMOND, M. A. Plantas para o futuro – Região Nordeste. **Anadenanthera colubrina (Angico)**. Capítulo 5 – Madeireiras. p. 740 – 745.

PEDREIRO. **Entrevista mestre “Pedreiro”**. Entrevista concedida a Stephane de Sousa e Silva Maia, Quixadá, 2021.

PEREIRA, A. Q. **O Centro Urbano de Quixadá**. Quixadá, CE: Secretária Municipal de Quixadá, 2010.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Hierarquia urbana no sertão central cearense. **Boletim Goiano de Geografia**, p. 109-125, 2012.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; DE OLIVEIRA VOLPATO, Marcelo. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença**. Líbero, n. 24, p. 139-152, 2009.

PINHEIRO, Francisco José. **Mundos em Confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território**. In: Uma nova história do Ceará. SOUZA, Simone (org.). 3. ed. Fortaleza: [s. n.], 2004, p. 17 - 54.

PISANI, M. A. J. Taipas: a Arquitetura De Terra. **Revista Sinergia**, n. Janeiro, p. 1–8, 2004.

PONTES, Emílio Tarlis Mendes. **Transições paradigmáticas: do combate à seca à convivência com o semiárido nordestino, o caso do programa um milhão de cisternas no município de Afogados da Ingazeira PE**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 180 p.

RAPOPORT, A. **House Form and Culture**. 1. ed. Englewood Cliffs - USA: Prentice Hall Inc., 1969.

REDE PROTERRA. Rede Ibero-americana de Arquitetura e Construção com Terra. Página inicial. Disponível em: <<https://redproterra.org/pt/sobre-proterra/>>. Acessado em 30 de abril de 2020.

RIBASKI, Jorge. Comunicado Técnico – **Sabiá (Mimosa caesalpiniaefolia)**. EMBRAPA. ISSN 1517-5030, Colombo, PR, Dezembro, 2003, p. 1 – 4. Disponível em: https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPF-2009-09/35565/1/com_tec104.pdf> Acessado em: 10 de fevereiro de 2022.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Tradição oral e patrimônio imaterial: o papel da memória na luta por políticas públicas na Comunidade de Canárias, Maranhão**. In: Revista Resgate- Vol. XXI, 25/26 – jan-dez. 2013, p. 7-16. Disponível em: <
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645749/13048>>
Acessado em 01 de março de 2020.

RUBINO, S. Lúcio Costa E O Patrimônio Histórico E Artístico Nacional. **Revista USP**, n. 53, p. 6, 2002.

SAMEH, Sherin H. **Promoting earth architecture as a sustainable construction technique**. In Egypt. Journal of cleaner production, v. 65, p. 362-373, 2014. DOI:<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2013.08.046>

SANT'ANNA, Marcia. **Arquitetura popular: espaços e saberes**. Políticas culturais em revista, v. 6, n. 2, p. 40-63, 2013.

SANTOS, L. N.; VIEIRA, M. E. DOS S.; CASTELO, S. C. **Construindo Quixadá**. IPHAN-Mi ed. Fortaleza: [s.n.].

SENA, Liana Mara Mendes de. **Conheça e Conserve a Caatinga - O Bioma Caatinga**. Vol. 1. Fortaleza: Associação Caatinga, 2011. 54p.

SEPLAG. Secretaria de Planejamento e Gestão. **Plano de Desenvolvimento Plurianual 2020-2023**. Disponível em: <<https://www.seplag.ce.gov.br/planejamento/menu-plano-plurianual/ppa-2020-2023/>>. Acessado em 16 de abril de 2021.

SOUSA, J. B. DE. **Quixadá de Fazenda a Cidade: 1755-1955**. [s.l.] Instituto do Ceará, 1960.

SOUSA, Samuel A. Miranda. **Centralidade no sertão cearense: uma perspectiva a partir do comércio em Quixadá-CE**. In: Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana – XVI SIMPURB, v. 1, 2019, p. 3994 – 4011.

SICG. **Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão**. Página inicial. Disponível em: <<https://www.iphan.gov.br/montarPaginaSecao.do;jsessionid=E7516BB5B3722561BD37964389E35398?id=14897&retorno=paginalphan>>. Acessado em 02 de setembro de 2021

SILVA, Roberto Marinho A. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido**. In: Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n.1/2, p.361-385, jan./dez. 2003

SILVA, Pedro Felipe. **Resistência indígena Borum**: a carta régia de 13/05/1808 e a instrumentalização da violência como forma de colonização indígena. Anais do 30º Simpósio Nacional de História : História e o futuro da educação no Brasil., Recife, 2019

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernando Peixoto. **A pesquisa científica**. In: Métodos de pesquisa, Organização GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SMITH, Robert C. Arquitetura Civil no período colonial. In: Arquitetura Civil I. São Paulo: FAU-USP e MEC-IPHAN, 1975, P. 95-190 In: OLENDER, M. C. H. L. **A técnica do Pau-a-pique: subsídios para a sua preservação**. 2006, 94 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SOBRINHO, Thomas Pompeu. **Alguns aspectos da geografia humana cearense**. Revista do Instituto do Ceará, **ANNO LIV – 1940**.

SOUZA, Djalma Martinhão G.; LOBATO, Edson. **Terra roxa estruturada / nitossolo vermelho**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia16/AG01/arvore/AG01_98_10112005101957.html>. Acessado em 16 de fevereiro de 2022.

TEIXEIRA, Claudia Mudado. Considerações sobre a arquitetura vernácula. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 15, n. 17, p. 28-45, 2008.

TICLE, M. L. S.; REZENDE, M. A. P. Nova história e Arquitetura vernácula: Diálogos. **Arquiteturarevista**, v. 14, n. 2, p. 115–123, 2018.

TORGAL, P.; EIRES, R.; JALALI, S. **Construção em Terra**. TecMinho ed. Braga - Portugal: Publidisa, 2009.

VALERY, Françoise Dominique. **Arquitetura vernacular e produção da habitação popular**. RevistaMódulo, Belo Horizon-te, v. n.esp., p. 33-45, 1985.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 1979.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. 1ª Reimpr. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. A cidade e o urbano no Brasil. O tamanho das cidades e a criação de novos municípios. Elementos para uma discussão teórica e legal. In: **Pixo**. Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade. Pequenas Cidades I. Nº 5, vol. 19, 2021. Revista digital disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/index>. Pelotas: Ed. UFPel, 2021. ISSN 2526-7310. DOI: <https://doi.org/10.15210/pixo.v5i19.20847>. p. 412 - 435.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira**. 2^a ed., São Paulo, Martins Fontes, 2012.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE FICHA DE INVENTÁRIO DE CAMPO

| IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO | |
|--|---|
| Localidade: | |
| Coordenadas Geográficas: | |
| Código Identificador: | |
| Contexto: | <input type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural |
| Proprietário: | |
| Moradores: | |
| Uso: | <input type="checkbox"/> Residencial <input type="checkbox"/> Comercial <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Sem uso |
| Imagens: (Gerais, de elementos da paisagem de destaque, detalhes do bem) | *Espaço ao final da ficha* |
| Dados complementares: (Informações históricas, outros saberes e fazeres agregados que foram informados) | |

| CONTEXTUALIZAÇÃO | |
|---|--|
| Planta/Croqui/Imagens da implantação no terreno: | |
| Edificações na propriedade: (Para o caso de haver uma casa sede e outras secundárias) | |
| Atividade econômica: (Original e atual; e se desenvolvida no mesmo terreno da casa ou não) | |
| Informações complementares: (Tudo aquilo que for informado e considerado importante) | |

| CARACTERIZAÇÃO EXTERNA | |
|--|---|
| Tipologia: (Apontar características como posição de porta e janela, presença ou não de alpendre, caimento das águas do telhado) | <input type="checkbox"/> Civil |
| Imagens/Croquis das fachadas: | |
| Topografia do terreno: | <input type="checkbox"/> Plano <input type="checkbox"/> Em aclave <input type="checkbox"/> Em declive <input type="checkbox"/> Inclinado <input type="checkbox"/> Acidentado |
| Época da Construção: | |
| Uso original e atual: | |
| Nº de pavimentos: (Se houver) | |
| Descrição arquitetônica: (Técnica construtiva, estruturas, materiais, acabamentos de paredes externas, cobertura, aberturas e elementos integrados) | |
| Informações complementares: | |

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

| | |
|-----------------------------|--|
| IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA | |
| Entrevistador: | |
| Data: | |

| | |
|---------------|--|
| LOCALIZAÇÃO | |
| Município/UF: | |
| Localidade: | |

| | |
|--|---|
| DENOMINAÇÃO | |
| Denominação do bem cultural: | Saber fazer construtivo das casas de taipa de mão |
| Denominação mais frequente (usual pelos construtores e moradores): | Casa de taipa |

| | |
|--|--|
| IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO: | |
| Nome: | |
| Sexo: | |
| Ocupação: | |
| Onde nasceu (Município/UF): | |
| Desde quando mora na localidade (Ano): | |

| | |
|--|--|
| RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO | |
| Com quem aprendeu a construir casas de taipa de mão: | |
| Quando começou a construir: | |
| Quantas casas de taipa de mão já construiu: | |
| Ainda constrói casas de taipa de mão: | |
| Ensina ou já ensinou alguém a construir casas de taipa de mão: | |
| Pretende continuar construindo ou ensinando casas de taipa de mão: | |
| As pessoas te chamam para construir casa de taipa de mão: | |
| Outros dados biográficos relevantes: | |

| | |
|---|--|
| DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE | |
| Quais as etapas para construir uma casas de taipa de mão: | |
| Tem ajuda para construir as casas de taipa de mão: | |
| Quais os materiais que são utilizados: | |
| Qual o melhor tipo de terra e de madeira: | |
| Como a terra é preparada: | |
| Como a madeira é preparada: | |
| Quais instrumentos ou ferramentas utiliza: | |
| O que é importante para construir uma casas de taipa de mão: | |
| Quanto tempo leva para uma casa de taipa de mão ficar pronta: | |

| | |
|---|--|
| PERCEPÇÃO DO MESTRE SOBRE A ATIVIDADE: | |
| Gosta de construir casas de taipa de mão: | |
| Gosta de morar em casas de taipa de mão: | |

| | |
|------------------------|--|
| Quais as vantagens: | |
| Quais as desvantagens: | |

| | |
|---|--|
| IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS MESTRES | |
| Quem mais pode informar sobre esta atividade: | |

| | |
|------------------------------------|--|
| REGISTRO FOTOGRÁFICO E AUDIOVISUAL | |
| Gravação (tempo de duração): | |
| Fotografia: | |

APÊNDICE C – ENTREVISTAS

1 - ENTREVISTA MESTRE “PAI”

Entrevistado: “Pai”

Entrevistadora: Stephane de Sousa e Silva Maia

Data: Dia 06 de março de 2020

Local: Quixadá, Ceará, Localidade Pote Seco

Método de entrevista: Gravado a partir do aplicativo de gravação de um aparelho celular

Duração: 11 minutos e 21 segundos

Entrevistadora: *“Pai” qual o nome completo do Senhor?*

Pai: *Nome do entrevistado suprimido*

Entrevistadora: *Onde foi que o senhor nasceu?*

Pai: Eu nasci no distrito de Aratuba... Lá no pé da serra... Num lugarzim chamado “pajão” (risos)

Entrevistadora: *E quando foi que o senhor veio morar em Quixadá? O senhor lembra?*

Pai: Eu vim ... (pausa) Pra cá mermo eu vim em 86. Mas antes disso, eu era solteiro ainda, aí meu pai arrumou morada aqui pra gente lá de salgadim, lá... fica perto do Banabuiú. Fica assim ramo dizer... Ente o Banabuiú e o Quixeramobim né. Aí, a gente passou uns três anos por lá voltemo de novo paculá pra trás, lá pra perto de Caio Prado. Passemos outro 2, 3 ano aí, voltemo de novo, fumo morar notro lugarzim que tem pra cá do salgadim, mas ficando vizim. Aí lá nós passemos, eu passei 9 ano lá, de lá eu saí vim aqui pro, alí pra perto da Juatama, um lugarzim que tem chamado ... é o São Caetano, ainda fica do São Caetano pra cá um pouquim, lá no lurgarréi chamado um nome véi fei, viado (risos). Aí de lá foi que eu vim pra cá, em 86 eu cheguei aqui, em dezembro de 86.

Entrevistadora: *Aí desde então o senhor mora aqui?*

Pai: Tá com esse tempo que eu moro aqui... tá com uns 34, 35 ano por aí.

Entrevistadora: *E o senhor trabalha com o que hoje em dia? Trabalha plantando?*

Pai: Eu trabaio na agricultura mesmo, toda vida trabaiei (trabalhei) na agricultura.

Entrevistadora: *E aí agora eu vou te perguntar sobre as casas certo. (se referindo às casas de taipa)*

Entrevistadora: *Com quem foi que o senhor aprendeu a construir as casas?*

Pai: Construir a casa de taipa? Eu aprendi com um irmão meu, mais velho.

Entrevistadora: *E o senhor lembra quando foi que vocês começaram a aprender? Como foi que começou a construir...*

Pai: Eu comecei a aprender ali na na na faixa de 74. E ele já fazia né, e eu trabaiano mais ele, nós se juntemo no lugar, ai ele trabaiaava né e eu trabaiano marrele, aí eu fui... indo...fui e aprendi fazer, levantar casinha véa de taipa né.

Entrevistadora: E ele ainda é vivo? Ainda mora aqui?

Pai: Não sei senhora. Eu não sei dizer, por que eu ouvi... eu sube (soube) de uma notícia ruim, rá (já) faz tempo, que disse que ele tinha morrido, e tombém (também) daí pra cá, de de dessa época de... ramo dizer por alí de 84 pra cá, eu num sei mais... eu num dou noticia dele mais não.

Entrevistadora: O senhor tem mais ou menos na cabeça quantas casas de taipa o senhor já construiu?

Pai: Aqui? Sim, que eu fiz... (pausa) Rapaz aqui mermo... (pausa)

Entrevistadora: Ou assim na vida?

Pai: Posso dizer que essas que tem aqui tudo fui eu (apontando para as casas dentro do cercado).

Entrevistadora: Então... (interrompida)

Pai: Aqui dentro do, dentro do coisa aqui tem, tem, são seis né, que tem aquela... Não, são cinco, e tem aquela de tijolo, e tem essa ôta (outra) aqui. Aí são sete casa aqui desse lado. E cinco de taipa.

Entrevistadora: E ali do outro lado também?

Pai: E ali do outro lado... eu alevantei aquela dali que tá só a madeira em cima né... e... (pausa) e daí pra cá foi só isso mesmo. Aquelas outras ali já foi outras pessoas.

Entrevistadora: Mas o senhor ainda constrói casa de taipa né? Ou só de vez em quando?

Pai: (Risos) Só se for uma coisa muito precisa, né por que já sou uma pessoa que num tem mais saúde né e já sou operado, num posso mais ta pegando muita coisa pesado né.

Entrevistadora: Tem gente que vem aqui chamar o senhor pra construir casa ainda ou não?

Pai: Não, por enquanto, depois que eu levantei essas aqui... Não perai, eu levantei uma acolá em cima, deixa eu ver se foi uma... foi uma aqui outra bem ali, daquele outro lado, duas ali "pa riba" (para cima). Com seis que tão aqui são oito.

Entrevistadora: E aí assim, queria saber agora (interrompida)

Pai: Não com seis não, com cinco, são sete. Uma conta de mentiroso mas é o jeito (risadas). É sete.

Entrevistadora: Aí eu queria saber agora, como é que o senhor faz pra começar a construir, tipo assim, o que é que faz primeiro? O senhor marca um terreno? Se eu faço a fundação?

Pai: Do negócio da casa?

Entrevistadora: Exatamente, como é que o senhor faz.

Pai: A gente faz o... A gente alimpa (limpa) o canto, depois daí a gente marca, o canto da casa, marca os buraco e daí vai cavar depois vai levantar madeira.

Entrevistadora: Vai colocando a madeira nesse... (interrompida)

Pai: Vai levantando a madeira... vai... bota primeiro a cumiera né, ai depois vai dando a queda d'água prum lado e pro outro.

Entrevistadora: E tem alguém que ajuda o senhor a construir a casa? Assim, alguma pessoa que ajude assim, geralmente.

Pai: É alguma vez eles me ajudam né, mas a maior parte, que eu já era no tempo que eu era mais novo, tinha mais saúde, eu levantava era só mesmo. Era só e Deus. Pelo menos essa daí, que tem aí, quando eu cheguei de morada aqui, aquela dali era aqui, ente (entre) essas duas. Aí a bicha já era muito velha pegou cair aí eu fui com o meu menino que era mais velho, trabaiava lá no Cedro, com negócio de galinha, aí a bicha réa pegou caiu no inverno. Aí o menino foi pra lá, acabar um dia, tinha caído duas parede doutro lado de lá. Aí eu disse: Batista diz lá o seu Roberto que, que eu vou levantar a casa, vou tirar essa casa véa daqui, que a bicha tá em ar de matar nós. Já caiu... já hoje amanheceu duas parede no chão. Aí ele foi, quando chegou lá ele disse, aí ele foi mandou dizer pra mim que se eu me atrevesse, eu podia tirar e botar pra outro canto. Eu tirei ela todinha daqui e botei pra li, mas só e Deus. Eu tirei um vão botei pra lá, tampei ao redor, fiz outro mais na frente, tampei tudinho... aí fui botando os "breguecim" pra lá

Entrevistadora: Como é que o senhor tirou assim? Tirou a terra?

Pai: Tirei a telha de cima e ai ia derrubando as parede, cuiendo (colhendo) a madeira...

Entrevistadora: Aí levava a madeira pra lá... pra montar tudo de novo?

Pai: E levava pra li... é

Entrevistadora: Limpar os terrenos, "coisar" os buraco...

Pai: Os buraco...

Entrevistadora: Começar a madeira e depois encher com terra...

Pai: É.

Entrevistadora: O senhor tava dizendo que a... a terra boa é a terra vermelha né pra fazer...(interrompida)

Pai: É a vermeia, o barro vermêi, é

Entrevistadora: Que pega lá perto do açude (interrompida)...

Pai: Pega lá encostado da casa de uma fia minha, que tem acolá na frente, a derradeira casa de lá.

Entrevistadora: Certo. E a madeira? Qual a melhor madeira assim, que o senhor (interrompida)

Pai: E a madeira, que a madeira mió que tem pra casa, é a madeira de arueira né... quando a rente (gente) arranja. Madeira de pau branco maduro também serve.

Entrevistadora: Mas aí é fácil de achar? Arranjar essas madeiras por aqui?

Pai: O sabiá. É não senhora, aqui num é não. Aqui tem madeira véa dessa casa véa que eu morei aqui, a madeira boa né, madeira antiga.

Entrevistadora: Que tá segurando aí até hoje...

Pai: Que tá segurando. As linha pelo menos as linha tudo é quase, quase é tudo da casa véa aqui. Madeira mais mió que eu já vi na minha vida....

Entrevistadora: Mas o senhor sabe o tipo dela... (interrompida)

Pai: E aguentar um tempo desse todim rapaz, que quando eu cheguei aqui, essa casa já tinha uns 60 ano de feita, que me disseram né... e aqui já vou com mais de 30! E as linha ainda tá aguentando rapaz, é madeira boa madeira madura de pau branco.

Entrevistadora: Aí o senhor vai só ajeitando assim a terra e reformando...

Pai: E reformando todinha é...

Entrevistadora: Entendi.

Pai: Isso.

Entrevistadora: Aí o senhor tem algum instrumento assim que usa pra construir, se tem enxada, se tem pá, se tem... (interrompida)

Pai: Não, meus instrumento de construir é enxada, é picarete pra cavar o barro né, carrim pra carregar o barro né... Aí a enxadinha pra fazer o barro pra colocar na parede né.

Entrevistadora: O senhor ainda tem essas ferramentas aqui guardada?

Pai: Rapaz pra num dizer que eu num tenho, tem um resto véi de picarete ali só o sabugo. Tem minha enxadinha de eu trabaiá né... tava limpando mato acolá... e tem uma pazinha véa, e o carrim.

Entrevistadora: Se perguntassem para o Senhor, o que é que não pode faltar pra construir uma casa de taipa? O que é que o senhor diria? Assim, o que é que não pode faltar...

Pai: O que não pode faltar é, tem que ter a enxada, tem que ter o picarete pra cavar barro, tem que ter o carrim pra carregar, pá pra encher o carrim... essas coisas não pode faltar, tem que ter. Se faltar, tá parado.

Entrevistadora: Aí já tá parado. E quanto tempo mais ou menos leva pra construir um casa, assim de taipa?

Pai: Rapaz depende do tamanho dela. Se for uma casinha assim mais maior é... pode levar... leva até mais de um mês né... por que dá um trabai (trabalho) danado. A gente... vê uma coisinha assim pequena... mas a senhora acredita que dá mais trabai de que um roçado grande.

Entrevistadora: A casa? Construir?

Pai: A casinha do tamanho dessa. Dá mais trabai.

Entrevistadora: Mas a casa do Senhor é grande...

Pai: Dá mais trabalho do que um roçado

Entrevistadora: É grande aqui...

Pai: Eu vi, eu cansei de ver meu pai dizer, e eu fui prestar atenção é mesmo. Dá tanto trabalho rapaz, o caba (cabra) pra levantar uma casinha que só vista mesmo.

Entrevistadora: E o senhor gostava de construir casa? Quando o senhor construía ainda...

Pai: ... Senhora, as veiz eu só fazia assim, que quando precisava né, a gente precisava né... ou uma pessoa tinha que fazer uma, chamava a gente, a gente ia né...

Entrevistadora: E o senhor gosta de morar na casa de taipa? Tem alguma diferença? (interrompida)

Pai: Eu acho melhor do que na casa de tijolo...

Entrevistadora: Mas o Senhor sabe dizer por que que é melhor?

Pai: Por que a casa de taipa é mais seguro de que a casa de tijolo.

Entrevistadora: É mais segura?

Pai: É!

Entrevistadora: Mas por que que é mais seguro?

Pai: Por que é mais seguro, por que ela é toda amarrada né... E a casa de tijolo, dessas que tão fazendo hoje em dia, é sem segurança...

Entrevistadora: É Bem fraquinha né?

Pai: É um tijolim atrepado em riba do outro, né. Mas as de primeiro tinha como ser mais seguro por que as parede tudo era drobado (dobrada) de fora, só de um tijolo era as de dentro e ainda tinha mais uma coisa, e os tijolo era desse tijolo réi comum, feito em grade. Essas de hoje... taí ó tijolim atrepado em riba do outro. Uma coisa dessa num tem segurança. O alicerce num tem pra começar... o alicerce dessa casa aí... num é mais que essa fundura aqui... longe da piçarra. Por que casa de tijolo pro camarada fazer como eu vi, quando eu era menino... né, morei num lugar aqui pra baixo... caba (cabra) fez um... um fi (filho) dum patrão do meu pai... fez uma casa de tijolo, mas as casas de tijolo de antigamente, era cavado até chegar lá na piçarra. Enquanto não chegava na piçarra, num deixava de cavar não, tinha que ficar na piçarra. E essa casa lá, tinha canto pro senhor vê quem tava dentro tinha que chegar no ... (não entendi)... no alicerçe. Por que a piçarra era longe. E essas de hoje não... cavou ali mei metro já tá bom.

Entrevistadora: Começou né?

Pai: É

Pai: Essa daí... Essa daí num te alicerce.

Entrevistadora: E o Senhor acha que tem alguma desvantagem de morar numa casa de taipa?

Pai: A desvantagem que tem, dessas que tão fazendo agora, que tem só um tijolim atrepado em ima do outro, desse daí (apontando para a casa de tijolos ai lado) é por que se não chegar na piçarra, fica uma casa sem segurança.

Entrevistadora: E na casa de taipa, tem algum (interrompida) problema?

Pai: A casa de taipa é toda amarrada, tem forquilha aqui, forquilha acolá... Por isso que eu digo que ela é mais segura.

Entrevistadora: O senhor acho que tem alguma coisa ruim de morar em casa de taipa?

Pai: Não eu acho é bom!

Entrevistadora: Se o senhor pudesse morar numa casa de taipa pelo resto da vida, o senhor moraria?

Pai: Eu morava.

Entrevistadora: De boa né, tranquilo?

Entrevistadora: Eu acho que é isso. O Senhor tem mais alguma coisa a dizer? Quer contar mais alguma coisa? Sobre as casas de taipa que lembra?

Pai: Rapaz... por enquanto eu num tô me lembrando não. Já tô ficando véi, tô me esquecendo das coisas (risos).

2 ENTREVISTA MESTRES “FILHO E SUA ESPOSA”

Entrevistado: “Filho e sua Esposa”

Entrevistadora: Stephane de Sousa e Silva Maia

Data: Dia 06 de março de 2020

Local: Quixadá, Ceará, Localidade Pote Seco

Método de entrevista: Gravado a partir do aplicativo de gravação de um aparelho celular

Duração: 06 minutos e 15 segundos

Filho: É assim, o total de casas que a gente fez?

Entrevistadora: É! Primeiro, na verdade, o senhor vai dizer seu nome, onde foi que vocês nasceram... também, se vocês sempre moraram aqui ou se vieram pra cá, quando vieram e o que é que vocês fazem atualmente, se vocês trabalham, se trabalham aqui, se trabalham lá em Quixadá.

Filho: Uhum...

Entrevistadora: Pode ir.

Filho: É... eu nasci ali perto de Quixeramobim, morei lá um bocado de tempo, aí... ‘viemo’ em 86 pra cá, aí nós... até hoje ‘tamo’ por aqui... a gente tá gostando né da ‘morada’ aqui. Já saí e já voltei de novo... é.

Entrevistadora: E você Esposa?

Esposa: [inaudível]... num gosto muito não mas to vivendo né, porque os ‘fi’ não ‘quer’ sair daqui, quer ficar por aqui mesmo e nosso trabalho aqui é assim, é quando aparece... quando não aparece [inaudível] nada.

Entrevistadora: Mas você veio com o seu Francisco (quis dizer Filho) pra cá? Em 86 também...

Esposa: Não.

Entrevistadora: Não?

Esposa: Me juntei com ele e vim pra cá em 95.

Entrevistadora: É...e aí com quem foi que vocês aprenderam a construir as casas de taipa?

Filho: Eu aprendi com meu pai.

Entrevistadora: Com teu pai, o seu Manoel né?

Filho: Aprendi com ele.

Entrevistadora: E a senhora, aprendeu com o seu Filho?

Esposa: Uhum.

Entrevistadora: Quando foi que, mais ou menos, vocês começaram a construir? Se o senhor lembra, assim, desde aquelas vilinhas que o senhor falou que construiu.

Esposa: A primeira? A primeira nós 'fizemo' em 97.

Entrevistadora: 97?

Filho: Foi, em 97.

Entrevistadora: Aí desde então vem fazendo, aqui acolá, quando o pessoal pede.

Filho: É.

Esposa: Assim, quando nós 'passa' um tempo num canto, aí tinha um probleminha nós 'saía', 'ía' pra outro canto, aí construía outra em outro canto e assim 'tamo' vivendo por aqui.

Entrevistadora: Vocês já ensinaram a alguém? Tipo assim, a construir... o senhor ensinou a Esposa né, a dona Esposa já ensinou a alguém?

Esposa: Não.

Entrevistadora: Ainda não (risos).

Esposa: Só meu 'fi' mesmo que ajuda.

Entrevistadora: Uhum. É... vocês tem vontade de, por exemplo, se alguém chegar aqui e perguntar "fulano, seu... seu Francisco o senhor... Filho o senhor... constrói ali uma casa pra mim de taipa", o senhor iria? Se a senhora iria também.

Filho: Vou na hora, o 'caba' chegar aqui e chamar pra ir... porque assim, as 'vez' o 'caba' não sabe fazer, 'alevantar' uma casinha de taipa né? Aí sabe... vê que a gente sabe aí vem chamar e a gente vai... [inaudível].

Entrevistadora: E como é que... e como é que começa, assim, eu tenho aqui um terreno... como é que eu vou fazer pra começar a construir essa casa? O que é que eu tenho que fazer?

Filho: A gente tem que ter uma linha...

Esposa: Tem que ter um [inaudível], cortar a madeira...

Filho: É, a gente corta a madeira aí a... pra fazer o 'caba' vai... tem uma linha aí faz a medida né? Aí ali onde a gente for botar uma 'forquia, a gente vai, cava um buraco... daí por diante né?

Entrevistadora: É... os materiais são, assim, tem algum material que é melhor pra fazer, alguma madeira que é melhor, algum tipo de terra que é melhor pra fazer, que dá certo e outros que não 'dá'?

Filho: Tem, sempre a gente só quer... só faz com a madeira de sabiá, aroeira, pau branco, é 'as madeira' que aguenta mais tempo né?

Esposa: E pra tampar é o barro.

Entrevistadora: Mas aí qualquer terra que eu pego, se eu pegar essa terra aqui (apontando) vai dar certo? Ou eu tenho... de onde é. mais ou menos, que eu tenho que pegar?

Esposa: Não.

Filho: Vai não.

Esposa: Tem que ser num canto que seja o barro...

Filho: É.

Entrevistadora: O barro vermelho?

Esposa: O vermelho ou esse outro roxo né?

Filho: 'Contano' que quando a gente bote ele na parede ele fique né? É... porque se num for, se for uma terra ariscada ela num vai ficar... é só pode ser se for o barro 'liguento' né? O 'caba' 'taca' um bolão de barro e ela fica.

Entrevistadora: Com a mão mesmo?

Filho: Com a mão mesmo.

Entrevistadora: E tem alguma ferramenta, assim, que eu tenho que... se eu for construir uma casa de taipa, eu tenho que ter alguma ferramenta, assim, específica pra ter?

Esposa: Tem, tem que ter a foice, o machado, o serrote, martelo...

Entrevistadora: Mas isso tudo aí eu vou fazendo o que?

Filho: Isso aí é pra pregar os 'prego'... aí...

Esposa: O machado e a foice é pra co... 'aparar' a madeira né? O serrote pra serrar os 'caibo' e o martelo pra pregar.

Entrevistadora: 'Aonde' é que vão os pregos, que eu ainda não...

Filho: A gente 'aprega' nas 'emenda' das 'linha' né?...

Esposa: E nas 'vara' [inaudível] no barro.

Filho: É, tudo é 'apregado'.

Entrevistadora: Uma vara na outra com prego?

Filho: É.

Entrevistadora: Num é amarrado não...

Esposa: Se quiser amarrar amarra com arame, senão com prego, mais seguro.

Manoel: Com prego é mais seguro.

Entrevistadora: Com prego é mais seguro, é?

Filho: É mais seguro.

Entrevistadora: É... em quanto tempo, mais ou menos, leva pra ficar pronta uma casa dessa aqui (apontando)?

Filho: Essa daqui eu fiz em...

Esposa: Nós 'fizemo' essa aqui em menos de um mês.

Filho: Eu fiz bem 'ligeirim', a 'negada' se 'adimiraro' (admiração)... Tá não (falando com outra pessoa)... Eu fiz bem 'ligeirim', a 'negada' se 'adimiraro' porque eu fiz essa casa ligeiro. Foi questão de... umas duas semanas, eu levantei ligeiro.

Entrevistadora: É...

Filho: Assim, eu levantei dois 'vão', aí depois eu fui no mato, tirei mais 'madeira', aí eu fui e levantei mais outro 'vão' pra cá.

Entrevistadora: Tá mais fácil tirar a madeira, assim, nessa época... tipo assim, se chove mais, chove menos, tem alguma coisa a ver? Tipo assim, pra tirar a madeira pra fazer?

Esposa: Tem, porque chovendo a mata fecha...

Entrevistadora: Fecha né? Aí fica...

Filho: É melhor a gente tirar a madeira sendo na época do verão, o 'caba' acha mais fácil...

Entrevistadora: E aí outra coisa que eu queria perguntar é se vocês gostam de morar na casa de taipa ou se preferem uma casa de tijolo, e qual... o que é que você acha bom e o que é que você acha ruim de morar numa casa de taipa?

Esposa: Gostar a gente num gosta não, mas a gente num tem condições de comprar outra em outro canto de tijolo, tem que ficar né na que a gente construiu né?

Entrevistadora: Uhum.

Filho: É... é bom uma casa de taipa, é ventilado... é bom... é seguro, aqui numa 'forquia' dessa aqui (apontando), a gente cava uns três 'palmo' de 'fundura'.

Entrevistadora: Uhum.

Filho: E ali a gente bota, soca e... é seguro.

3 ENTREVISTA MESTRE “JARDINEIRO”

Entrevistado: “Jardineiro”

Entrevistadora: Stephane de Sousa e Silva Maia

Data: Dia 10 de setembro de 2021

Local: Quixadá, Ceará, Localidade Vila Nova

Método de entrevista: Gravado a partir do aplicativo de gravação de um aparelho celular

Duração: 06 minutos e 55 segundos

Entrevistadora: O nome do senhor, completo?

Jardineiro: *Nome do entrevistado suprimido*

Entrevistadora: O senhor nasceu aqui em Quixadá ou não?

Jardineiro: [inaudível]... Capistrano de Abreu.

Entrevistadora: E veio morar aqui em quanto tempo?

Jardineiro: Tá com mais de... sessenta anos já.

Entrevistadora: Com quem foi que o senhor aprendeu a construir as casas de taipa?

Jardineiro: Quando eu vi o meu pai fazer.

Entrevistadora: E ele ensinou pro senhor?

Jardineiro: Ensinou, eu aprendi.

Entrevistadora: O senhor lembra quando foi que começou a construir?

Jardineiro: Eu tinha vinte e dois anos.

Entrevistadora: Lembra de... quantas casas o senhor já construiu?

Jardineiro: “Bem” umas oito.

Entrevistadora: E hoje em dia, ainda constrói?

Jardineiro: Não, agora... parei né... “num tô” mais fabricando casa de taipa mais né? “Tô” parado mesmo.

Entrevistadora: O senhor já ensinou para alguém? Como...

Jardineiro: É... quem trabalhou “mais” eu aprendeu né.

Entrevistadora: Eram seus filhos ou não?

Jardineiro: É, os meus filhos também trabalham... indo fazer eles fazem.

Entrevistadora: Eles moram aqui?

Jardineiro: Não, tem um que mora em Banabuiú e outro em Fortaleza.

Entrevistadora: “Tá”... as pessoas já chamaram o senhor para construir casa de taipa, por exemplo, um vizinho...

Jardineiro: Já, já.

Entrevistadora: O senhor poderia me dizer como é que a gente faz para começar a construir a casa de taipa, quais são as etapas?

Jardineiro: É... cava os buracos, marca a casa, cava os buracos, coloca as “forquia”... “acabar” coloca as linhas em cima, o “madeiral”, cobre e depois “envara”, “enxameia”, empurra para dentro.

Entrevistadora: É... qual é o melhor tipo de madeira, assim, para utilizar?

Jardineiro: A sabiá.

Entrevistadora: Sabiá? O senhor consegue fácil aqui?

Jardineiro: Não... tem fácil mas agora é mais difícil um pouco.

Entrevistadora: Agora é mais difícil?

Jardineiro: É do governo agora né? [inaudível]... “num” dá mais pau a ninguém.

Entrevistadora: E o tipo de terra mais apropriado?

[interrupção da conversa por terceiros]

Jardineiro: Pode continuar menina.

Entrevistadora: Pronto, eu estava perguntando sobre a madeira né e o senhor falou do sabiá.

Jardineiro: É.

Entrevistadora: Aí... tem algum tipo de terra, assim, que seja mais... melhor para construir?

Jardineiro: Sim... tipo da terra para construir a casa?

Entrevistadora: É, de onde é que tira, tem alguma que seja melhor que a outra.

Jardineiro: Para tirar a madeira ou a terra?

Entrevistadora: A terra.

Jardineiro: A gente para terminar de levantar o barraco... se um [inaudível] desse aí deixar, o cara levanta um barraco até do lado de uma casa dessa aí, dessa frente aí.

Entrevistadora: Mas aí como é que faz com a terra, você molha...

Jardineiro: O barro, né?

Entrevistadora: Isso, o barro.

Jardineiro: Sim, “bota” o barro para “custir”, cava e “bota” para “custir” só para... [inaudível] e enche as paredes.

Entrevistadora: Com a mão mesmo, é?

Jardineiro: Com as mãos.

Entrevistadora: É... tem alguma ferramenta, assim, que seja necessária?

Jardineiro: A enxada, uma pá ou então um “picarete”.

Entrevistadora: Quanto tempo leva, mais ou menos, para construir uma casa?

Jardineiro: Depende do tamanho da casa, né? Se for de dois “vão”, vamos dizer três “vãozim”... quinze dias “tá” pronta.

Entrevistadora: Quinze dias?

Jardineiro: Hum.

Entrevistadora: Ligeiro, e seca também nesse período?

Jardineiro: Seca.

Entrevistadora: Ora, “num” calor desses hein?

Jardineiro: É, é ligeiro.

Entrevistadora: O senhor gosta de construir as... gostava né de construir?

Jardineiro: Gostava de pegar no barro, viu?

Entrevistadora: Gostava né?

Jardineiro: Gostava.

Entrevistadora: E o senhor gosta de morar na casa de taipa?

Jardineiro: “Rapaz” as condições né...tem que morar em casa de taipa mesmo, já nasci debaixo de casa de taipa e continuo ainda, né?

Entrevistadora: Se o senhor pudesse mudar, assim, para uma casa de alvenaria, o senhor mudava?

Jardineiro: Mudava, se as minhas posses dessem né eu já tinha mudado, naquele tempo né.

Entrevistadora: É... quais são as maiores desvantagens, assim, de morar numa casa de taipa? Quais são, assim... de ruim?

Jardineiro: Eu acho que... casa de taipa o povo tem... tem deles que, nós mesmos “diz” assim que tem até mais segurança que uma casa de tijolo né?

Entrevistadora: Uhum.

Jardineiro: Que... ela não cai, a casa de taipa, a de tijolo quando cai é tudo duma vez né?

Entrevistadora: É, exatamente.

Jardineiro: E o barro vai caindo aos poucos, dá tempo o “caba” sair debaixo.

Entrevistadora: É verdade, ali na... lá no Pote Seco eu entrevistei o senhor Manoel, “num” sei se o senhor conhece.

Jardineiro: Sei.

Entrevistadora: E a dona Rita.

Jardineiro: Eu sei onde é.

Entrevistadora: Pronto, entrevistei ele lá também, e ele disse que a casa dele de taipa, é uma casa bem grande né? Uma da frente rosa.

Jardineiro: É, eu sei.

Entrevistadora: É... é mais segura do que a de alvenaria que ele...não sei se é a filha dele que construiu do lado...

Jardineiro: É, porque elas têm mais “rachos” (rachaduras) nos cantos né... fazia (som simulando a queda da casa) “duma” vez, essa aqui não, cai um pedaço “ói”... caiu isso aqui mais tarde eu vou e tampo, pronto é assim... a vantagem é essa né?

Entrevistadora: Exatamente. Já apareceu algum... barbeiro, inseto, essas coisas por aqui?

Jardineiro: “Rapaz” quando aparece a gente vai e dá uma “bombada” de veneno, aí desaparece.

Entrevistadora: Mas assim, aparece muito? Frequente?

Jardineiro: “Rapaz” “de primeiro” (antigamente) tinha muito mas... devido esses venenos que é [inaudível]... para matar alguma formiga aí entra “tu” (barbeiro) aí no meio viu?

Entrevistadora: Mas assim, ninguém adoeceu aqui não né? De...

Jardineiro: Que eu saiba não.

Entrevistadora: Na casa do senhor?

Terceiro: Também pelo próprio inverno né? Tem mais inseto.

Jardineiro: É.

Entrevistadora: Até porque se fosse uma de tijolo também ia ter os insetos.

Jardineiro: É, dá também.

Entrevistadora: É... o senhor sabe dizer se tem mais alguém, assim, que constrói casa de taipa por aqui? Pela localidade Vila Nova?

Jardineiro: Ah tem o... o rapaz que morava ali “tá” para a “rua” (sede da cidade), mora na “rua” (sede da cidade), um velho o nome dele é Zé Alberto, “tá” trabalhando na “rua” (sede da cidade), é para lá, ele fazia muito também.

Entrevistadora: Entendi. Acho que era isso, o que eu ia perguntar.

Jardineiro: Uhum.

Entrevistadora: Vou parar aqui...

4 ENTREVISTA MESTRE “AGRICULTOR”

Entrevistado: “Agricultor”

Entrevistadora: Stephane de Sousa e Silva Maia

Data: Dia 16 de setembro de 2021

Local: Quixadá, Ceará, Localidade Poço Verde

Método de entrevista: Gravado a partir do aplicativo de gravação de um aparelho celular

Duração: 9 minutos e 30 segundos

Entrevistadora: Como é o nome do senhor?

Agricultor: Meu nome é Agricultor [inaudível] da Silva

Entrevistadora: O senhor nasceu aqui ou veio morar aqui depois?

Agricultor: É nasci... sou daqui de Quixadá mesmo.

Entrevistadora: Daqui de Quixadá... É... o senhor trabalha com o quê? Com construção...

Agricultor: Não, no momento agora o meu trabalho é somente agricultura.

Entrevistadora: É... o senhor aprendeu com quem a construir casas de taipa?

Agricultor: Eu aprendi... eu aprendi com meus pais.

Entrevistadora: Com seus pais?

Agricultor: Foi.

Entrevistadora: É... e quando foi que o senhor começou a construir, o senhor lembra?

Agricultor: Me lembro né, porque desde eu criança (risos)... me lembro que desde eu criança que eu trabalho né, que eu ajudo meus pais né. Até eu na idade de dez, doze... de doze anos, treze anos prá lá que eu vivo nessa luta.

Entrevistadora: O senhor lembra quantas casas de taipa o senhor já construiu?

Agricultor: Já construí muitas.

Entrevistadora: Muitas?

Agricultor: Muitas.

Entrevistadora: Mais de dez, mais de vinte?

Agricultor: Mais de dez, é... muito mais.

Entrevistadora: Foi só aqui na localidade ou em várias outras?

Agricultor: Não, eu construí casas de taipa aqui, como a senhora “tá” vendo, construí casas de taipa aqui no Campo Novo, que na época chamava Gogó da Ema, que a gente sabe né... é Campo Novo hoje. Construí lá, mais ou menos, só no Campo Novo construí na base de umas treze casas... de taipa.

Entrevistadora: Treze casas lá?

Agricultor: Sim, de taipa né? Aí construí... aí construí aqui quatro... aqui.

Entrevistadora: Essa aqui era taipa e...

Agricultor: Taipa, aqui tudo era taipa.

Mulher: Fui cadastrada também para fazer que nem fizeram no Choró, “num” foi? No Choró fizeram um “rô” (muitas) de casas de... derrubaram um “rô” (muitas) de casas de taipa.

Homem: Essa... Essa é tipo... é... como é que se diz...

Agricultor: “Pera” aí [inaudível] deixa ela escrever...

Entrevistadora: Não, pode perguntar, diga.

Homem: Essa [inaudível] aí é “pra” quem tem casa de taipa fazer uma de tijolo? Ou não?

Entrevistadora: Não, a gente não é do governo, a gente é estudante mesmo, “pra” entender como é que “tá” a situação das casa de taipa na área rural.

Homem: Ah, é sobre rural né aí?

Entrevistadora: É. É... o senhor ensinou a alguém já, a construir casa de taipa?

Agricultor: Ensinei muito.

Entrevistadora: A quem? Mas o senhor lembra, seus filhos ou...

Agricultor: É, meus filhos, colegas né, amigos né.

Entrevistadora: O senhor ainda constrói casa de taipa ou já parou de trabalhar com isso?

Agricultor: É, na realidade eu parei né, parei por quê? Parei porque realmente aqui já foi cadastrado.

Entrevistadora: Uhum.

Agricultor: Passou um pessoal aqui e cadastraram as minhas casinhas de taipa “tudinha”, “pra” ser derrubada “pra” ser de tijolo. Só que isso daí morreu, ficou na promessa, entendeu né?

Entrevistadora: Entendi.

Agricultor: Aí nessa promessa aí a gente fica aqui... dentro... como é que se diz... a gente todo dia matando uma cobrinha dentro de casa, matando uma “carangueija” (caranguejeira), matando uma lacraia.

Homem 2: “Rapaz” se até em casa de alvenaria entra, imagine em casa de taipa.

Agricultor: Pois é, justamente né? Quando é no inverno... a gente é preciso “alimpar” ao redor de casa todinho, porque vai... a gente sabe que vai entrar muito inseto “pra” dentro de casa e por aí vai.

Mulher: Rato, barata.

Agricultor: Rato, muito rato, barata... tudo no mundo.

Mulher: Aqui já... já “coisou” (deve ser entrou) um “rô” (muitos) de rato aqui em casa.

Entrevistadora: É... agora eu queria saber, seu Agricultor, quais são as etapas, assim, “pra” construir a casa de taipa, como é que começa né, o que é que a gente faz primeiro e o que é que a gente vai fazendo “pra” construir a casa.

Agricultor: Certo. Bom... primeiro de tudo a casa de taipa a gente começa pela...pelo... pelo envaramento.

Mulher: “Forquia”.

Agricultor: A... a gente marca né... porque a casa de taipa, a marcação dela, é a mesma coisa da marcação da casa de tijolo.

Entrevistadora: Uhum.

Agricultor: A mesma coisa, o tamanho, a mesma coisa, a marcação, entendeu né? A partir daí a gente vai “pra”... partir pra “buraqueira” de... “pra” gente enxamear... né, enxamear é o “enxameei” que a gente... a altura que for a parede, vamos supor, a gente tem que cortar a madeira do tamanho dessa parede aqui né, “pra” gente poder enxamear e depois vir o envaramento. A partir daí a gente passa pro “tampamento” né, cavar barro, aguar barro né... e aí tampar.

Homem: Primeiro é as “forquia” né.

Agricultor: Não... aí eu “tô” botando tudo.

Entrevistadora: Pronto.

Agricultor: Aí ela entende, ela entende... é claro que tem “forquia”... aí diz já tudo porque é claro, é claro que a gente tem que armar, pega as “forquia”, botar a linha, tudo, é claro... e por aí vai. Aí depois disso daí a gente vai... como se diz... “embuçar”, “embuçar” o que é, você entende?

Entrevistadora: Não.

Agricultor: (risos)... Pois é, “embuçar” é isso daí “ó”, reboco.

Entrevistadora: Mas isso aí já é depois que bota...

Agricultor: É, depois que “tá” todo tampado assim, de barro. Aí é que a gente vai “embuçar” já pra evitar problema de cobra e... nas paredes, “pra” evitar esse tipo de coisa.

Entrevistadora: “Pra” “num” ter buracos né depois?

Agricultor: É, porque “pra” gente não “embuçar”, a gente sabe que ela fica toda cheia de... de brechas, de muita coisa, entendeu né?

Entrevistadora: Entendi. É... o... qual é, quais são os materiais, assim, quais são as ferramentas que o senhor acha que são principais “pra” construir a casa de taipa?

Agricultor: A ferramenta da gente trabalhar né?

Entrevistadora: Isso.

Agricultor: A ferramenta da gente trabalhar é a enxada, é a pá, é a alavanca, é a chibanca, é propriamente... a colher de pedreiro, é a linha... né, é a linha, é uma... é uma, como é que se diz... é uma trena... muita coisa “pra” gente trabalhar, “pra” gente construir, muita coisa. Aí o que mais? Carrinho (de mão)... tudo isso.

Entrevistadora: Uhum. É... o senhor quando construía a casa de taipa usava já madeira, assim, linha e ripa ou o senhor usava os troncos mesmo?

Agricultor: Não, não... é madeira da mata.

Entrevistadora: Da mata. E quais são as melhores, assim, “pra” construir? Qual tipo de madeira, assim, mais resistente...

Agricultor: É... a senhora diz a madeira melhor, com que a gente pudesse comprar...

Entrevistadora: Não, o tipo da madeira que você pegava na mata mesmo.

Agricultor: Sim, não aí é madeira é...na realidade “pra” nós aqui “pra” casa de tijolo a gente bota tudo, a gente bota madeira de marmeleiro, tá entendendo né? A madeira de pau branco, a madeira de angico, madeira de... São Jorge, é outra madeira que eu acho que vocês “num” conhecem porque... conhecem não.

Entrevistadora: São Jorge eu não conheço não. Só conheço até o angico.

Agricultor: Pois é, a madeira de... vamos supor... todo tipo de madeira, todo tipo de madeira.

Entrevistadora: Ainda é fácil de encontrar essas madeiras? Não né?

Agricultor: É não, tudo “tá” difícil.

Entrevistadora: Entendi.

Agricultor: Tudo “tá” difícil.

Entrevistadora: É... e o barro? O senhor tem algum específico que queira tirar, por exemplo, tem que ser de perto de açude ou pode ser do campo aqui.

Agricultor: Pode, pode, pode, pode ser de qualquer canto.

Entrevistadora: Qualquer canto né? Aí como é que faz com esse barro?

Agricultor: Contanto que seja um barro bom, vamos supor, um barro de... de liga... um barro que tenha liga porque bota na parede e lá ele fica. Se a gente for fazer o barro com que ele seja “areiento” ele não segura, ele desce todinho e é muito trabalho pra gente...

Rafael: Dá mais trabalho ainda.

Agricultor: É, demais, tem que ser um barro... vamos supor, o barro de [inaudível], vocês entendem o barro de [inaudível] né? O barro de [inaudível] é aquele que eu “tô” falando, o barro de... que tenha liga, a gente “taca” na parede e ele fica, que nem um chiclete.

Entrevistadora: Tem alguma coisa que o senhor acrescenta, assim, no barro “pra” ajudar nessa liga, tipo, palha ou...

Agricultor: Não, não é bom a gente botar não.

Entrevistadora: Seca muito né?

Agricultor: E tem que ser puro mesmo.

Entrevistadora: Pronto.

Agricultor: Agora puro assim né, porque vamos supor, a gente vai cavar o buraco aqui né, vou cavar um buraco aqui “pra” eu “tampar” uma parede dessa aqui... aqui esse material que

tem, vamos supor, a listra ali, ali a gente até junta tudo mas só que ele “num” enfraquece o barro não, porque é pouco, entendeu né?

Entrevistadora: Uhum. É... agora, o senhor gostava de construir casas de taipa?

Agricultor: “Armaria”, “inté” hoje.

Entrevistadora: Gosta?

Agricultor: Gosto, “inté” hoje gosto de trabalhar.

Entrevistadora: O senhor gostava de morar na casa de taipa?

Agricultor: Ave maria, melhor do que essa daqui.

Entrevistadora: É melhor? Mas quais são as vantagens, assim, comparando com...

Agricultor: Não, a diferença da casa de taipa “pra” casa de tijolo, a diferença que tem é somente que muda o nome, bom, aqui é casa de tijolo e aqui é casa de taipa, muda só isso aí mas o trabalho é o mesmo, entendeu né? O trabalho é o mesmo, o gasto é, bem dizer, o mesmo... agora só que a casa de tijolo (quis dizer de taipa) se torna melhor porque ela se torna uma casa mais fresca.

Entrevistadora: Uhum.

Agricultor: Entendeu né? Ela se torna uma casa mais fresca do que uma de tijolo.

Entrevistadora: A de taipa né? Que o senhor diz que fica mais fresca.

Agricultor: E depende também da altura.

Entrevistadora: Da altura, é verdade.

Agricultor: Né? também depende da altura.

Entrevistadora: É... o senhor conhece mais alguém que seja construtor, assim, de casa de taipa também?

Agricultor: De casa de taipa?

Mulher: Ali pro lado do Engano tem é muita gente.

Entrevistadora: Do Engano?

Agricultor: Ali “pra”... aqui tem um “avoadozim” aqui tem, tinha muita casa de tijolo (quis dizer de taipa), aqui tem muito “caba” que trabalhava com casa de taipa... aqui na frente.

Entrevistadora: Vou parar aqui.

5 ENTREVISTA MESTRE “PEDREIRO”

Entrevistado: “Pedreiro”

Entrevistadora: Stephane de Sousa e Silva Maia

Data: Dia 2 de dezembro de 2021

Local: Quixadá, Ceará, Localidade Engano

Método de entrevista: Gravado a partir do aplicativo de gravação de um aparelho celular

Duração: 4 minutos e 12 segundos

Entrevistadora: Onde foi que o senhor nasceu, foi aqui em Quixadá mesmo?

Pedreiro: Quixadá, é... fazenda Paraná, é Quixadá.

Entrevistadora: É... e o senhor mora aqui há mais de quarenta anos, é isso?

Pedreiro: É, eu cheguei aqui em oitenta (1980).

Entrevistadora: Com quem foi que o senhor aprendeu a fazer casa de taipa?

Pedreiro: Com meu pai.

Entrevistadora: Seu pai?

Pedreiro: Toda vida foi agricultor, nós.

Entrevistadora: Ele também era daqui?

Pedreiro: Meu pai? Era, [inaudível]

Entrevistadora: É... o senhor tem noção, assim, de quantas casas de taipa o senhor já construiu?

Pedreiro: “Rapaz”, construí não, em ajuda, a gente fazia a casa aqui mas é ajudando uns aos outros, “tá” entendendo?

Entrevistadora: Entendi.

Pedreiro: [inaudível], a gente morava com os “patrão”, aí uma época a gente teve que sair, quando começaram a construir casa nesse [inaudível], alguns ajudando os outros, aí várias casas aqui foi ajuda.

Entrevistadora: Entendi, então o senhor participou ajudando em várias né?

Pedreiro: Várias casas, umas casas dessas daqui, todos foi ajuda uns dos outros.

Entrevistadora: O senhor ainda constrói casa de taipa ou...

Pedreiro: Não, agora eu vivo doente, tenho problemas de pulmão, “tô” em tratamento.

Entrevistadora: Uhum, o senhor já ensinou alguém a construir casa de taipa? Algum filho, algum irmão.

Pedreiro: Não, nossos “irmão” mesmo...

Entrevistadora: Aprenderam todo mundo junto né?

Pedreiro: Exatamente.

Entrevistadora: É... qual é, como é que o senhor começa a construir a casa de taipa, quais são as etapas, o que é que faz primeiro, o que é que faz depois.

Pedreiro: Quando a gente já “tá” com a madeira ao menos pronta, cava os buracos “pra” poder dar início ao “madeiramento”, forquilha, linha, caibro, vara.

Entrevistadora: Qual é o tipo de madeira que... que usa “pra”...

Pedreiro: “Forquia” nesse caso aqui, linha que é isso aqui, caibro é esse, e aqui no lugar de ripa é vara.

Entrevistadora: Mas a madeira é... é aroeira é... de onde é, assim?

Pedreiro: Ah... na época aqui nós “tinha” era aroeira, agora não, é sabiá, marmeleiro.

Entrevistadora: Certo.

Pedreiro: Linha né, sabiá e “forquia” agora. Aroeira é difícil, “tá” difícil de madeira agora essa semana.

Entrevistadora: Certo, e a terra? Como é que faz o barro né, de onde é, qual é o melhor barro “pra” construir.

Pedreiro: Barro vermelho.

Entrevistadora: Barro vermelho? “Aonde” é que pega, mais ou menos?

Pedreiro: Aqui mesmo, por acaso essas casas aqui “foi” tirado nessas barreiras aqui mesmo, desse da pista mesmo.

Entrevistadora: É... quais são os instrumentos que o senhor... que precisa, assim, “pra” construir, precisa de pá, de...

Pedreiro: Enxada, pá, “picarete” que é o mesmo caso de chibanca, essas coisas assim.

Entrevistadora: Quanto tempo leva “pra” ficar pronta uma casa de taipa?

Pedreiro: Dependendo dos “vão” né? Tem elas “pequena”, tem grande, a dificuldade mesmo aqui “pra” construir uma casa dessa aqui... ninguém tem ideia porque nunca a gente pode trabalhar direto né, trabalha com ajuda de outras pessoas, é meio dia, meio dia, meio dia, ninguém tem nem a base, assim, de quantos “dia” pode “tá” pronta não, que demora tempo né, mesmo “num” trabalhando o dia todo, ninguém tem ideia porque um dá uma ajuda, outro dá outra.

Entrevistadora: O senhor gostava de construir as casas, participar...

Pedreiro: Com certeza, quando eu “tava” com saúde eu gostava.

Entrevistadora: E de morar na casa de taipa?

Pedreiro: Também, ainda hoje eu moro.

Entrevistadora: O senhor trocaria sua casa por uma casa de tijolo?

Pedreiro: “Rapaz”, no caso de hoje trocaria né, porque vários insetos, depende mais nisso aqui “ó” no barro né.

Entrevistadora: Sim, se tiver muita fissura né, muito buraco.

Pedreiro: Exatamente, tem mais como os insetos “perseguir” né, uma casa de tijolo já é bem diferente.

Entrevistadora: Mas a casa do senhor tem muito inseto? Aparece muito ou não?

Pedreiro: No caso que eu “tô” morando aqui há pouco, depois que a minha mãe faleceu, que tem uma outra casa lá em cima né? Que a minha mulher vive doente, num tem muitos insetos porque a gente cuida muito né? “Né” problema de água, negócio de mosquito essas coisas é bem... é bem diferente... do que essas aqui. A gente zela muito, mas que tem inseto tem, sempre tem.

Entrevistadora: Entendi.

Pedreiro: Tem que ir combatendo né?

Entrevistadora: Sim.